



MÁRCIO BARBOSA DE ASSIS

**A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE AÇÕES
PEDAGÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES**

**LAVRAS - MG
2020**

MÁRCIO BARBOSA DE ASSIS

**A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA
FORMAÇÃO DE LEITORES**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Linguagens, diversidade cultural e inovações pedagógicas, para a obtenção do título de Mestre.

Profa. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart
Orientadora

**LAVRAS - MG
2020**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca
Universitária da UFLA, com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Assis, Márcio Barbosa de.

A biblioteca escolar como espaço de ações pedagógicas para
formação de leitores / Márcio Barbosa de Assis. - 2020.

153 p.

Orientadora: Ilsa do Carmo Vieira Goulart.

Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de
Lavras, 2020.

Bibliografia.

1. Biblioteca escolar. 2. Formação de leitores. 3. Letramento
literário. I. Goulart, Ilsa do Carmo Vieira. II. Título.

MÁRCIO BARBOSA DE ASSIS

**A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA
FORMAÇÃO DE LEITORES**

**THE SCHOOL LIBRARY AS A PEDAGOGICAL SPACE TO STIMULATE
READING ACTIONS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Educação, área de concentração em Linguagens, diversidade cultural e inovações pedagógicas, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 7 de abril de 2020.

Profa. Dra. Helena Maria Fonseca

UFLA

Profa. Dra. Maria das Dores Soares Maziero

UNIFACP



Profa. Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart
Orientadora

**LAVRAS - MG
2020**

*Dedico este trabalho à minha esposa Luciana,
pela paciência, compreensão, apoio incondicional
e por acreditar em mim.*

*Aos meus filhos, Paula e Daniel, e também aos
meus pais, Walter e Arlete.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor e meu Deus, por providenciar todas as coisas para a realização deste mestrado.

À minha esposa Luciana, que em todo momento esteve ao meu lado, me impulsionando e sustentando com suas orações. Por todo auxílio prestado durante o curso de mestrado.

Aos meus pais, Walter e Arlete, que estão sempre torcendo e orando por mim.

Pelos “irmãos” da Fraternidade Católica Getsêmani, que me apoiaram com suas orações em todo esse tempo.

À nobre professora Dra. Ilsa do Carmo Vieira Goulart, pela orientação, paciência, disposição no auxílio deste trabalho, pelo respeito e constante incentivo, que foram imprescindíveis para meu êxito.

Às professoras que compuseram a banca examinadora, Dra. Helena Maria Fonseca e Dra. Maria das Dores Soares Maziero, pelas valorosas contribuições à minha formação e o enriquecimento deste trabalho. Sinto-me honrado por tê-las em minha banca de defesa.

A todos os entrevistados que me receberam gentilmente e contribuíram de maneira essencial para a realização deste estudo.

À Universidade Federal de Lavras - UFLA, ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e a todos os docentes do curso.

RESUMO

Considerando a biblioteca escolar como um espaço de formação de leitores e recurso pedagógico, esta pesquisa traz como questionamento: Quais as características de um profissional que atua em uma biblioteca escolar? Como se configuram as ações pedagógicas ou atividades de leitura desenvolvidas no espaço da biblioteca escolar? Diante disso, esse trabalho justifica-se pelo reconhecimento da biblioteca escolar como ambiente estimulador no processo educacional e pela necessidade das atividades ali desenvolvidas estarem integradas aos processos pedagógicos, participando efetivamente da construção do ensino e da aprendizagem, em relação à compreensão da leitura e da escrita das crianças e jovens nas escolas. Para isso, a pesquisa tem como objetivo identificar o perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas e as ações desempenhadas por eles, na rede municipal de ensino da área urbana de uma cidade localizada na região denominada Campos das Vertentes, no estado de Minas Gerais. Realizou-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, a partir de uma pesquisa de campo. Foi produzida uma revisão de literatura, no qual foram reunidos, classificados e ordenados textos acadêmicos que versam sobre a função da biblioteca escolar e seu papel como espaço de formação e mediação da leitura. Buscamos informações, assumindo como procedimento metodológico de coleta de dados um instrumento semiestruturado, de entrevistas, com profissionais que atuam nas bibliotecas das escolas urbanas da rede municipal de ensino de uma cidade da região dos Campos das Vertentes, em Minas Gerais, que nos permitiu conhecer quem é esse profissional que atua na biblioteca, qual é sua formação, o que o levou a atuar na biblioteca. A partir dos relatos de experiências, conhecemos as propostas pedagógicas em relação ao ensino da leitura desenvolvidas nas bibliotecas escolares, de modo a sinalizar as interações entre as práticas educativas desenvolvidas em sala de aula e as propostas dos projetos de leitura das bibliotecas. Para a sustentação das discussões teóricas, a pesquisa baseia-se nos estudos de Campello (2010, 2012), Colomer (2007, 2018), Cosson (2014, 2018), Durban Roca (2012), Gasque (2012), Oriá (2017), Perrotti (1990), Silva (1993, 1999, 2001, 2010) e Silva, Ferreira e Scorsi (2009), entre outros. Também nos propomos a nos orientar por diversos documentos oficiais, sobretudo documentos emitidos pelo Ministério da Educação. Para análise dos discursos das entrevistas, tomamos como procedimento a Análise Textual Discursiva, assim procedemos à unitarização, a partir de duas grandes “unidades de significado” ou “unidades de registros”, uma referente ao perfil do profissional que atua nas Bibliotecas Escolares, subdividida em aspectos que caracterizam o perfil e as motivações da escolha da função; outra que remete às ações desenvolvidas nas Bibliotecas Escolares, subdivididas em quatro dimensões, que contemplam a estrutura, organização de atividades, a formação de leitores e adequação do espaço físico. Concluindo a pesquisa, deparamos com professoras e técnico-administrativos amplamente empenhados nos serviços biblioteconômicos, embora, em sua maioria, sem nenhuma formação para tal. Percebe-se também grande zelo e esforço para atividades de letramento literário com os discentes, apesar do pouco investimento na formação desses profissionais, bem como nos espaços das bibliotecas, em relação ao acervo, ao mobiliário e equipamentos. Nota-se também a falta de empenho da administração pública por não prover esses espaços com profissionais formados para esse fim, no caso, bibliotecários. Por fim, esta pesquisa apresenta como produto final o desenvolvimento de um curso, como projeto de extensão, a ser ministrado aos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, a fim de subsidiar seus serviços, tanto no aspecto técnico da biblioteca, quanto para o letramento literário.

Palavras-chave: Biblioteca escolar, Formação de leitores, Letramento literário, Formação de professores.

ABSTRACT

Considering the school library as a space for the formation of readers and a pedagogical resource, this research raises the following questions: What are the characteristics of a professional who works in a school library? How are the pedagogical actions or reading activities developed in the school library space configured? Therefore, this work is justified by the recognition of the school library as a stimulating environment in the educational process and by the need for the activities developed there to be integrated with the pedagogical processes, effectively participating in the construction of teaching and learning, in relation to the understanding of reading and writing of children and young people in schools. For this, this research aims to identify the profile of professionals working in libraries and the actions performed by them. The study was conducted in the municipal education network of the urban area of a city located in the region called Campos das Vertentes, in the state of Minas Gerais. A qualitative, descriptive and exploratory research was carried out based on field research. A literature review was produced, in which academic texts were collected, classified and ordered that deal with the function of the school library and its role as a space for training and mediation of reading. We sought information, assuming as a methodological procedure of data collection a semi-structured instrument of interviews with professionals who work in the libraries of urban schools in the municipal education network of a city in the Campos das Vertentes region, in Minas Gerais, which allowed us to know who is this professional who works in the library, what is his background, what led him to work in the library. From experience reports, we know the pedagogical proposals in relation to the teaching of reading developed in the school libraries in order to signal the interactions between the educational practices developed in the classroom and the proposals of the reading projects of the libraries. To support the theoretical discussions, the research is based on the studies of Campello (2010, 2012), Colomer (2007, 2018), Cosson (2014, 2018), Durban Roca (2012), Gasque (2012), Oriá (2017), Perrotti (1990), Silva (1993, 1999, 2001, 2010) and Silva, Ferreira and Scorsi (2009), among others. We also propose to be guided by several official documents, especially documents issued by the Ministry of Education. For the analysis of the speeches of the interviews, we used the Discursive Textual Analysis as a procedure, thus proceeding to unitize based on two large “units of meaning” or “units of records”, one referring to the profile of the professional who works in School Libraries, subdivided in aspects that characterize the profile and motivations for choosing the job; another that refers to the actions developed in the School Libraries, subdivided into four dimensions, which contemplate the structure, organization of activities, the training of readers and adaptation of the physical space. In conclusion, we come across teachers and technical-administrative staff who are widely engaged in library services, although most of them have no training for this. There is also great enthusiasm and effort for literary literacy activities with students, despite the little investment in the training of these professionals, as well as in library spaces in relation to the collection, furniture and equipment. It is also noted the lack of commitment of the public administration for not providing these spaces with professionals trained for this purpose, in this case, librarians. Finally, this research presents as a final product the development of a course as an extension project to be taught to professionals who work in school libraries in order to subsidize their services, both in the technical aspect of the library and in literary literacy.

Key words: School library, Training of readers, Literary literacy, Teacher training.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tarefas e ações necessárias ao desenvolvimento da biblioteca escolar como recurso educacional e agente interdisciplinar de apoio pedagógico.....	31
Quadro 2 - Perfil dos profissionais entrevistados que atuam nas Bibliotecas Escolares. Dados em porcentagem.....	67
Quadro 3 - Formação acadêmica das professoras alocadas nas bibliotecas escolares.	67
Quadro 4 - Tempo de atuação em Biblioteca Escolar dos servidores do cargo de Auxiliar de Biblioteca.	71
Quadro 5 - Quantidade de profissionais em cada biblioteca e o tempo de funcionamento do setor.....	75
Quadro 6 - Estrutura da organização das Bibliotecas Escolares. Dados em porcentagem.....	77

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	POLÍTICAS PÚBLICAS: MARCO LEGAL PARA AS BIBLIOTECAS ESCOLARES	15
2.1	Legislação vigente sobre o livro e a biblioteca escolar	17
2.2	Missão e objetivos da biblioteca escolar	20
2.3	O uso da biblioteca escolar como recurso educacional	24
2.4	A escola e o bibliotecário/professor responsável pela biblioteca: uma importante parceria	28
3	A LEITURA E O LETRAMENTO LITERÁRIO	344
3.1	O letramento literário	37
3.2	Formação do leitor literário	41
3.3	A biblioteca escolar como espaço de leitura e de formação de leitores	48
3.4	Orientações oficiais sobre as práticas de leitura literária	50
4	PERCURSO METODOLÓGICO	57
4.1	Caracterização da pesquisa	57
4.2	Métodos e procedimento de coleta de dados	59
4.3	Contexto da pesquisa	600
4.4	As bibliotecas escolares	60
4.5	Sujeitos da pesquisa	61
4.6	Procedimentos de análise	62
5	ANÁLISE DOS DADOS: BIBLIOTECA ESCOLAR, DO PROFISSIONAL ÀS AÇÕES DE LEITURA	64
5.1	O perfil do profissional que atua nas bibliotecas escolares	655
5.1.1	A escolha de estar na biblioteca escolar	69
5.1.2	Relação de proximidade e de distanciamento dos profissionais das bibliotecas escolares com a leitura	722
5.2	Ações desenvolvidas nas bibliotecas escolares	74
5.2.1	Ações relativas à estruturação da biblioteca e suas atividades	74
5.2.2	Ações de colaboração/interação com as professoras	78
5.2.3	Ações relacionadas à formação de leitores	81
5.2.4	Ações relacionadas ao ambiente físico	87
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	93
	APÊNDICE A - QUESTÕES PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA ..	1011
	APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	102
	APÊNDICE C - PROPOSTA DE CURSO DE EXTENSÃO PARA PROFISSIONAIS QUE ATUAM NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES	134
	APÊNDICE D - ATIVIDADE DE LEITURA DESENVOLVIDA EM UMA BIBLIOTECA ESCOLAR	141
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO APROVADO PELO CEP-UFLA	148

1 INTRODUÇÃO

Por muitas vezes precisei justificar a outrem o motivo pelo qual optei por fazer minha graduação em Biblioteconomia, sendo que na época do vestibular desejava fazer o curso de graduação em Engenharia Mecânica. Sempre que questionado sobre o porquê da mudança, explicava o caminho que havia percorrido para me tornar um bibliotecário. Era explícito para quem me conhecia o fato de gostar de ler, de gostar dos livros e de querer tê-los em minha casa, em tão grande quantidade que meu quarto não comportava mais o volume de obras que eu possuía quando ainda era adolescente. Não foi só o desejo de guardá-los, mas, obviamente, a leitura tornava-se cada vez mais uma atividade contagiante, e eu era um leitor extremamente assíduo. A minha paixão pelos livros colaborou, de forma determinante, na escolha da minha profissão.

Depois de concluído o ensino médio, tinha o intuito de ingressar na universidade, especificamente no curso de Engenharia Mecânica, e, paralelamente aos estudos para o vestibular, iniciei um curso técnico de Processamento de Dados, pois gostava muito de desenvolver *softwares*, então acreditava que tal curso iria agregar meus conhecimentos nessa prática. Após seis meses de curso, fui convidado a participar de um processo seletivo na Biblioteca da Universidade Federal de Lavras (UFLA), na época Escola Superior de Agricultura de Lavras (ESAL), para atuar como estagiário na área de informática. Fui selecionado e comecei a estagiar na Biblioteca. Dada a convivência com os profissionais daquele ambiente, fui conhecendo e me interessando em estudar Biblioteconomia, sendo que ao me formar em Processamento de Dados, iniciei o referido curso superior. Permaneci como estagiário na UFLA por um ano e seis meses, quando me desvinculei da biblioteca para iniciar a graduação.

Quando acadêmico em Biblioteconomia, no quarto período do curso, fui convidado a trabalhar na biblioteca de uma universidade particular, com o propósito de informatizar o acervo da instituição. Na oportunidade, fui contratado como técnico de informática, para planejar e executar essa atividade. Concluí a graduação em Biblioteconomia em dezembro de 1999, época em que ainda trabalhava na universidade particular. No primeiro semestre do ano de 2000 fui convidado a passar para o cargo de bibliotecário e, em 2001, para ser o diretor daquele departamento - situações que assumi com gratidão e comprometimento.

Passados alguns anos, fui convidado a coordenar a Biblioteca Pública da cidade de Lavras. Essa foi uma grande experiência, pois pude lidar com diversas crianças, das mais variadas faixas etárias, conseguindo construir projetos que tinham como finalidade a promoção do uso daquele espaço e, principalmente, o desenvolvimento da atividade de leitura para as

crianças, procurando aproximá-las dos livros e do processo de letramento literário de maneira mais prazerosa, e não somente como uma exigência escolar. Com a ajuda de algumas professoras que tinham um grande talento para a narração de histórias, fizemos uma programação diária de atividades, como hora do conto, filmes, teatro de fantoches, entre outros programas. As professoras das escolas ligavam e agendavam a participação de seus alunos e, durante minha permanência lá, pudemos atender inúmeras crianças, envolvendo todas as escolas municipais e estaduais existentes na cidade. Permaneci nessa atividade por dois anos, sendo simultaneamente bibliotecário na universidade e na Biblioteca Pública.

Após mais alguns anos, fui convidado a planejar e estruturar uma Biblioteca Escolar, vinculada à universidade em que eu trabalhava. Pude então propor uma estrutura que fosse adequada às crianças de ensino fundamental e aos adolescentes do ensino médio, além de também orientar alguns profissionais que atuariam naquele espaço.

Embora minha prática atual seja numa universidade, há tempos vislumbrava a possibilidade de contribuir com as Bibliotecas Escolares, tanto na estrutura organizacional - através da guarda dos livros, recuperação dos materiais, nas pesquisas realizadas pelos usuários das escolas (professores, alunos e funcionários) - como na dimensão cognitiva e afetiva dos estudantes, colaborando na formação de sujeitos leitores, produzindo experiências positivas em relação à leitura e aos livros. Com esse objetivo, ingressei no Mestrado Profissional em Educação, com o intuito de pesquisar um pouco sobre o universo da Biblioteca Escolar, de conhecer a realidade das escolas municipais de um determinado município e, como consequência, propor um projeto de extensão que pudesse contribuir com a formação dos professores e dos profissionais que atuam nas Bibliotecas Escolares e, sobretudo, com as crianças, nesse processo de letramento literário.

Há esforços no âmbito das políticas públicas, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) em relação ao livro, e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), por meio dos quais o governo federal provê às escolas de educação básica pública com obras didáticas, pedagógicas e literárias, bem como com outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita (BRASIL, 2019b, 2019c). Tem-se nas bibliotecas escolares o espaço de gerenciamento das obras e de favorecimento de acesso à leitura, contribuindo para a formação de leitores.

Não vislumbramos a biblioteca como um espaço “fechado”, um ambiente em que somente são armazenados livros, revistas, jornais e outros materiais de leitura, com regras, regulamentos, técnicas e tecnologias, ou seja, um mero depósito. Mas entendemos a biblioteca como um espaço de formação de leitores e de mediação da aprendizagem, até mesmo como um

lugar sinalizador de mudanças nas escolas, um laboratório, não de equipamentos, nem de experimentos científicos, mas um laboratório de ideias, de experiências com a linguagem verbal, subsidiando potencialmente o processo de ensino-aprendizagem, contribuindo efetivamente na formação de leitores.

Embora seja conhecida a importância da biblioteca na escola e o seu papel na formação do sujeito leitor, pouco adianta à escola possuir um espaço adequado, com acervo abrangente, de obras clássicas e modernas, das mais variadas áreas do conhecimento, com equipamento e mobiliário funcionais, se não houver um profissional que possa gerenciar adequadamente estes recursos, contribuindo de modo efetivo para o ensino das crianças e jovens.

Pode-se pensar a biblioteca escolar como um espaço de interação entre aluno, professor e bibliotecário, como um ambiente privilegiado para a construção da educação (PERROTTI, 1990). Bezerra (2008) reafirma a concepção de um laboratório de aprendizagem, um espaço educativo, onde é oferecida e trabalhada uma variada gama de informações. Mas por que usar a expressão “laboratório”? A autora considera a denominação de laboratório, porque a biblioteca pode oferecer aos alunos e professores diversos materiais bibliográficos, com diversidade e qualidade, favorecendo possibilidades de conhecimento, procurando estimular os alunos a terem interesse em aprender através da leitura, ampliando assim práticas de letramento.

Para que as bibliotecas escolares possam oferecer uma estrutura física e um funcionamento das atividades de leitura desenvolvidas nesse espaço, qual é a formação adequada ou experiência exigida para se assumir a função de dirigir e coordenar esse espaço?

É notório que o bibliotecário é o profissional capacitado e habilitado a coordenar tal espaço, a aplicar as técnicas biblioteconômicas no armazenamento das obras, e, sobretudo, que é o profissional capacitado para atuar no processo de recuperação desse material, de modo que os usuários tenham acesso a ele de forma simples e rápida. Uma questão, no entanto, se coloca: é possível encontrar esses profissionais atuando na rede pública de ensino?

Sabe-se, também, que a função do bibliotecário está agregada ao trabalho desenvolvido pelos professores que atuam no processo de aprendizagem dos discentes, sugerindo atividades adequadas a cada tipo de realidade, a cada grupo de idade, produzindo momentos prazerosos aos alunos, estimulando-os à leitura, conduzindo-os ao conhecimento. Porém, como acontece ou se estrutura a formação desses professores para atuarem no espaço das bibliotecas escolares?

A lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, a qual trata da universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no Brasil, orienta que todas as instituições de ensino no país, públicas ou privadas, deverão ter uma biblioteca, e, ainda, que todas as bibliotecas contem com um profissional graduado, sendo ele um bibliotecário (BRASIL, 2010).

Considerando a biblioteca escolar como um espaço acadêmico e como potencialidade de recurso pedagógico, esta dissertação apresenta algumas questões: Quem é o profissional responsável pelo espaço da biblioteca escolar? Que formação esse profissional possui, com que habilidades? O que foi feito nos últimos três anos¹ em relação às atividades de leitura nas bibliotecas escolares, com vistas à formação do sujeito leitor? Quais as características de um profissional que atua em uma biblioteca escolar? Como se configuram as ações pedagógicas ou atividades de leitura desenvolvidas no espaço da biblioteca escolar?

Sendo assim, este trabalho investigativo justifica-se pelo reconhecimento da biblioteca escolar como importante instrumento no processo educacional, como espaço mediador que contribua para que as atividades desenvolvidas nesse ambiente estejam integradas às atividades pedagógicas, participando efetivamente do processo de ensino e de aprendizagem, oferecendo subsídios e informação aos professores e alunos, e estimulando os discentes à prática da leitura, de forma progressiva e prazerosa.

Nesta perspectiva, esta pesquisa tem por objetivo identificar o perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas e as ações desempenhadas por eles, na rede municipal de ensino da área urbana de uma cidade localizada na região denominada Campos das Vertentes, no estado de Minas Gerais. Realizamos uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, a partir de uma pesquisa de campo.

Como objetivos específicos, pretendemos: identificar os processos formativos e os motivos que levaram os profissionais a atuarem na biblioteca escolar; inventariar as atividades desenvolvidas em cada biblioteca e suas possíveis contribuições para a formação de leitores, no processo educacional; verificar o percurso de formação literária dos profissionais que atuam nesses espaços, para assim propor parcerias de cursos de formação.

A pesquisa desenvolvida tem uma abordagem qualitativa, devido a sua subjetividade e à valorização do ambiente dos sujeitos que constroem a realidade (LÜDKE; ANDRÉ, 2010), com caráter descritivo e exploratório, a partir de uma pesquisa de campo. Como procedimento metodológico, primeiramente foi feita uma revisão de literatura, com o intuito de ordenar diferentes textos acadêmicos que versam sobre a função da biblioteca escolar, sua missão e seus objetivos, considerando as políticas públicas que consolidam a importância da biblioteca nas escolas e seu papel como instrumento de apoio aos docentes, na construção da aprendizagem dos discentes e das ações dos profissionais que atuam nesse espaço.

¹ O tempo estimado teve como base a atual gestão da Secretaria Municipal de Educação.

Como procedimento metodológico para coleta de dados utilizamos um instrumento semiestruturado de entrevistas com os professores, bibliotecários e/ou profissionais que atuam nas bibliotecas das escolas para, deste modo, levantar quais escolas possuem um profissional bibliotecário; se não há um bibliotecário, quem é esse profissional que atua na biblioteca, qual sua formação?; esse profissional tem algum conhecimento sobre as técnicas biblioteconômicas? Teve alguma formação/instrução para desenvolver seus trabalhos nesse espaço? Se não é bibliotecário, o que o levou a atuar na biblioteca? Ouvimos relatos de experiências sobre os trabalhos desenvolvidos na biblioteca, buscamos identificar como se configuram as ações pedagógicas de ensino-aprendizagem, quais projetos são desenvolvidos nas bibliotecas, estes relacionados com o desenvolvimento da leitura.

Esta pesquisa tem como base os estudos de Campello (2010, 2012), Colomer (2007, 2018), Cosson (2014, 2018), Durban Roca (2012), Gasque (2012), Oriá (2017), Perrotti (1990), Silva (1993, 1999, 2001, 2010) e Silva, Ferreira e Scorsi (2009), entre outros. Também nos propomos a nos orientar por diversos documentos oficiais, sobretudo documentos emitidos pelo Ministério da Educação.

O trabalho está estruturado nas seguintes seções: introdução, o capítulo segundo que traz uma revisão teórica acerca das políticas públicas no Brasil em relação às Bibliotecas Escolares, com ênfase na missão e objetivos das Bibliotecas Escolares, bem como a importância desse espaço para o letramento literário e a formação de leitores nas escolas de ensino básico. O terceiro capítulo discute sobre o letramento literário e o ensino da leitura, com ênfase na Biblioteca Escolar como espaço de leitura e de formação de leitores. O quarto capítulo apresenta a metodologia empregada na pesquisa e no quinto capítulo foram apresentados os resultados e as discussões a partir dos dados coletados. E, por fim, as considerações finais.

2 POLÍTICAS PÚBLICAS: MARCO LEGAL PARA AS BIBLIOTECAS ESCOLARES

A lei nº 12.244², de 24 de maio de 2010, que trata da universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no Brasil, em seu artigo 2º define biblioteca escolar como uma “coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinado a consulta, pesquisa, estudo ou leitura” (BRASIL, 2010). Ampliando um pouco mais esse conceito, o manifesto da IFLA/UNESCO apresenta a biblioteca como uma “porta de entrada para o conhecimento, fornece as condições básicas para o aprendizado permanente, autonomia das decisões e para o desenvolvimento cultural dos indivíduos e dos grupos sociais” (INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS - IFLA, 1994).

O interesse e a preocupação com a biblioteca escolar como espaço e recurso indispensável às escolas no Brasil é relativamente recente, iniciando-se especificamente na década de 1930, através de um movimento de renovação da educação e do ensino no país, chamado “Escola Nova”. Um dos líderes desse movimento, o Prof. Anísio Teixeira, sustentava que cada escola deveria ter um espaço adequado e exclusivo para a pesquisa e a leitura. O movimento requeria a existência de uma biblioteca em cada escola e também outros recursos didático-pedagógicos (ORIÁ, 2017).

Atualmente, o Ministério da Educação (MEC) reconhece a necessidade e a importância da biblioteca escolar na escola, estando explicitado no Censo Escolar da Educação Básica de 2013 que a biblioteca escolar

disponível nas escolas tem importância fundamental no processo de aprendizagem. É recomendável que uma escola mantenha padrões de infraestrutura adequados para oferecer ao aluno instrumentos que facilitem seu aprendizado, melhorem seu rendimento e tornem o ambiente escolar um local agradável, sendo, dessa forma, mais um estímulo para sua permanência

² Em 6/2/2018 a ex-deputada federal Laura Carneiro (RJ) e a deputada federal Carmen Zanotto (SC) propuseram às Comissões de Educação e Constituição e Justiça e de Cidadania (CCJC) o Projeto de Lei nº 9484/2018, no qual consta em sua ementa a alteração da “Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, [...] para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE)”. Em 10 de outubro de 2019 a CCJC aprova a redação final do projeto de lei, onde se define biblioteca escolar como “equipamento cultural obrigatório e necessário ao desenvolvimento do processo educativo”. Consta no Projeto de Lei, como objetivo, a disponibilização e democratização da informação e do conhecimento nos diversos suportes existentes, e também de tornar-se um espaço de recursos educativos, além de encontro e lazer, entre outros (CARNEIRO; ZANOTTO, 2018). Esse Projeto de Lei adia para 2024 o prazo para consolidação da meta estipulada na Lei 12.244, que é de maio de 2020. Em 22/10/2019 o referido Projeto de Lei foi encaminhado ao Senado Federal para apreciação. Até o momento desta pesquisa, o Projeto de Lei está aguardando apreciação pelo Senado Federal.

na escola (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA - INEP, 2014, p. 33).

O governo federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), tem produzido esforços a partir de políticas públicas em relação ao livro, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), com o propósito de prover as escolas de educação básica pública com obras didáticas, pedagógicas e literárias, bem como com outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita (BRASIL, 2019b, 2019c). Iniciado em 1997, o PNBE propõe a promoção da cultura, incentivando a leitura, tanto aos alunos quanto aos professores, por meio da distribuição de obras literárias e de pesquisa para constituição de acervo nas bibliotecas escolares de todo o país. As bibliotecas escolares teriam o papel de ser o espaço de gerenciamento das obras e de favorecimento de acesso à leitura, contribuindo assim para a formação de leitores.

O PNBE tem como objetivo “fornecer aos estudantes e seus professores material de leitura variado para promover tanto a leitura literária, como fonte de fruição e reelaboração da realidade, quanto a leitura como instrumento de ampliação de conhecimentos”, destacando também como essencial, o “aprimoramento das práticas educativas entre os professores” (BRASIL, 2019b).

Recentemente, o governo federal editou o Decreto nº 9.098, de 18 de julho de 2017, em que faz modificações consistentes no Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), ampliando seu alcance para as escolas comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e que estejam conveniadas com o Poder Público. O art. 1º desse decreto expõe sobre a disponibilização de “obras didáticas e literárias, de uso individual e coletivo, acervos para bibliotecas, obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais [...], materiais de formação e materiais destinados à gestão escolar, entre outros materiais de apoio à prática educativa” (BRASIL, 2017a). Para Oriá (2017), embora haja uma ampliação do escopo do programa, entre os educadores e especialistas há um receio do esvaziamento do PNBE, tendo em vista que o novo PNLD já prevê a remessa de obras literárias e de referência para as escolas.

Alcântara (2013) destaca que a biblioteca escolar tem a função primordial de formar leitores e pesquisadores, além de conservação de seu acervo, o que fez da biblioteca uma guardiã de documentos (livros, revistas, jornais, materiais audiovisuais, sonoros, entre tantos outros tipos de suportes em que a informação pode ser armazenada). Originalmente, a palavra biblioteca é oriunda do grego *bibliothéke*, que significa “lugar onde se guardam os livros” (PIMENTEL; BERNARDES; SANTANA, 2007, p. 22); contudo, convém que a biblioteca

funcione como uma oficina de leitores, e não somente como um espaço onde os livros são armazenados e preservados (ALCÂNTARA, 2013; MENDES, 2012; MOURA, 2006). Milanesi (2002) apresenta a mudança que houve no início do século XX quanto à percepção da função da biblioteca, predominantemente de organização e armazenamento dos documentos para uma sistematização do acesso a essas informações.

Mello (1990 apud ALCÂNTARA, 2013) enfatiza a necessidade de estimular a utilização da biblioteca e de esta desenvolver habilidades para sua adequada utilização, pois a biblioteca escolar é um instrumento essencial para a aprendizagem, no que tange ao uso das diferentes fontes de informação e dos recursos tecnológicos, com o intuito de construir e adquirir o conhecimento, como destacam os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997a, 1998b), reconhecendo a biblioteca escolar como um espaço privilegiado para a aprendizagem, a ser explorado por professores e alunos. Os PCNs destacam que a biblioteca escolar é um excelente recurso para favorecer o processo de ensino e aprendizagem.

Contudo, é fundamental que o espaço da biblioteca conte com uma infraestrutura adequada de informação, composta por um acervo atualizado, preferencialmente informatizado, com acesso à internet e a bancos de dados, além de políticas de uso dos espaços e dos recursos e *layout* que propicie a aprendizagem, pois a biblioteca constitui-se como um importante recurso didático (GASQUE, 2012).

Para Oriá (2017) e Perrotti (1990) é fundamental que as bibliotecas públicas, comunitárias e escolares sejam fortalecidas e modernizadas, com o intuito de expandir e democratizar o uso do livro à população do país, de forma a desenvolver a leitura entre a população. Diante disso, na próxima seção se discutirá a respeito da legislação vigente, a respeito dos programas que tratam sobre o livro e a biblioteca escolar, com o intuito de fortalecimento das práticas de leitura promovidas nas escolas e suas bibliotecas.

2.1 Legislação vigente sobre o livro e a biblioteca escolar

Para contribuir e fomentar o acesso ao livro e a utilização dele, o governo federal dispõe de marcos regulatórios e legislativos para a política de biblioteca, do livro e da leitura, instituindo a Política Nacional do Livro e a Lei das Bibliotecas Escolares, através das Leis 10.753/2003 e 12.244/2010, respectivamente (BRASIL, 2003, 2010).

A Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003, em seu art. 1º apresenta o direito de acesso e uso do livro como meio fundamental e insubstituível da difusão da cultura e transmissão do

conhecimento, “do fomento à pesquisa social e científica, da conservação do patrimônio nacional, da transformação e aperfeiçoamento social e da melhoria da qualidade de vida” (BRASIL, 2003) a todo cidadão brasileiro e reconhece a necessidade e urgência de preparar a população com o uso do livro, para o progresso econômico, político e social desta, sendo o livro, portanto, fator essencial para a promoção da democratização do conhecimento.

O parágrafo único do art. 7º da Lei nº 10.753/2003 relaciona e atribui ao Poder Executivo a obrigatoriedade da implementação de “programas anuais para manutenção e atualização do acervo de bibliotecas públicas, universitárias e escolares” (BRASIL, 2003). Considerando essa exigência, o governo sanciona a Lei 12.244, de 24 de maio de 2010, que trata da universalização das bibliotecas nas instituições de ensino no país, garantindo que cada escola tenha uma biblioteca que possa atuar como importante aliado na aprendizagem das crianças e jovens, funcionando como um privilegiado equipamento cultural nas escolas.

Segundo Oriá (2017), a Lei 12.244/2010 representa um grande avanço quanto à infraestrutura das escolas, contudo essa realidade é quase uma utopia, por considerar que as políticas públicas não preveem condições reais para se efetivar a mencionada lei. O autor relaciona diversas lacunas quanto à operacionalização desta lei, como a ausência de dispositivos que produzam ou garantam seu cumprimento. Não constam na lei os responsáveis pela implantação das bibliotecas nas escolas, a designação dos recursos orçamentários, como serão criadas e outras instruções que são fundamentais para a efetivação da universalização das bibliotecas em todas as instituições de ensino no país.

Em 1º de setembro de 2011, o governo federal sancionou o Decreto nº 7.559, que apresenta o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), no qual aponta dispositivos referentes à importância da biblioteca para a promoção de uma sociedade mais democrática, pois considera o acesso ao livro e à informação mecanismos fundamentais para a formação da cidadania das pessoas. O PNLL “consiste em estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no País” (BRASIL, 2011).

Em 12 de julho de 2018, foi instituída a Política Nacional de Leitura e Escrita, através da Lei nº 13.696. No art. 1º a lei define a “Política Nacional de Leitura e Escrita como estratégia permanente para promover o livro, a leitura, a escrita, a literatura e as bibliotecas de acesso público no Brasil” (BRASIL, 2018), e no art. 3º apresenta como objetivos:

I - democratizar o acesso ao livro e aos diversos suportes à leitura por meio de bibliotecas de acesso público, entre outros espaços de incentivo à leitura, de forma a ampliar os acervos físicos e digitais e as condições de acessibilidade;

II - fomentar a formação de mediadores de leitura e fortalecer ações de estímulo à leitura, por meio da formação continuada em práticas de leitura para professores, bibliotecários e agentes de leitura, entre outros agentes educativos, culturais e sociais;

III - valorizar a leitura e o incremento de seu valor simbólico e institucional por meio de campanhas, premiações e eventos de difusão cultural do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas;

IV - desenvolver a economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao fortalecimento da economia nacional, por meio de ações de incentivo ao mercado editorial e livreiro, às feiras de livros, aos eventos literários e à aquisição de acervos físicos e digitais para bibliotecas de acesso público;

V - promover a literatura, as humanidades e o fomento aos processos de criação, formação, pesquisa, difusão e intercâmbio literário e acadêmico em território nacional e no exterior, para autores e escritores, por meio de prêmios, intercâmbios e bolsas, entre outros mecanismos;

VI - fortalecer institucionalmente as bibliotecas de acesso público, com qualificação de espaços, acervos, mobiliários, equipamentos, programação cultural, atividades pedagógicas, extensão comunitária, incentivo à leitura, capacitação de pessoal, digitalização de acervos, empréstimos digitais, entre outras ações;

VII - incentivar pesquisas, estudos e o estabelecimento de indicadores relativos ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas, com vistas a fomentar a produção de conhecimento e de estatísticas como instrumentos de avaliação e qualificação das políticas públicas do setor;

VIII - promover a formação profissional no âmbito das cadeias criativa e produtiva do livro e mediadora da leitura, por meio de ações de qualificação e capacitação sistemáticas e contínuas;

IX - incentivar a criação e a implantação de planos estaduais, distrital e municipais do livro e da leitura, em fortalecimento ao SNC;

X - incentivar a expansão das capacidades de criação cultural e de compreensão leitora, por meio do fortalecimento de ações educativas e culturais focadas no desenvolvimento das competências de produção e interpretação de textos (BRASIL, 2018).

Com a promulgação da Lei nº 13.696/2018, é notória a importância das bibliotecas como forma de acesso aos livros e outros suportes que promovam a leitura, bem como a necessidade de uma formação efetiva e continuada dos professores, bibliotecários e agentes de leitura, a fim de fortalecer a biblioteca como ambiente democrático de acesso ao conhecimento, para ações de leitura.

A Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, institui o Plano Nacional de Educação (PNE), que prevê estratégias para a implantação de bibliotecas escolares. Embora não apresente claramente alguma meta, o item 7.33 determina que o PNE deve:

Promover, com especial ênfase, em consonância com as diretrizes do Plano Nacional do Livro e da Leitura, a formação de leitores e a capacitação de professores, bibliotecários e agentes da comunidade para atuar como mediadores da leitura, de acordo com a especificidade das diferentes etapas do desenvolvimento e da aprendizagem (BRASIL, 2014).

Embora, com toda gama de decretos e leis que subsidiam as estratégias de políticas públicas relacionadas ao livro, à leitura e à biblioteca, na análise de Oriá (2017), há necessidade de maior articulação entre essas políticas, do livro e da leitura, com as políticas educacionais. Segundo ele, os legisladores poderiam ter estabelecido metas específicas no atual PNE, com o intuito de garantir a efetiva universalização das bibliotecas escolares no país.

2.2 Missão e objetivos da biblioteca escolar

De acordo com a IFLA (2000, p. 1), a biblioteca escolar tem a missão de promover “serviços de apoio à aprendizagem e livros aos membros da comunidade escolar, oferecendo-lhes a possibilidade de se tornarem pensadores críticos e efetivos usuários da informação, em todos os formatos e meios”. Estes precisam ser oferecidos, sempre, em parceria com os professores, pois

está comprovado que bibliotecários e professores, ao trabalharem em conjunto, influenciam o desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação (IFLA, 2000, p. 2).

Portanto, a biblioteca escolar tem o potencial de integrar todo o processo educativo das escolas, mas não como uma estrutura independente, a qual cria e executa projetos e tarefas desassociadas dos programas propostos nos currículos e na prática docente. A IFLA (2000) apresenta os objetivos da biblioteca escolar como sendo essenciais para a aplicação dos serviços básicos da biblioteca na escola, de forma a cumprir seu papel de apoio no processo de ensino e aprendizagem, na cultura, no uso da informação e no desenvolvimento da competência da leitura e escrita. Seguem os objetivos da biblioteca escolar elencados pela IFLA (2000, p. 2-3):

Apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;

Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;

Oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;

Apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;

Prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas ideias, experiências e opiniões;
Organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
Trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
Proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
Promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu redor.

É importante que essas funções apresentadas sejam exercidas nas bibliotecas, através do desenvolvimento de suas políticas e dos serviços disponibilizados pelos profissionais que atuam nesses espaços, sempre em consonância com o currículo escolar e o corpo docente. É fundamental que o currículo escolar, os professores e a biblioteca estejam ordenados para o desenvolvimento e a produção da leitura dos alunos, realizando atividades que provoquem o gosto pela leitura, que apoiem a aprendizagem das crianças, estimulando a conscientização cultural e social, que são essenciais para a formação da cidadania dos estudantes, com compreensão e sensibilidade.

De acordo com Moura (2006) e Vieira (2013), a biblioteca escolar tem como objetivo tornar-se o centro cultural e de leitura nas escolas, trabalhando concomitantemente com os alunos e professores de forma continuada, pois é um lugar privilegiado para se estimular o aprendizado e o gosto pela leitura, sempre procurando fomentar o interesse pelos livros e pela leitura. Hillesheim e Fachin (2004) veem a biblioteca como um elo entre professor e aluno, na promoção da pesquisa e da leitura, sendo um importante instrumento na formação educacional e cultural dos discentes.

Para Fragoso (2002) e Vieira (2013), a principal função da biblioteca escolar é dar apoio ao sistema educacional, contribuindo para o desenvolvimento do ensino. Para tanto, como compromisso assumido, deve-se disponibilizar material bibliográfico adequado, de forma organizada e acessível aos alunos e professores. Fragoso (2002), Neves e Ramos (2010) e Perrotti (1990) destacam a biblioteca como um centro ativo de aprendizagem, com foco no processo pedagógico proposto pela escola, sempre integrado à comunidade escolar, e não um espaço isolado, como se fosse apenas um depósito de livros.

Campello (2012, p. 7) enfatiza que a biblioteca escolar é “mais do que estoque de conhecimentos”, podendo “constituir-se em um espaço adequado para desenvolver nos alunos o melhor entendimento do complexo ambiente informacional da sociedade contemporânea”.

Durban Roca (2012, p. 24) destaca que:

[...] o que justifica a existência da biblioteca escolar não é a biblioteca em si como estrutura organizacional estável que proporciona serviços bibliotecários, mas seu uso como recurso educacional facilitador do desenvolvimento de processos de ensino-aprendizagem e de práticas de leitura, e, conseqüentemente, sua conceituação como agente pedagógico que apoia, de forma estável, o desenvolvimento do projeto curricular da escola.

Ratificando o exposto, Fragoso (2005) identifica a biblioteca como um centro de aprendizagem, sempre integrada ao processo pedagógico da escola, pois ela tem o compromisso de subsidiar a comunidade escolar com informação e leitura de qualidade, sempre de acordo com o contexto dos alunos. Segundo a autora, convém que a biblioteca priorize projetos de leitura, a partir de ações que produzam o interesse por sua utilização, sempre em consonância ao currículo escolar e à prática pedagógica dos docentes.

Por sua vez, Fragoso (2002) relaciona alguns objetivos da biblioteca, os quais entende como fundamentais, conforme segue abaixo:

cooperar com o currículo da escola no atendimento às necessidades dos alunos, dos professores e dos demais elementos da comunidade escolar;
 estimular e orientar a comunidade escolar em suas consultas e leituras, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de selecionar e avaliar;
 incentivar os educandos a pensar de forma crítica, reflexiva, analítica e criadora, orientados por equipes inter-relacionadas (educadores + bibliotecários);
 proporcionar aos leitores materiais diversos e serviços bibliotecários adequados ao seu aperfeiçoamento e desenvolvimento individual e coletivo;
 promover a interação educador-bibliotecário-aluno, facilitando o processo ensino-aprendizagem;
 oferecer um mecanismo para a democratização da educação, permitindo o acesso de um maior número de crianças e jovens a materiais educativos e, através disso, dar oportunidade ao desenvolvimento de cada aluno a partir de suas atitudes individuais;
 contribuir para que o educador amplie sua percepção dos problemas educacionais, oferecendo-lhe informações que o ajudem a tomar decisões no sentido de solucioná-los, tendo como ponto de partida valores éticos e cidadãos (FRAGOSO, 2002, p. 127).

Entre os objetivos essenciais da biblioteca escolar destaca-se a interação do bibliotecário com o professor e o aluno, sendo a biblioteca subsidiária de todo o processo de ensino e de aprendizagem, facilitando o acesso ao ambiente da biblioteca e, sobretudo, o acesso aos acervos existentes, de forma que o aluno possa desenvolver a habilidade de encontrar, selecionar e avaliar os materiais de leitura a serem utilizados.

Fragoso (2002) relaciona em duas categorias as funções as quais considera como fundamentais para um bom desempenho da biblioteca escolar, identificadas como função educativa e função cultural.

Na **função educativa**, ela representa um reforço à ação do aluno e do professor. Quanto ao primeiro, desenvolvendo habilidades de estudo independente, agindo como instrumento de auto-educação, motivando a uma busca do conhecimento, incrementando a leitura e ainda auxiliando na formação de hábitos e atitudes de manuseio, consulta e utilização do livro, da biblioteca e da informação. Quanto à atuação do educador e da instituição, a biblioteca complementa as informações básicas e oferece seus recursos e serviços à comunidade escolar de maneira a atender as necessidades do planejamento curricular.

Em sua **função cultural**, a biblioteca de uma escola torna-se complemento da educação formal, ao oferecer múltiplas possibilidades de leitura e, com isso, levar os alunos a ampliar seus conhecimentos e suas ideias acerca do mundo. Pode contribuir para a formação de uma atitude positiva frente à leitura e, em certa medida, participar das ações da comunidade escolar (FRAGOSO, 2002, p. 126, grifo nosso).

Caldin e Fleck (2004) concordam sobre a missão da biblioteca escolar, de desempenhar funções educativas, culturais e técnicas, sempre com o intuito de esse espaço se tornar um centro de informação, subsidiando as atividades curriculares da escola, sempre integrada à prática docente. As autoras discriminam essas funções como apresentadas na sequência:

Funções educativas: o fomento da leitura; o fomento da pesquisa; o desenvolvimento da criatividade; a educação para o lazer; a informação e orientação para a vida;

Funções culturais: promover, de forma interdisciplinar, diversas atividades culturais no espaço da biblioteca como exposições, concursos literários, saraus literários, feiras de ciências, entre outras; proporcionar informação sobre as atividades culturais externas à escola;

Funções técnicas: gerenciar e organizar os recursos informacionais; explorar esses recursos e difundi-los à comunidade escolar; facilitar o acesso a esses recursos (CALDIN; FLECK, 2004, p. 156, grifo nosso).

Contudo, para que se alcance os objetivos apresentados, entre outros quesitos é fundamental que a biblioteca tenha em seu comando um profissional habilitado para essas tarefas, que seja consciente e sensível às demandas dos docentes e discentes, mantendo a biblioteca atraente, utilizando as técnicas biblioteconômicas e pedagógicas para promover a construção do conhecimento, pois de nada serve uma bela biblioteca, com acervo adequado, espaço amplo e bonito, se não trabalhar concomitantemente com o corpo docente da escola, na busca contínua dos objetivos aqui expostos, ou seja, na produção da aprendizagem (FRAGOSO, 2002; PERROTTI, 1990).

É relevante ressaltar que o profissional habilitado, com competência técnica para a gestão da biblioteca escolar, como definido pela lei nº 4.084, de 30 de junho de 1962³ e pela lei nº 9.674, de 25 de junho de 1998 (BRASIL, 1962, 1998a), é o bacharel em Biblioteconomia; contudo, como é apresentado por Fragoso (2002), a maior parte das bibliotecas escolares no Brasil não conta com o profissional bibliotecário para administrar e desenvolver os trabalhos biblioteconômicos nesse espaço. Na seção seguinte serão discutidas as ações específicas da biblioteca escolar.

2.3 O uso da biblioteca escolar como recurso educacional

As Bibliotecas Escolares podem ser pensadas como ambientes estimuladores do aprendizado, contribuindo para a formação e construção do conhecimento dos alunos, proporcionando momentos de leitura, seja esta feita pelo aluno ou pelo professor, momentos estes que ajudam os discentes a desenvolverem suas aptidões, capacidades e habilidades e a se identificarem na sociedade como seres autônomos, criativos, capazes de contribuir com o meio em que vivem.

A biblioteca escolar ainda se mostra marcada por visões distorcidas de sua finalidade primordial, muitas vezes sendo vista como um lugar estático. Por isso, deixa de ser reconhecida como um ambiente dinâmico e interativo, com grande potencial de motivação à aprendizagem, capaz de promover a interação entre os envolvidos na instituição escolar, como os docentes, os discentes, os funcionários, estendendo uma interação, possivelmente, com a comunidade, constituindo um espaço acolhedor, agradável e prazeroso (GASQUE, 2012).

Na mesma vertente, tem-se a visão de que o cerne da biblioteca escolar está em subsidiar os professores e alunos com informação adequada e suficiente para fomentar a aprendizagem, estimulando e facilitando o acesso ao conhecimento construído nas salas de aula e na própria biblioteca (FRAGOSO, 2005).

Gasque (2012) enfatiza que a biblioteca escolar compõe o processo educacional, tendo um papel dinâmico e efetivamente participativo na escola, democratizando o acesso e o uso da informação. A autora destaca uma concepção e visão mais amplas de biblioteca como espaço integrado à escola, atuando ativamente e subsidiando toda estrutura de ensino e aprendizagem, em contraposição a outra visão distorcida, que é a de biblioteca como espaço isolado. Também

³ “O exercício da profissão de Bibliotecário, em qualquer de seus ramos, só será permitido: a) aos Bacharéis em Biblioteconomia, portadores de diplomas expedidos por Escolas de Biblioteconomia de nível superior, oficiais, equiparadas, ou oficialmente reconhecidas” (BRASIL, 1962, art. 2º).

Bezerra (2008) compartilha de tal concepção, ao dizer que a biblioteca tem a função de fornecer informações aos docentes e discentes, pois compreende que a biblioteca é um excelente recurso para subsidiar o conteúdo a ser desenvolvido nas salas de aula e no próprio espaço da biblioteca.

Britto (2016) compreende a biblioteca como espaço de encontros, de relações do ser humano com a arte, com a ciência, com a filosofia, a história, um ambiente efetivamente social e político, dinâmico, pois incita o pensar, a imaginação, a construção do conhecimento a partir da leitura e da reflexão. Para Britto (2016), Moura (2006) e Perrotti (1990), a biblioteca tem como princípio a formação do leitor e deve sempre contribuir para a construção do ensino e da aprendizagem, em plena parceria com os professores, de forma a levar os discentes a superarem seus limites, conscientizando-os de seu papel individual e coletivo dentro da sociedade em que está inserido.

Durban Roca (2012) levanta questões sobre a utilização da biblioteca escolar, constituída como recurso educacional, e as ações que podem ser feitas para viabilizar sua organização e promover o funcionamento, a partir do pressuposto de que a biblioteca favoreça o progresso de habilidades intelectuais e de práticas leitoras dos discentes. Considera ainda que a biblioteca na escola tem como fundamento o apoio ao desenvolvimento do projeto curricular, sendo esse aspecto primordial para justificar a existência da biblioteca.

A partir dos critérios do Manifesto da Unesco sobre biblioteca escolar (IFLA, 1994), Pimentel, Bernardes e Santana (2007) destacam que a biblioteca tem um papel preponderante no processo educacional, pois favorece o conhecimento mútuo, compartilhado, pois a educação e a aprendizagem não ocorrem unilateralmente, com o foco apenas no aluno, mas sim de maneira participativa, entre o professor, os alunos e os instrumentos que a escola proporciona, como a biblioteca.

Bezerra (2008), Campello (2010) e Durban Roca (2012) apresentam uma concepção de biblioteca democratizada, estando disponível aos estudantes não somente no horário escolar, facilitando seu acesso, procurando dar autonomia aos alunos para utilização desse espaço com todos os seus recursos e materiais oferecidos. A biblioteca pode incentivar a leitura, em seu próprio ambiente e nos lares dos usuários. Outro projeto a ser desenvolvido, segundo Durban Roca (2012), é em relação às necessidades especiais de seus usuários como, por exemplo, a compensação de desigualdades educacionais, sendo este um trabalho de grande impacto social. O que dá sentido à existência da biblioteca é sua utilização, tanto pelos alunos quanto pelos professores, aliás, pelos alunos com seus professores, assim ela exerce sua função de apoio aos processos de ensino e de aprendizagem. Os professores podem utilizar a biblioteca como uma estratégia didática, aplicada em situações específicas de sua prática.

Um acervo de livros por si só não se constitui em biblioteca escolar, pode-se configurar em apenas um amontoado de papéis. As bibliotecas trazem em seu bojo a ideia de espaço dinâmico e interativo, com a produção intelectual humana que visa à criação de conhecimento e à inovação em benefício da humanidade. Constituindo-se como um lugar de aprendizagem, as bibliotecas promovem a leitura, que, por sua vez, permite o diálogo com outras formas de pensamento, superando os limites de cada leitor e ampliando a visão de mundo (GASQUE, 2012).

Na mesma vertente, segundo Durban Roca (2012), Oriá (2017) e Perrotti (1990), a biblioteca escolar é vista como um recurso facilitador de processos de ensino e de aprendizagem. Tal perspectiva atribui à biblioteca escolar grande potencial para ser uma aliada no processo de ensino e de aprendizagem na escola, um espaço adequado para que seja desenvolvida a fruição da prática da pesquisa e, sobretudo, da leitura.

Nessa direção, Gasque (2012) considera a biblioteca de forma integrada à escola, ao seu currículo, compondo todo o processo educacional. A autora não compreende a biblioteca apenas como um espaço estático, onde os livros são guardados, mas de maneira dinâmica, atuante e efetiva, como parceira dos docentes, envolvendo-se na aprendizagem dos alunos. Contudo, a autora apresenta alguns elementos os quais considera fundamentais para que a biblioteca escolar seja altamente participativa no processo de ensino e aprendizagem, como segue:

- Multiusabilidade: os espaços são usados como salas ambientes, com *layout* apropriado, em que os vários recursos são disponibilizados simultaneamente, propiciando acesso a diferentes pontos de vista.
- Favorecimento da socialização: os aprendizes aprendem a conviver e a respeitar os outros de várias faixas etárias e características diferenciadas. Os espaços são diferenciados pela função, por exemplo, centro cultural, leitura, pesquisa.
- Integração do planejamento com a coordenação/assessoria pedagógica e professores: possibilita sistematicamente atividades de resolução de problemas, de fomento à leitura e programas culturais.
- Formação contínua: propicia aos profissionais da educação, bibliotecários, assistentes, estagiários e professores, fundamentação básica na área da educação e de biblioteconomia, a fim de concretizar uma proposta pedagógica voltada para a investigação e, em consequência, para a aprendizagem da busca e do uso da informação.
- Caráter pedagógico/cultural: entende os serviços técnicos da biblioteca somente como uma faceta que propicia a aprendizagem, não devendo ser a ação nuclear.
- Ações voltadas para o letramento informacional: como ação nuclear permeia os processos de ensino-aprendizagem. A orientação aos usuários e os programas de formação, por exemplo, devem ser estendidos aos professores e ter a cooperação deles.
- Prontidão no uso das novas tecnologias: como resultado do uso adequado e sistematizado dessas ferramentas (GASQUE, 2012, p. 156-157).

A ação nuclear da biblioteca, segundo Gasque (2012), é facilitar o acesso aos seus materiais, é subsidiar os alunos nos processos de ensino e aprendizagem, oferecendo um ambiente adequado e agradável, propício para que haja a socialização entre os alunos e professores, sempre com um caráter educacional e cultural.

A partir dos critérios apresentados por Gasque (2012), podemos pensar numa biblioteca a ser estruturada com *layout* e com recursos que favoreçam a convivência e o relacionamento dos alunos, que promovam um ambiente agradável para permanência deles, adequado à leitura, ao lazer, ao descanso, enfim, à socialização. Quando pensamos a leitura literária, é importante que esses princípios destacados sejam adequados, pois a leitura é uma atividade imbuída de afetividade.

À biblioteca cabe favorecer o acesso à informação, sendo mediadora nos processos de aprendizagem dos alunos, isto é, mais do que organizar a informação, a preocupação dos bibliotecários está em auxiliar os usuários a encontrá-la e usá-la. Assim, a biblioteca se torna um espaço ativo de aprendizagem, um ambiente em que as atividades promovidas se constituem em elementos atrativos para os usuários (CAMPELLO, 2010; GASQUE, 2012; PERROTTI, 1990).

Segundo Durban Roca (2012) e Perrotti (1990), a biblioteca escolar é de grande utilidade na construção do ensino e da aprendizagem, porque tem o potencial de facilitar o desenvolvimento de atividades pelas quais as crianças e os jovens podem aprender em situações de interação comunicativa. De acordo com Durban Roca (2012), essas situações podem ser de dois tipos: os trabalhos de pesquisa e as atividades de leitura. Essas duas situações possibilitam a interação com a leitura, com conteúdo de materiais diversos, impressos ou digitais, e, ao mesmo tempo, permite a interação e o diálogo entre o aluno e o professor, o que pode ocorrer individual ou coletivamente, e entre os colegas de aula, na elaboração de trabalhos em grupo ou nas apresentações daquilo que foi elaborado.

Durban Roca (2012, p. 33) relaciona algumas indicações para a implementação prática do uso pedagógico da biblioteca na escola.

A escola deve dispor de uma proposta estruturada de possibilidades de uso efetivo da biblioteca como recurso facilitador de aprendizagem e de práticas de leitura;

As atividades realizadas deverão se relacionar a atividades didáticas localizadas dentro do desenvolvimento curricular da escola e do cotidiano de sala de aula;

A proposta de utilização pode vir a partir de uma matéria ou disciplina, de uma área curricular ou até mesmo de um projeto interdisciplinar;
 A atividade pode ser encaixada no contexto de um nível educacional, um ciclo ou de um projeto mais geral da escola;
 É necessário estabelecer uma contínua interação entre sala de aula e biblioteca que remeta ao planejamento de atividades de acordo com o conteúdo dos projetos de trabalho.

Concebendo a biblioteca escolar como um elemento educacional, e não simplesmente como um elemento físico, percebemos a biblioteca como um instrumento com grande função de apoio pedagógico, de maneira interdisciplinar, pois tem como finalidade subsidiar o processo de ensino desenvolvido nas escolas, colaborando substancialmente para a qualidade do ensino. Por isso, a figura do bibliotecário ou do profissional responsável por atuar no espaço da biblioteca escolar é tema da seção seguinte.

2.4 A escola e o bibliotecário/professor responsável pela biblioteca: uma importante parceria

Ao apresentar a biblioteca escolar como um espaço privilegiado para a aprendizagem, Campello (2010) considera que o ideal seria a administração por um bibliotecário qualificado, com uma equipe adequada, treinada para fornecer serviços à comunidade escolar, constituindo-se em um espaço coletivo no qual sejam compartilhados recursos didáticos, em conformidade com as metodologias adotadas em cada escola (CAMPELLO, 2010; IFLA, 1994).

Embora seja uma regulamentação e uma proposição bastante discutida em diferentes ações das políticas públicas no Brasil, essa concepção não remete às condições reais de atuação dos profissionais nas escolas públicas. Bicheri e Almeida Júnior (2013) destacam que há grande incoerência entre a teoria (legislação) e a prática (realidade das bibliotecas), pois muitas bibliotecas escolares não contam com um profissional bibliotecário e, em muitos lugares, não são oferecidas estruturas para o desenvolvimento de atividades que possibilitem ou promovam uma atuação social conforme discutidos teoricamente e legalmente.

Atualmente, ocorre que nas bibliotecas das escolas públicas atuam professores ou funcionários administrativos, os quais procuram exercer o papel do bibliotecário, não tendo uma preparação ou algum tipo de treinamento para esta função (BICHERI; ALMEIDA JÚNIOR, 2013).

Durban Roca (2012) enfatiza que a biblioteca, ao ser implementada na escola, constitui um suporte à prática docente, com o objetivo de promover a concretização do currículo escolar,

com um planejamento que ordene suas atividades utilizando esse espaço. Pode ser considerada um recurso educacional e estar integrada aos projetos educacionais e curriculares da escola, sendo assim um elemento de apoio aos docentes, de forma a agregar os processos de ensino e de aprendizagem. Diante disso, a biblioteca na escola constitui-se como um recurso mediador nesse processo, o que atribui aos profissionais responsáveis por ela a função de colaborar com os professores, apresentando-se como referenciais quanto às questões relacionadas à formação literária, conteúdos de leitura e, sobretudo, na competência informacional (DURBAN ROCA, 2012; MOURA, 2006; PERROTTI, 1990).

Nesta perspectiva, a biblioteca pode se envolver efetivamente e com dinamicidade em ações que estimulem a leitura, através dos recursos próprios da biblioteca, como livros e outros instrumentos de leitura, pois como argumenta Durban Roca (2012), essa é a principal função da biblioteca escolar. Assim, a biblioteca torna-se um grande recurso na mediação dos processos de ensino-aprendizagem, pois assegura ações de valor pedagógico dentro da escola, propiciando um ambiente de aprendizagem. Tais argumentos conferem ao profissional responsável pela biblioteca a função de mediador do processo de formação de leitores. A autora destaca alguns elementos técnicos que contribuem nesse processo, como “instalações e equipamentos diferentes dos existentes em sala de aula, materiais de qualidade em variados suportes e pessoal de apoio que facilita os processos, dispensando materiais” (DURBAN ROCA, 2012, p. 26).

Durban Roca (2012) e Perrotti (1990) propõem que a biblioteca escolar conte com o apoio do professor, sendo que todas as estratégias promovidas pela biblioteca a fim de subsidiar o aprendizado dos alunos sejam feitas em íntima parceria com os professores, pois, afinal, é o professor quem estimula os alunos a utilizarem a biblioteca, promovendo significado aos estudantes. Uma das ações dinamizadas pelo profissional responsável da biblioteca pode ser o apoio ao trabalho dos professores, funcionando como instrumento pedagógico, dentro de uma ação curricular, atendendo demandas da prática docente.

Neste sentido, Durban Roca (2012) e Perrotti (1990) veem a biblioteca escolar como um recurso, não somente como um serviço oferecido às escolas. Para que os membros da escola tenham essa percepção, é necessário que haja um trabalho da biblioteca em consonância, com o currículo, o docente e os alunos. Para Durban Roca (2012), o bibliotecário ou profissional responsável tem grande contribuição no processo educacional, na implementação de serviços que sejam alinhados aos programas de ensino desenvolvidos na escola.

Para Bicheri e Almeida Júnior (2013), Moura (2006) e Perrotti (1990), a biblioteca escolar é o espaço privilegiado para a formação de leitores, sobretudo se favorecido pela parceria entre o professor e o bibliotecário. Na mesma direção, para Campello (2010, p. 15),

uma boa biblioteca possui coleção selecionada em função dos interesses da comunidade a que serve. Não é um amontoado de livros recebidos por doação ou enviados por órgãos governamentais que, embora com a melhor das intenções, não conhecem a fundo as necessidades da escola. Ela deve ser organizada de forma a permitir que o livro ou material certo seja encontrado com facilidade e rapidez.

Durban Roca (2012) e Neves e Ramos (2010) não compreendem a biblioteca somente como depósito de materiais, livros, ou até mesmo equipamentos, mas sim como um espaço de recursos, mesmo que a serviço da aprendizagem. Assim, o bibliotecário precisa considerar este espaço como uma ferramenta no contexto da aprendizagem, compreendendo que há interação dos seus recursos no processo de ensino e aprendizagem, como um instrumento aos docentes para o estímulo e aperfeiçoamento da prática da leitura, pois para Durban Roca (2012, p. 26), “a tônica deve ser posta na utilização da biblioteca como meio de ensino e não como serviço bibliotecário gerado por um centro de recursos”.

Bicheri e Almeida Júnior (2013) e Perrotti (1990) enfatizam que a biblioteca é um instrumento de desenvolvimento da cultura e também do currículo escolar, pois fomenta a leitura e, conseqüentemente, o aprendizado, estimulando a criatividade e a comunicação, sem perder seu perfil recreativo devido à diversidade literária que contém seu acervo. Descrevem ainda a necessidade de uma atuação mais eficaz do bibliotecário ou do responsável pelas ações deste espaço. Para Bicheri e Almeida Júnior (2013), pouco adianta a escola manter em seu recinto uma biblioteca bem localizada, com decoração atraente, com mobiliário adequado e tecnologia, com acervo atualizado e diversificado para atender a comunidade escolar, se na biblioteca não houver um profissional que esteja atento aos currículos escolares e não mantenha contínua interação com os docentes para que os serviços ali oferecidos sejam convergentes com os conteúdos desenvolvidos pelos professores. Um profissional engajado na escola, que se interessa pela formação dos alunos, que é participativo, comunicativo e criativo, de forma a agregar outros conhecimentos ao processo de aprendizagem dos discentes, sempre em consonância às propostas de ensino da escola e dos professores.

Durban Roca (2012) propõe algumas tarefas e ações para o desenvolvimento da biblioteca escolar como recurso educacional e agente interdisciplinar para apoio pedagógico, como apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Tarefas e ações necessárias ao desenvolvimento da biblioteca escolar como recurso educacional e agente interdisciplinar de apoio pedagógico.

Ações de apoio vinculadas à prática educacional (serviços, atividades ou programas) Dimensão Educacional
A biblioteca escolar é um agente interdisciplinar, catalisador de demandas educacionais que exigem o uso de materiais específicos vinculados a trabalhos de pesquisa e a atividades de leitura e escrita. 1. Ações de apoio para toda escola (localizadas em um contexto específico ou que se referem a uma necessidade da escola) <i>Apoio a projetos pontuais realizados na escola.</i> • Facilitar os materiais e os recursos necessários para a realização das atividades dos projetos. • Desenvolver ações em determinados aspectos dos projetos, colaborando para sua difusão e dinamização. <i>Dinamização cultural, aproximando escola e sociedade.</i> • Desenvolver atividades culturais ao longo do ano escolar em função de efemérides locais ou nacionais. • Promover e difundir atividades culturais do contexto social no qual a escola está inserida. <i>Função social como espaço aberto à comunidade educacional.</i> • Desenvolver ações de atendimento às desigualdades entre os alunos e a necessidades educacionais especiais. • Desenvolver ações e atividades de envolvimento das famílias na promoção da leitura. 2. Ações de apoio ao trabalho de sala de aula (localizadas dentro de uma atividade específica, dentro de uma sequência formativa determinada e em uma programação). <i>Apoio ao trabalho da área ou de sala de aula.</i> • Desenvolver ações e atividades de apoio às solicitações dos professores em relação a trabalhos de pesquisa ou resolução de problemas de pequena ou grande magnitude. • Facilitar as atividades de reforço educativo e de adaptações curriculares para o atendimento dos alunos com problemas de aprendizagem. • Desenvolver na biblioteca local autoaprendizagem das diferentes matérias. <i>Apoio na aprendizagem de habilidades para pesquisar e informar-se.</i> • Desenvolver ações de apoio referentes ao acesso e à melhor utilização dos distintos tipos de materiais, na formação básica de usuários da biblioteca. • Desenvolver ações de apoio na aplicação das etapas de trabalho intelectual para a realização de trabalhos ou projetos de pesquisa em uma matéria ou interdisciplinares. <i>Apoio no desenvolvimento de atividades de leitura e escrita.</i> • Oferecimento de recursos bibliográficos (material ou digital) para o uso dos diferentes tipos de textos. • Oferecimento de leituras literárias para a formação e experiência literárias.

Fonte: Durban Roca (2012, p. 27).

Das tarefas e ações apresentadas pela autora Durban Roca (2012), para que a biblioteca escolar se consolide como um efetivo recurso educacional, apoiando e subsidiando o processo pedagógico, destacamos a necessidade de a biblioteca realizar atividades culturais e para a

promoção da leitura, sendo que estas ações devem também envolver os familiares dos alunos, de forma que estes possam contribuir na formação e no desenvolvimento literário das crianças.

Contribuindo para ressaltar a importância do desenvolvimento da biblioteca na escola, Fragoso (2002) relaciona algumas atribuições a comporem a prática do profissional bibliotecário, como:

- a) participar ativamente do processo educacional, planejando junto ao Quadro pedagógico as atividades curriculares. E isso deve ser feito para todas as disciplinas, acompanhando o desenvolvimento do programa, colocando à disposição da comunidade escolar materiais que complementem a informação transmitida em classe;
- b) fazer da biblioteca um local descontraído, de modo a que os leitores se sintam atraídos para ela;
- c) estimular os alunos, através de atividades simples, desde o maternal, a se envolverem com propostas leitoras;
- d) estimular os educadores a vivenciarem a biblioteca da escola como um espaço pedagógico de educação continuada;
- e) proporcionar informações básicas que permitam ao aluno formular juízos inteligentes na vida cotidiana;
- f) oferecer elementos que promovam a apreciação literária, a avaliação estética e ética, tanto quanto o conhecimento dos fatos;
- g) favorecer o contato entre alunos de idades diversas;
- h) proclamar uma biblioteca para leitores solidários e não para leituras solitárias (FRAGOSO, 2002, p. 130).

É importante que o bibliotecário escolar participe do projeto pedagógico da escola, que esteja envolvido com os professores, com os alunos, também com os funcionários e familiares dos alunos, atuando de forma cooperativa e participativa em cada um desses grupos, procurando dinamizar o espaço da biblioteca para favorecer o processo de ensino e aprendizagem dos discentes, pois o bibliotecário tem a responsabilidade de mediar a relação entre a escola e a biblioteca, a produção do ensino que é realizada em sala de aula com o acesso à leitura, para que a aprendizagem seja potencializada. A parceria estabelecida pelo bibliotecário com os demais grupos envolvidos na escola pode proporcionar grandes benefícios para a própria comunidade escolar, benefícios oriundos da leitura. Assim como destaca Moura (2006, p. 23), em que “a leitura é considerada, por assim dizer, o cerne das ações profissionais do bibliotecário”.

O Ministério da Educação, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, menciona a biblioteca escolar como importante processo para a formação do aluno:

O papel da escola é fundamental, tanto no que se refere à biblioteca escolar quanto à de classe, para organização de critérios de seleção de material impresso de qualidade e para orientação de alunos, de forma a promover a

biblioteca [...], e a constituição de atitudes de cuidado e conservação do material disponível para consulta. Além disso, a organização do espaço físico, [...] deve garantir que todos os alunos tenham acesso ao material disponível. Mais do que isso, deve possibilitar ao aluno o gosto por frequentar aquele espaço, e dessa forma, o gosto pela leitura (BRASIL, 1997a, p. 61).

Apesar de todas as leis estabelecidas no sistema educacional do país, leis que atestam a relevância da biblioteca nas escolas e sua grande importância como instrumento pedagógico na ação de ensino e aprendizagem, Andrade (2013) apresenta, a partir de um estudo de caso envolvendo bibliotecas escolares em uma cidade do interior do estado de São Paulo, que o profissional bibliotecário, em muitas bibliotecas, não está envolvido nos projetos pedagógicos do ambiente escolar, e sua práxis pouco agrega no processo de aprendizado dos alunos, pois não há uma parceria junto aos professores.

Como forma de otimizar a utilização da biblioteca na escola, tornando-a efetiva no processo de ensino e aprendizagem, é necessário que a biblioteca tenha profissionais qualificados, que haja integração desses profissionais com toda a equipe docente, e que o projeto pedagógico da escola inclua a participação da biblioteca em sua ação pedagógica, não como um depósito de livros ou outros materiais, mas desenvolvendo um estreitamento na relação entre o bibliotecário, o professor e o aluno, produzindo e estimulando o processo de pesquisa e do letramento literário (ANDRADE, 2013; FRAGOSO, 2005; NEVES; RAMOS, 2010; PERROTTI, 1990).

A partir dos conceitos que evidenciam a biblioteca escolar como um ambiente privilegiado para a aprendizagem, como um campo fértil para a relação do aluno com a leitura, e ainda considerando a literatura como instrumento constitutivo e fundamental para a formação da criança como um leitor assíduo, culto, inteligente, criativo e crítico, trataremos, no próximo capítulo, especificamente do letramento literário e da formação do sujeito leitor.

3 A LEITURA E O LETRAMENTO LITERÁRIO

Iniciamos este capítulo com a concepção de que a biblioteca escolar tem como atribuição primordial armazenar e promover o acesso à informação, com destaque para a formação de leitores, desenvolvendo o letramento literário, de maneira a proporcionar a toda comunidade escolar, cultura, conhecimento e lazer, promovendo a cidadania e a autonomia na aprendizagem dos alunos leitores. Leitores que são formados, constituídos na escola, na sala de aula, na biblioteca, desenvolvendo a capacidade de perceber, conhecer e se consolidarem no mundo como sujeitos letrados, analíticos, críticos e perspicazes.

Segundo Ezequiel Theodoro da Silva, vivemos numa sociedade predominantemente letrada (SILVA, 2001), portanto, é essencial o domínio da letra para uma vida social efetiva e consciente, do papel individual e coletivo a que somos investidos. Não se trata somente do domínio da leitura, mas é mister a habilidade, a destreza na percepção e no entendimento do que se lê, para que ocorra a efetiva apropriação da escrita e de todo processo social a ela relacionada. A escrita está no centro da organização social, praticamente todas as transações perpassam, de alguma forma, pela escrita (COSSON, 2018), portanto tanto a escrita quanto a leitura, são fundamentais para que ocorra o exercício da cidadania (SILVA, 2001).

Não se compreende a leitura simplesmente como o ato de ver ou ler as letras do alfabeto e juntá-las em palavras (LUIZE, 2019), o ato de ler vai muito além dessa dimensão ou aspecto limitado, pois se trata de uma operação bem mais complexa do que decifrar os códigos da escrita, uma vez que tende a produzir uma interpretação que tenha sentido (BACCA, 2019; FREIRE, 2015; PERROTTI, 1990).

O processo inicial da leitura não é baseado apenas em palavras escritas, nem mesmo em imagens interpretadas, mas é desenvolvido a partir das experiências anteriores do próprio leitor, ao longo de sua vida, que é diversa de um ser para o outro (FREIRE, 1995, 1999). Portanto, vale dizer que a leitura pressupõe uma série de conhecimentos anteriormente adquiridos no cotidiano do próprio leitor, e que se dá desde o momento em que os olhos se abrem pela manhã. Da realidade cotidiana é que nasce o conhecimento de mundo, segundo Freire (1995, 1999), para, assim, direcionar-se ao conhecimento das palavras escritas.

Quando lemos uma mensagem escrita, reagimos a ela relacionando-a com nossas experiências e conhecimentos anteriores, concordando ou não com ela. Nesse sentido, podemos dizer que ler é o resultado da tensão entre leitor e texto (CAFIERO, 2010).

Ler é muito mais que decodificar; ler é atribuir sentidos, é compreender o texto e ser capaz de refletir sobre ele, criticá-lo e saber usá-lo na própria vida. Isso significa que o leitor

passa a ser um sujeito que atua socialmente, construindo experiências e histórias porque compreende o que está escrito a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos de mundo, tornando-se, portanto, sujeito ativo do processo (CAFIERO, 2010).

Para Soares (2012, p. 40), o sujeito letrado ou que está em processo de letramento não é somente “aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita”. De acordo com a autora, a leitura traz em si a condição de autonomia cultural do leitor e do desenvolvimento da cidadania. O professor Ezequiel Theodoro da Silva destaca que ler é um direito essencial a todos os seres humanos, sendo essa prática necessária para a sobrevivência na sociedade em que vivemos (SILVA, 2001).

Soares (2012, p. 39) diferencia o sujeito alfabetizado do letrado. Segundo ela, o “indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado é o indivíduo que vive em estado de letramento”, o que permite a interação com as diversas práticas sociais de leitura e de escrita; portanto, o letramento é muito mais que alfabetização.

Em sua definição sobre letramento, Soares (2012) traz algumas características, que apresentamos na sequência:

Letramento é prazer, é lazer, é ler em diferentes lugares e sob diferentes condições, não só na escola, em exercícios de aprendizagem. Letramento é informar-se através da leitura, é buscar notícias e lazer nos jornais, é interagir com a imprensa diária, fazer uso dela, selecionando o que desperta interesse [...]. É usar a leitura para seguir instruções para apoio à memória, para a comunicação com quem está distante ou ausente (o recado, o bilhete, o telegrama). É ler histórias que nos levam a lugares desconhecidos, sem que, para isso, seja necessário sair da cama onde estamos com o livro nas mãos, é emocionar-se com as histórias lidas, e fazer, dos personagens, amigos. É usar a escrita para se orientar no mundo, nas ruas, para receber instruções, enfim, é usar a escrita para não ficar perdido. É descobrir a si mesmo pela leitura e pela escrita, é entender-se, lendo ou escrevendo, e é descobrir alternativas e possibilidades, descobrir o que você pode ser (SOARES, 2012, p. 42-43).

Percebe-se que letramento vai além da alfabetização. Pela definição apresentada, letramento é um estado ou condição do sujeito que interage com a leitura e a escrita nos variados gêneros e funções que tanto uma quanto a outra exercem em nossa vida.

Silva, Ferreira e Scorsi (2009) comentam que na sociedade, de forma geral, acredita-se que a prática da leitura é importante, devendo ser estimulada e valorizada, contudo, ao analisar os dados apresentados pela pesquisa conhecida como “Retratos da Leitura do Brasil”, realizada

pelo Instituto Pró-Livro (IPL, 2016), percebe-se grande deficiência da população neste aspecto, pois nos dados de sua última edição, publicada em 2016, consta que os brasileiros leem pouco. A pesquisa apresentou uma média de 4,96 livros por habitante ao ano, sendo que ao especificar o tratamento da leitura de livros completos, esse índice cai para 2,43 livros por habitante ao ano. A pesquisa revela que 43% das pessoas no país não gostam de ler e nem se esforçam na leitura. Essa pesquisa é realizada desde 2001, em âmbito nacional, com o objetivo de avaliar o comportamento dos brasileiros em relação à leitura. É feita periodicamente pelo Instituto Pró-Livro (IPL), que tem como missão promover ações que transformem o país em uma sociedade de leitores.

Aliaga (2013) apresenta, em sua pesquisa, que o processo da leitura no país é bastante contraditório. Segundo ela, ao mesmo tempo em que a leitura é considerada indispensável devido ao seu grande valor como instrumento de conhecimento, parte considerável da população que passou pela escola tem baixo desempenho na leitura. Apesar das ações do governo para estimular a prática da leitura, dos esforços das escolas, universidades e centros culturais, o crescimento do número de leitores no país tem sido muito baixo.

Índices da pesquisa “Retratos da Leitura do Brasil” revelam representações negativas da leitura, encontrando-se relatos no documento como “a leitura ocupa muito tempo”; e ainda “a leitura é cansativa” (IPL, 2016, p. 132). Também repercute “a menção à falta de gosto pela leitura” (IPL, 2016, p. 133). A pesquisa traz como destaque algumas barreiras para a leitura, como a “falta de paciência e de concentração e os problemas de visão” (IPL, 2016, p. 133), apresentados pela população pesquisada.

Ao analisar os dados da pesquisa “Retratos da Leitura do Brasil”, trazemos também um dado importante, que é a relação do professor com a leitura. Na última edição da pesquisa foi apontado que 63% dos professores gostam de ler, 31% afirmaram que gostam pouco da leitura, e, por fim, 6% disseram não gostar de ler.

Considerando o professor como mediador na formação do leitor e da promoção do gosto pela leitura, a pesquisa “Retratos da Leitura do Brasil” destaca que a prática da leitura é uma construção que deve ser iniciada na infância, sendo “bastante influenciada por terceiros [...], uma vez que os leitores, ao mesmo tempo em que tiveram mais experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas, também promovem essa experiência às crianças” (IPL, 2016, p. 131).

Glória Durban Roca e Maria Betty Coelho Silva enfatizam que o mediador precisa ser um leitor (DURBAN ROCA, 2012; SILVA, 2010). Concordando com essa premissa, Lourenço (2010) afirma que para despertar na criança o gosto pela leitura é essencial que esse mediador,

sendo o professor, goste de ler e seja um leitor assíduo, pois trata-se de uma atividade que envolve a emoção e a afetividade.

Se quisermos formar leitores, é essencial que as crianças estejam envolvidas com a prática da leitura (BRASIL, 1997a), sejam estimuladas, que haja interação com o livro, com textos, independentemente de seu suporte, que ocorra a interação com a literatura, que a escola favoreça a leitura literária para os alunos, desenvolvendo “uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo [...] uma interação prazerosa” (PAULINO, 2014, p. 177).

Na sequência, serão abordados a leitura literária e o letramento literário como práticas que trazem em si o potencial de promover nas crianças a ação e o gosto pela leitura.

3.1 O letramento literário

Ao longo da história, o homem sempre se manifestou artisticamente a partir da palavra. Mesmo nas comunidades primitivas, em que não havia escrita, utilizou-se da poesia oral. Coutinho (1976, p. 8) diz que “a literatura é um fenômeno estético. É uma arte, a arte da palavra. Não visa a informar, ensinar, doutrinar, pregar, documentar”. Para o autor, a literatura tem o potencial de despertar no leitor um “tipo especial de prazer” que ele chama de “sentimento estético”. Esse sentimento é proporcionado pela leitura literária, o qual somente ela pode provocar, distintamente de textos informativos, críticos ou informacionais. Pode-se também perceber que a literatura cumpre o papel social de transmitir os conhecimentos e a cultura de uma comunidade, enquanto utiliza a palavra como unidade básica da língua, que é instrumento de comunicação (COSSON, 2018). Porém, a literatura faz o uso da língua, podendo quebrar as regras e os sentidos das palavras. O texto literário tende a ser o ponto de partida para a formação de um leitor crítico, para compreender e relacionar o que lê com o mundo que o cerca, perceber a diversidade de seus significados, refletir e também sentir e sonhar. Portanto, a leitura literária abre a possibilidade de compreender o mundo a nossa volta e agir de forma ativa e crítica na sociedade em que vivemos (CHAGAS, 2010).

Como o ser humano não nasce leitor, muito menos um leitor literário, ele precisa aprender a ler, e ler também a literatura, como destacado por Cosson (2018). A escola tem a missão de ensinar a ler; todo aprendizado cultural precisa ser ensinado e a escola tem essa função, tem o compromisso de ensinar a ler, de formar leitores. O autor comenta que o letramento literário, uma importante prática social, é responsabilidade da escola. Portanto, é de grande relevância que a leitura de textos seja tratada como o cerne das escolas, não somente a leitura técnica e orientativa das disciplinas, mas a leitura literária deve ser explorada, devido ao

seu considerável papel na vida pessoal e social das pessoas. A escola deve organizar a proposição das leituras sempre tendo em vista os objetivos da formação dos alunos, com o compromisso de estimular o conhecimento e a experiência desse saber, mas também com o cuidado de não extinguir o prazer da leitura (COSSON, 2018; MOURA, 2006).

Já que o leitor não nasce pronto, ele precisa ser conquistado, construído, de modo que a prática da leitura se torne uma rotina na vida dos alunos. Desde o nascimento as crianças são imersas em um mundo letrado e convém que a prática da leitura seja incentivada desde a infância, de modo que se prolongue por toda a vida, pois a criança que convive desde cedo com os livros e a leitura, possivelmente tornará essa prática parte de sua rotina, tornando-se um leitor assíduo (COSSON, 2018; GOBI, 2019; PERROTTI, 1990).

Para Abramovich (2005), o ideal é que os pais façam a iniciação das crianças no mundo da literatura logo que estas vêm ao mundo, conversando, mostrando livros, contando e/ou inventando histórias. Incentivar a criança a gostar e apreciar livros de literatura é um compromisso primeiramente da família, posteriormente complementado pela escola. No entanto, segundo Abramovich (2005) e Cosson (2018), o que se observa, em grande parte da sociedade é que a criança tem o primeiro contato com os livros e as práticas de leitura somente na escola.

Para melhor compreensão da expressão “leitura literária”, apresentamos a definição construída por Graça Paulino, do glossário CEALE. Segundo ela, a leitura literária é:

quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. O gosto da leitura acompanha seu desenvolvimento, sem que outros objetivos sejam vivenciados como mais importantes, embora possam também existir. O pacto entre leitor e texto inclui, necessariamente, a dimensão imaginária, em que se destaca a linguagem como foco de atenção, pois através dela se inventam outros mundos, em que nascem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções (PAULINO, 2014, p. 177).

Segundo Coutinho (1976), a leitura literária tem o intuito de destacar o aspecto estético e moral dos textos, desenvolvendo a prática da leitura de forma a estimular o prazer pela mesma. A visão de Paulino (2014) corrobora com a de Coutinho (1976, p. 9), pois, segundo ele, “a literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas que são os gêneros e com os quais ela toma corpo e nova realidade”. Esse movimento de recriar a realidade estimula a imaginação, produzindo emoções, a partir da interação com os textos (ZILBERMAN, 1999).

Vale também ressaltar que a literatura contribui, em outros aspectos, com o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, na apropriação do vocabulário, e na construção de conceitos e valores (GOBI, 2019; ZILBERMAN, 1999).

Cosson (2018) destaca a leitura literária como objeto de interação entre o autor, o texto e o leitor, permitindo o despertar da criatividade e da imaginação, pois cada leitor constrói novos sentidos para o texto.

Zilberman (1999, p. 37) também contribui para essa dimensão da leitura literária, ao dizer que ela traz não somente a aquisição do saber, mas desencadeia “um processo de democratização do saber e acesso maior aos bens culturais”, provocando uma transformação no leitor. O ato de ler vai além da apropriação da realidade, ele insere o leitor numa nova perspectiva de vida, possibilitando a atribuição de novos sentidos para as relações, com criticidade, criatividade e emoção. Assim, o letramento literário tem um papel fundamental no processo educativo das escolas, como mencionado por Cosson (2018).

A escola tem a função de auxiliar as crianças na leitura, oferecendo a elas instrumentos necessários para a compreensão e articulação dos textos, facilitando seu entendimento, pois só assim será possível o desenvolvimento do gosto pela leitura (COSSON, 2018).

Nessa relação de vivência do ato de ler, Freire (1995, p. 20) entende que “a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Nesse sentido, a leitura se transforma em uma prática de formação do indivíduo, pois a leitura e releitura do mundo assumem um caráter crítico e questionador, possibilitando ao leitor a construção do conhecimento sobre a cultura e a sociedade em que vive, para que possa agir reflexivamente (COSSON, 2018).

Considerando a importância da leitura literária, seu ensino e sua prática, como tratado por Cosson (2018), apresentamos a definição deste autor para letramento literário. Para ele, letramento literário é a relação com o texto literário, que não é somente ler o texto, mas uma apropriação que o leitor adquire dos sentidos do texto, de realizar a construção do texto e dos seus sentidos. A escola tem a missão de constituir leitores proficientes, que promovam a integração entre o leitor e o texto.

Para Cosson (2014), o letramento literário “é o processo de apropriação da literatura enquanto linguagem”. Ele explica cada termo dessa definição para que se possa compreendê-la. Inicialmente com a palavra processo, ele quer dizer que o letramento literário é algo que sempre estará inacabado, pois está em movimento, dando a ideia de continuidade. Segundo ele, o letramento literário tem início com as “cantigas de ninar” e perdura por toda a vida, quando

lemos um romance, ao assistir a um filme ou a uma peça de teatro. Seguindo sua definição, tem-se a palavra *apropriação* que, segundo ele, é o “ato de tomar algo para si, de fazer alguma coisa se tornar própria [...], de internalizar ao ponto daquela coisa ser sua”, e ele continua explicando que isso se dá quando sentimos ou entendemos algo, “quando lemos um poema e ele nos dá palavras para dizer o que não conseguíamos expressar antes”. Ou, ainda, quando na leitura de um texto aprendemos com um personagem. Por fim, a linguagem, ou especialmente a linguagem literária, tem o potencial de produzir sentidos e experiências a partir da interação com a palavra.

A leitura literária tem a faculdade de despertar sentimentos no leitor que, segundo Cosson (2018, p. 28), é como se fosse uma “experiência mística”, e por ser assim se torna inefável, pelo fato de não ser possível definir tais sentimentos que são produzidos no leitor. Também não significa que a leitura seja um ato isolado, pois “o efeito de proximidade que o texto literário traz é produto de sua inserção profunda em uma sociedade, é resultado do diálogo que ele nos permite manter com o mundo e com os outros”. Portanto, a leitura amplia nossas percepções da realidade de mundo e permite ao leitor produzir sentidos diversos para o texto, criando um diálogo com o mesmo.

Outro aspecto que Cosson (2018, p. 29) evidencia é a análise literária. Segundo ele, a análise literária “toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos”, produzindo uma interação entre o texto e o leitor. De acordo com o autor, quando ocorre o diálogo entre o texto e o autor, efetiva-se a leitura literária.

Cosson (2014) destaca quatro características que, segundo ele, são fundamentais para que o letramento literário seja efetivado. Inicia enfatizando que é fundamental o contato do “leitor com a obra”, o aluno deve ter acesso às obras literárias, deve haver uma interação leitor-livro. A segunda relação é com os outros leitores. Ele fala de construir “uma comunidade de leitores”, o que pressupõe um ambiente em que ocorra o “compartilhamento de leituras” e a “circulação de textos” entre os alunos. Como terceiro passo, o professor deve estar atento e aberto às diferentes manifestações culturais apresentadas pelos alunos, assim como aos diversos meios e suportes em que os textos podem ser registrados; ele chama essa característica de “ampliação do repertório literário”. Por fim, o professor deve oferecer “atividades sistematizadas e contínuas” para produzir o desenvolvimento “da competência literária”, constituindo dessa forma o leitor literário.

O letramento literário, segundo Cosson (2018), é extremamente importante no processo educativo dos alunos, por incitá-los a ir além da simples leitura. O autor afirma que a leitura

literária contribui para que o aluno leia melhor, compreenda melhor o que lê, possibilitando o desenvolvimento da prática da leitura, estimulando o gosto por ela, mas, sobretudo, porque oferece algo que vai além do que outros tipos de leitura podem propiciar: “instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem” (COSSON, 2018, p. 30).

Por fim, simplesmente ler uma obra não outorga ao sujeito o caráter de ser um leitor literário, de forma a fazer a real experiência que a leitura pode lhe proporcionar. Como já mencionado, ninguém nasce sabendo ler literatura, precisa ser ensinada, de maneira bem orientada, para que os alunos possam ir além da simples leitura dos textos. Essa superação depende, em grande parte, da forma como o professor ensina e desenvolve a leitura literária com seus alunos. Para a formação do leitor literário é necessário que o professor saiba criar condições adequadas e eficientes do encontro entre o aluno e a literatura, produzindo com os docentes sentido para os textos lidos. Essa responsabilidade cabe à escola, de ajudar a ler melhor, a compreender o que é lido, a possibilitar a prática da leitura com instrumentos e práticas oportunas para o desenvolvimento de leitores literários (COSSON, 2018).

Nessa perspectiva, trataremos sobre a formação do leitor literário no próximo tópico.

3.2 Formação do leitor literário

Atualmente, há uma convicção na sociedade de que a leitura é uma importante atividade, a qual deve ser cultivada e praticada por todos. Silva, Ferreira e Scorsi (2009) relatam que na atualidade existe grande valorização da prática da leitura, uma conscientização sobre sua importância e a necessidade de desenvolver, de cultivar essa atividade, sendo que a escola tem o papel fundamental de colaborar com essa prática.

Como já apresentado por Cosson (2018), a leitura literária tem a incumbência de contribuir para uma leitura mais efetiva, possibilitando ao leitor o gosto pela mesma. Cabe à escola desenvolver práticas e instrumentos adequados que propiciem aos alunos habilidades e competências para a articulação dos códigos da escrita da linguagem, pela qual somos envolvidos em todos os ambientes.

Sabe-se que o leitor não nasce pronto, e que o fato de o sujeito não saber ler o impede de ser um leitor literário, ou um leitor proficiente. A leitura não se desenvolve como se fosse um dom ou um talento individual, ela é uma prática social que necessita de condições objetivas para ser efetiva, conforme destaca o professor Ezequiel Theodoro da Silva (SILVA, E., 1999). Cosson (2018) afirma que, para o sujeito se tornar um leitor maduro ele precisa realizar leituras

mais complexas, de forma progressiva, como se se desafiasse com leituras mais intrigantes. E o papel do professor é essencial nesse desenvolvimento, de promover o crescimento e o amadurecimento do leitor, ampliando seus horizontes de leitura.

Segundo Cosson (2018) e Zilberman (1999), toda escola deve ter um plano ou programa de leitura, um planejamento anual que visa ser um guia para toda a comunidade escolar, no qual estejam envolvidos o professor, o aluno, os pais, incorporando a escola como um todo, de forma a sistematizar o desenvolvimento do leitor. Se se almeja ter alunos leitores, a equipe pedagógica precisa mostrar que também é formada por leitores.

Os programas de leitura escolar precisam ser de toda a escola, todos devem estar envolvidos. Ainda, segundo Cosson (2018), ser leitor não é um ponto que se alcança e tudo está finalizado; trata-se de um processo pelo qual todos na escola estão passando, e a instituição escolar deve contribuir sistematicamente para a formação de leitores, porque afinal, a missão da escola é mais do que ensinar a ler no sentido de decodificar palavras; o objetivo maior da escola deveria ser formar leitores autônomos e proficientes.

A formação do leitor não se dá ao acaso ou de forma espontânea, mas requer uma articulação adequada e efetiva dos professores junto às crianças. Ezequiel Silva enfatiza que devem ser criadas condições para que ocorra a produção da leitura, a fim de desenvolver o potencial que os seres humanos têm para ler o mundo, a palavra ou quaisquer outros signos. Segundo ele, a aplicação de programas paliativos que visam minimizar os efeitos do desgosto pela leitura entre a população em geral, não resolve o problema, é necessário se concentrar nas causas desse problema, uma vez que a crise da leitura não é recente. Essa crise tem afetado grande parte da população ao longo da história brasileira, arrastando-se por um longo período de tempo (SILVA, E., 1999).

Para Ezequiel Silva, o ensino e a orientação da leitura no país ocorrem de maneira muito deficitária; ele demonstra, a partir de pesquisas realizadas no Brasil, que as escolas não contribuem para a formação de leitores, agindo de forma equivocada, chegando até mesmo a matar o gosto pela leitura, reduzindo o amor e o respeito pelos livros em grande parte dos estudantes. Isso se dá pelas péssimas condições de trabalho que os professores enfrentam, pela falta de equipamentos, materiais e estrutura. Com o empobrecimento das condições de trabalho, os próprios professores tornam-se “não-leitores, aparecendo como meros tarefeiros dos circuitos tecno burocráticos, ou como marionetes do poder dominante, não tendo muitas possibilidades de encaminhar o ensino da leitura dentro de moldes coerentes e inovadores” (SILVA, E., 1999, p. 164). Essa situação acaba desestimulando o professor, que trata a aula de

leitura como uma obrigação estafante, não contribuindo para a construção de leitores interessados, críticos e que sintam gosto pela leitura.

Esse relato do professor Ezequiel, a partir de uma pesquisa realizada na década de 1990 e publicada no final da mesma década, demonstra uma realidade muito semelhante à de hoje. Mais de vinte anos se passaram e a situação não é tão diferente, apesar dos diversos programas do governo federal para o estímulo da leitura e também para que haja investimentos em bibliotecas, não se percebe mudanças significativas nesses quesitos, como apontam os “Retratos da leitura no Brasil”.

Resultados da última pesquisa denominada “Retratos da leitura no Brasil”, de 2016, reforçam a análise de que a ação de leitura é uma construção que se inicia na infância, sendo fundamental a influência de terceiros, iniciando-se pelos pais e sequenciada pelos professores, “uma vez que os leitores, ao mesmo tempo em que tiveram mais experiências com a leitura na infância pela mediação de outras pessoas, também promovem essa experiência às crianças com as quais se relacionam em maior medida que os não leitores” (IPL, 2016, p. 131). Notoriamente percebe-se que é essencial a participação efetiva dos pais e dos professores na formação e no desenvolvimento do gosto da leitura por parte dos alunos.

Colomer (2018) afirma que para a formação do leitor literário é mister o contato da criança com a literatura desde que nasce, e esse contato deve perpassar por toda infância e adolescência, de forma a realizar um itinerário de aprendizagem literária, estimulando a capacidade de interpretação à medida que os anos passam.

Com o intuito de desenvolver nas crianças a prática e o gosto pela leitura desde a mais tenra idade, o mercado livreiro procurou investir nesse nicho, e passou a produzir obras mais adequadas ao público infantil e escolar (COLOMER, 2018). Os governos municipais, estaduais e federal começaram a desenvolver programas para realizar a distribuição de livros às escolas, pois sem material apropriado não há possibilidade de trabalhar e valorizar a leitura (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009).

Com uma sociedade mais alfabetizada e o aumento da produção de livros, especialmente de obras específicas para o público infantil e juvenil, e ainda incluindo nesse bojo cultural a constituição de bibliotecas nas escolas, percebe-se nesses espaços formas de incentivo à leitura, com estratégias educativas, adequação e organização de bibliotecas, tendo em vista a formação de leitores literários (COLOMER, 2018).

Contudo, o fato de a literatura infantil e juvenil ter sido entronizada com amplitude nas escolas não garante que serão gerados alunos leitores. Tornar os livros acessíveis aos alunos, mesmo com qualidade, diversidade e quantidade, não garante êxito na formação do leitor.

Evidentemente que incorporar livros ao acervo das escolas, oportunizar o acesso das obras aos alunos é um importante passo na formação do leitor (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009).

Colomer (2018, p. 130) questiona que embora haja grandes discussões com o objetivo de incentivar o prazer da leitura e de formar leitores competentes, na prática o resultado ainda é bem precário, sendo necessário que as escolas ampliem a “formação de hábitos de leitura e os de acesso a formas complexas de conhecimento cultural”, com mediação educativa mais efetiva.

Para Cosson (2018, p. 46), é necessário que se faça uma sistematização que possibilite “ao professor e ao aluno fazer da leitura literária uma prática significativa para eles [...], uma prática que tenha como sustentação a própria força da literatura, sua capacidade de nos ajudar a dizer o mundo e a nos dizer a nós mesmos”.

Um quesito fundamental para a formação de leitores, segundo Silva, Ferreira e Scorsi (2009), é que a escola promova tempos exclusivos para a leitura, momentos de leitura individual e coletiva, momentos silenciosos e dinâmicos, de forma contínua, procurando despertar a percepção de que a leitura literária é importante para a formação humana.

A partir de estudos de outros autores, Colomer (2018, p. 85) relata que as crianças, ao escutarem histórias, como contos e folclore infantil, desenvolvem a “potencialidade simbólica da linguagem”, ampliando a imaginação e adquirindo conhecimentos sobre a escrita. Segundo ela, até os cinco anos de idade, as crianças adquirem a capacidade de associar os elementos da narrativa, incluindo as personagens e os acontecimentos que os envolvem.

A utilização do folclore tem grande importância no processo de incentivo à prática da leitura literária, que pode ser ministrada através de atividades prazerosas, pois além do aprendizado, permite “o progresso das crianças na interpretação das obras literárias” (COLOMER, 2018, p. 151). A autora também destaca a importância de se utilizar meios audiovisuais na formação dos leitores, pois isso exerce grande influência na imaginação das crianças, sendo uma forma cultural de qualidade.

Cosson (2018, p. 47) enfatiza que “as práticas de sala de aula precisam contemplar o processo de letramento literário e não apenas a mera leitura das obras”, sendo que é responsabilidade do professor levar os alunos a ultrapassarem o “simples consumo de textos literários”, desenvolvendo neles a criticidade e uma leitura proficiente.

Neste percurso de constituição do leitor literário, Cosson (2018) destaca que a literatura possui uma linguagem que concebe três formas de aprendizagem, como apresentado na sequência:

A **aprendizagem da literatura**, que consiste fundamentalmente em experienciar o mundo por meio da palavra; a aprendizagem sobre a literatura, que envolve conhecimentos de história, teoria e crítica; e a aprendizagem por meio da literatura, nesse caso os saberes e as habilidades que a prática da literatura proporciona aos seus usuários (COSSON, 2018, p. 47, grifo nosso).

Cabe ao professor explorar os textos literários a fim de produzir o encontro do aluno com a literatura e constituir os sentidos do texto junto com o aluno, proporcionando a aprendizagem que a literatura traz como potencial. Cosson (2018, p. 47) é contundente quanto à sua preocupação em relação ao primeiro item desta proposição, a “aprendizagem da literatura”. Segundo ele, esse é o ponto mais relevante a ser trabalhado nas escolas, no que tange a literatura, pois “o ensino da literatura deve ter como centro a experiência do literário”. Isso significa que somente a leitura das obras não é suficiente, sendo essencial que os professores, em suas práticas de ensino, conduzam os alunos a contemplarem o processo de letramento literário, levando-os a ultrapassarem a leitura simples, para uma compreensão mais analítica e crítica dos textos.

Silva, Ferreira e Scorsi (2009) dizem que um dos destaques que vem sendo trabalhado nos cursos de formação continuada de professores, sobretudo com os docentes que lidam com a literatura, também denominados agentes da leitura, é o de

inserir os alunos em experiências de compartilhamento de leituras, de entusiasmo por esta atividade de produção de significados para os textos, de diálogos entre os textos, evidenciando, enfim, que, na prática de ler, há também um componente afetivo e coletivo que não deve ser ignorado. Ter acesso aos livros ou tempo para ler não é suficiente, nem simplesmente *deixar ler*. Para que o interesse pela leitura ocorra, faz-se necessário apresentar os livros aos leitores em formação (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009, p. 52).

É essencial que haja investimentos no processo de mediação da leitura, para que a intervenção dos professores seja eficiente. Colomer (2007, p. 102) destaca algumas expressões relacionados à leitura, tanto no âmbito escolar quanto no das bibliotecas, que são: “estímulo, intervenção, mediação, familiarização ou animação são termos associados constantemente à leitura”. Esses termos devem compor o bojo de critérios e atividades do cotidiano dos docentes que ministram as aulas de leitura.

Silva, Ferreira e Scorsi (2009) apresentam três aspectos que são fundamentais para as atividades de leitura, que são o “espaço”, a “estante de livros” e o “planejamento da leitura”. Quanto ao espaço físico, onde ocorrem as atividades de leitura, ou seja, a biblioteca escolar, a sala de aula ou outro ambiente adequado para esse fim, as autoras destacam alguns critérios que

devem compor esse espaço, como “imagens, objetos, equipamentos, cuidadosamente e deliberadamente, arranjados e dispostos”, pois funcionam como dispositivos no processo de formação, que ativam a memória, despertam condições importantes para a “comunicação verbal e oral”, além de orientar “condutas, comportamentos, possibilidades e valores” (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009, p. 56).

Assim, o ambiente deve ser intencional e esteticamente ornado e adequado para se tornar “lugares da cultura e da memória, onde se passem imagens inesquecíveis para os que se fazem presentes neles, imagens escritas, visuais ou (áudio)visuais que atuem como agentes no processo de construção do conhecimento” (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009, p. 57). O ambiente de leitura, seja a sala de aula, seja a biblioteca escolar, deve estimular a presença dos alunos e seu aprendizado.

O segundo item apresentado por Silva, Ferreira e Scorsi (2009) é a estante de livros. Na formação do leitor, as estantes de livros são importantes, desde que o leitor tenha a liberdade de acessar e escolher as obras para sua leitura. Mais do que poder ler, é necessário que o aluno aprenda e escolher o que quer ler, claro que com a orientação dos professores, que irão ajudá-los a escolher os títulos com critérios para a escolha.

Os alunos devem ter acesso às estantes e devem poder manusear os livros, que estarão limpos e organizados nas prateleiras, pois segundo as autoras, é um momento em que é despertada a curiosidade, pois eles pegam os livros, olham a capa, a lombada, leem o resumo que normalmente vem na última capa, investigam a possibilidade da leitura. Essa simples prática pode despertar o interesse da leitura, nesse caso chamada de leitura livre. Em seguida, pode-se estimular a conversa entre os alunos, perguntando se encontraram algo atraente, se se interessaram por algum livro e, a partir dessa interação, orientar para uma leitura individual ou utilizar para leitura coletiva. Afinal, a estante de livros torna-se um espaço para escolhas de cada leitor e para interação das crianças, para troca de conversas sobre as histórias e os livros.

As duas primeiras atividades de leitura apresentadas são dedicadas a questões práticas do ambiente, de forma a proporcionar o bem estar e a liberdade na escolha das obras. Na terceira atividade de leitura, as autoras dedicam-se a demonstrar a importância de um bom planejamento para a leitura, um programa de leitura que envolva toda a turma. O professor pode programar um título, um autor, um estilo, um gênero para trabalhar com os alunos, promovendo um encontro dos discentes com a obra, aproximando-os. Nesse caso o professor torna-se um mediador e um colaborador, a fim de proporcionar o enfrentamento da obra pelos alunos.

Pode-se também utilizar a leitura programada. Nessa prática utilizam-se também imagens visuais, estáticas ou em movimento, além da escrita. As autoras acreditam que essa

prática pode estimular a leitura, formar leitores, alternando a leitura livre e a leitura programada. Nesse quesito pode-se utilizar as diversas formas de linguagens, como fotos, pinturas, cenas de filmes, a música, e tantas outras formas que compõem um grande repertório para envolver os alunos na leitura (SILVA; FERREIRA; SCORSI, 2009).

Britto (2009) alerta para o cuidado com o excesso de imagens, substituindo o uso da leitura escrita, seja individual ou coletiva. Com o intuito de despertar o interesse e motivar os alunos à leitura, o uso quase que exclusivo de vídeos, internet ou música pode produzir o efeito contrário ao que se espera, afastando os alunos dos livros, ao invés de estimulá-los à leitura.

A dinâmica escolar voltada à prática da leitura deve priorizar conteúdos e textos os quais os alunos manuseiem, leiam, interajam contando e escrevendo suas experiências. Pois as obras de ficção, conforme Zilberman (1999), são marcadas pelo inacabamento de situações, de imagens propostas pelos autores, então cabe ao leitor a intervenção, de forma a preencher as lacunas do texto, promovendo vida ao mundo formulado pelo escritor. Para que a leitura literária se efetive, é necessário ir além de decifrar os códigos da escrita; o mais importante é o preenchimento das histórias pelo próprio leitor, com suas experiências e sua imaginação (BRITTO, 2009; ZILBERMAN, 1999).

O professor, além da ação pedagógica, tem como missão a ação cultural, ao promover a difusão da leitura, ao desenvolver no aluno o interesse, a capacidade de compreensão, análise e criticidade, a partir dos textos literários. Afinal, como caracterizado pelo PCN de Língua Portuguesa, o professor tem a função de formar leitores competentes, sendo que a expressão *leitor competente* se refere à pessoa que, ao ler, compreende o que foi lido, apreendendo também o que não está explícito nas folhas, ou seja, é capaz de identificar elementos implícitos, que não estão escritos, e ainda é capaz de estabelecer uma relação entre o texto que lê e outros textos lidos anteriormente, percebendo que cada texto permite que cada leitor lhe atribua diversos sentidos (BRASIL, 1997a).

Torna-se, então, um desafio para o professor contribuir para o desenvolvimento e a formação de um bom leitor, despertando o interesse pela leitura, desde o ingresso no ambiente escolar, fazendo-se necessário usar recursos inovadores e estratégias diversas, para que a partir do despertar do interesse pela leitura, a criança desenvolva o gosto por ela e a transforme, progressivamente, em uma prática que fará parte de sua própria vida (GOBI, 2019).

3.3 A biblioteca escolar como espaço de leitura e de formação de leitores

Butlen (2002 apud LOURENÇO, 2010, p. 48) diz que a história das bibliotecas escolares está “marcada por longas e repetidas lutas pelo reconhecimento e a mudança”, então fez-se necessário “dar-se a conhecer, legitimar-se, fazer com que entendesse” a necessidade de uma biblioteca e um bibliotecário, levando-se em conta que o responsável legal por uma biblioteca é o profissional que possui formação acadêmica em biblioteconomia. Porém, desde 1984, a pesquisadora Lílian Lopes Martin da Silva já relatava que na maioria das escolas é o professor readaptado (em desvio de função), quem assume esse papel (SILVA, 1984), tornando-se o guardião do espaço e dos livros, até mesmo “protegendo-os dos leitores” (LOURENÇO, 2010, p. 48).

Seja o bibliotecário ou o professor, o que se espera do profissional responsável pela biblioteca é que ele seja um mediador da leitura, oferecendo condições para que o aluno se interesse pela ampliação do conhecimento (MILANESI, 2002; PERROTTI, 1990).

Segundo Ezequiel Silva, no Brasil, a biblioteca escolar não recebe o valor devido, nem os investimentos necessários por parte das autoridades, não sendo “levadas a sério” e, muitas vezes, tratadas como depósitos de livros e até de outros materiais não utilizados pela escola, além de ser um espaço marcado por atitudes burocráticas frequentes, como a imposição de normas muito rígidas. A insistência no silêncio absoluto e a falta de acesso dos alunos às estantes para escolha e manuseio dos livros acabam por afastar os estudantes, criando certa antipatia por esse ambiente (SILVA, 2001).

Tão importante quanto o estímulo à leitura, é também a estrutura e os aspectos materiais que acabam se tornando facilitadores da leitura. Silva (2001) alerta para o fato de que muitas bibliotecas escolares estão em locais inadequados, desestimulando sua frequência e revelando sua irrelevância. Ezequiel Silva afirma que é preciso promover atitudes criativas e um serviço de circulação democrático nesse espaço, para que se transforme em um ambiente agradável, que produza o interesse pela leitura (SILVA, 1993). Desenvolver um espaço que estimule a leitura e a pesquisa, para que a cada momento o leitor se depare com descobertas e surpresas (CHAGAS, 2010).

Atualmente, as bibliotecas escolares têm se apresentado também como espaços multimídiais de leitura, para além de livros, jornais e revistas. O fato de a biblioteca dispor desses recursos não diminuirá, necessariamente, o número de leitores de livros, pois eles serão usados em situações específicas, com diferentes objetivos (MILANESI, 2002).

Ao responsável pela biblioteca não só convém parar de se lamentar e criticar, como também buscar meios de incentivo para aumentar a frequência dos alunos ao espaço, desenvolvendo uma proposta de trabalho de estímulo à leitura (LOURENÇO, 2010), pois como menciona Massola (2009), biblioteca tem o intuito de formar o leitor, com o princípio de sempre respeitá-lo em suas necessidades, interesses e demandas. Ainda, como afirma Waldeck Carneiro da Silva “parece que alguns bibliotecários preferem um acervo intacto em vez do livre circular de usuários por entre as estantes” (SILVA, W., 1999, p. 59).

Para o professor Ezequiel Theodoro da Silva, o profissional, responsável pela biblioteca precisa desenvolver uma proposta de trabalho que estimule a leitura e melhore a qualidade de ensino, conforme os interesses de seus usuários, buscando articulação com o trabalho desenvolvido pelo professor regente (SILVA, 1993).

Rovilson José da Silva enfatiza a importância de um planejamento para o bom funcionamento desse espaço e propõe dois horários diferentes, como: “horários pré-determinados”, em que os alunos vão à biblioteca sob a orientação do professor regente e/ou do profissional da biblioteca, que dirige uma atividade como a conhecida hora do conto, ou uma pesquisa orientada, e também “horários livres”, em que o aluno faz a auto escolha, buscando a leitura de acordo com os seus interesses (SILVA, 2009).

Segundo Lourenço (2010), o papel fundamental do mediador é incentivar o desejo de ler, aproximando o público dos livros, iniciando o encontro das crianças com os livros, encontro este que talvez ainda não tenha ocorrido porque as crianças não tiveram acesso a livros e a contos em suas casas.

O mediador precisa de uma interação efetiva com a criança, de modo a desenvolver uma relação positiva com a leitura, que não se faz simplesmente por “encontrar um livro na prateleira e entregá-lo ao leitor, mas orientar esse leitor no sentido de ler bem e ler mais” (SILVA, 1986 apud LOURENÇO, 2010, p. 52). Rovilson José da Silva afirma que o não êxito na formação do leitor não decorre somente de se oferecer a ele uma boa quantidade e diversidade de livros. Isso ainda é uma ação em construção nas escolas, uma vez que não há o processo formal e contínuo de mediação e de intervenção literária (SILVA, 2009).

Em relação à postura e ao engajamento das ações de leitura literária, Solé (1998) destaca que é necessário que o mediador conheça previamente o assunto e a história que irá usar, que compreenda o conteúdo e o contexto da história, em que lugar o texto é situado, como esse texto pode ser tratado com os alunos, de forma a potencializar o interesse e o aprendizado deles. Ela propõe que se preparem atividades antes, durante e/ou depois da leitura, que sejam estratégicas para a compreensão dos textos por parte do leitor ou ouvinte.

Para atividades que antecedam a leitura, Lourenço (2010) sugere verificar hipóteses e previsões das crianças em relação ao tema, ao título, à capa da obra a ser contada, ou seja, provocar a motivação para a leitura que virá a seguir.

No decorrer da leitura, Solé (1998) propõe como uma das estratégias a leitura compartilhada, pois defende que por meio dos questionamentos ou esclarecimentos de determinadas dúvidas sobre o texto é que se compreenderá o mesmo e que esse passará a ter sentido, o que é fundamental para o leitor.

A realização de atividades pós-leitura também é defendida por Souza e Giroto (2009), que sugerem que os alunos façam relatos orais ou escritos, a realização de desenhos, dramatizações, modelagens, pinturas, recortes, dobraduras, tornando-os protagonistas, pois apresentam a história a partir do seu entendimento, transitando assim por práticas que propiciem novas apropriações.

Há ainda artifícios como atividades de narração ou dramatização de histórias que o “contador de histórias” pode utilizar para despertar o interesse dos alunos, como, por exemplo, a pausa, provocando a curiosidade e a ansiedade pelo seguimento da história, além da gesticulação, da imitação de personagens do texto, enfim, atitudes que provoquem o desejo de ouvir a história, com perguntas introdutórias referentes ao assunto abordado no texto (LOURENÇO, 2010).

Chartier (2005, p. 129) faz algumas reflexões sobre práticas de professores a respeito da formação do leitor literário; segundo ela, a formação do leitor é “um verdadeiro aprendizado cultural e é preciso tempo para isso”, ou seja, é mister que a escola e o professor invistam tempo, dedicação a essa tarefa de trabalhar, de estimular o gosto pela leitura e de despertar a consciência de que esse processo requer também esforço e empenho por parte dos alunos.

Na sequência, veremos alguns programas do governo que têm como intuito fomentar a leitura e sua prática nas escolas.

3.4 Orientações oficiais sobre as práticas de leitura literária

Projetos do governo para fomento à leitura, tais como o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL), o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e o Programa Nacional do Livro Didático no Ensino Médio (PNLEM), revelam uma crescente preocupação estatal com a formação de leitores, a difusão e a democratização da leitura no Brasil (BRASIL, 2006, 2011, 2019a, 2019b, 2019c).

O PNLL foi criado em 2006 pelos Ministérios da Educação e da Cultura, com o intuito de fortalecer as políticas públicas para a utilização do livro, da biblioteca e da leitura, tendo em vista a democratização de seu acesso para a sociedade. Inicialmente foi instituído pela Portaria Interministerial nº 1.442, em 10 de agosto de 2006, com a “finalidade básica [de] assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro” (BRASIL, 2006). O PNLL, originalmente, constitui-se de uma coletânea de programas, projetos e atividades que envolvem e disseminam a utilização do livro e das bibliotecas, para fomento da leitura, especialmente a leitura literária, abrangendo os âmbitos federal, estadual e municipal.

Em 1º de setembro de 2011, o governo federal promulgou o Decreto nº 7.559, que instituiu o PNLL como uma “estratégia permanente de planejamento, apoio, articulação e referência para a execução de ações voltadas para o fomento da leitura no país”, dando-lhe assim uma maior dimensão do que aquela que a Portaria lhe conferia. No artigo 1º, o Decreto nº 7.559 apresenta os seguintes objetivos, que são os quatro eixos que orientam a organização do PNLL:

- I - a democratização do acesso ao livro;
- II - a formação de mediadores para o incentivo à leitura;
- III - a valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico; e
- IV - o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional (BRASIL, 2011).

O primeiro eixo, que trata da democratização do acesso ao livro, agrega ações das iniciativas privadas e públicas para o incremento e desenvolvimento das bibliotecas, com distribuição gratuita de obras didáticas, pedagógicas e literárias, e também para a implantação de equipamentos que permitam a utilização das tecnologias de informação e comunicação. Dentre os diversos projetos vinculados a este eixo, destacamos o PNBE, PNLD e o PNLEM (BRASIL, 2019c).

O eixo que trata da formação de mediadores para o incentivo à leitura, relaciona-se a projetos sociais de leitura, de estudos sobre o livro e a leitura, além da formação dos mediadores da leitura. Também é de responsabilidade desse eixo as ações de incentivo à prática da leitura. Dos diversos projetos que compõem este eixo, destacamos o Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER) e o programa Salto para o Futuro (BRASIL, 2019c).

O terceiro eixo do PNLL trata da valorização institucional da leitura e do incremento de seu valor simbólico. Este eixo tem por meta buscar o desenvolvimento da leitura como “política

de estado e valoriza ações para criar consciência sobre o valor social do livro” (ALIAGA, 2013, p. 52). É de responsabilidade dos Ministérios da Educação e Cultura a vinculação midiática de campanhas publicitárias para o incentivo à leitura.

Por fim, temos o quarto eixo, o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional. Este eixo é responsável pelo desenvolvimento e produção do livro, bem como sua distribuição e utilização nas bibliotecas e escolas (BRASIL, 2019c).

Em 23 de julho de 2019, o Decreto nº 7.559 é alterado pelo Decreto nº 9.930, no qual permuta a responsabilidade do PNLL para os Ministérios da Cidadania e da Educação, estabelecendo metas, ações e estratégias para elaboração e execução do PNLL (BRASIL, 2019a).

O PNBE, vinculado ao Ministério da Educação, é um programa integrado ao PNLL, instituído em 28 de abril de 1997 pela Portaria nº 584. Este programa teve como motivação, entre outras razões, “a necessidade de oferecer aos professores e alunos de ensino fundamental um conjunto de obras literárias e textos sobre a formação histórica, econômica e cultural do Brasil, além de obras de referência” (BRASIL, 1997b). E como objetivo, a promoção do “acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência” (BRASIL, 2019b).

O PNBE divide-se em três ações, que são:

PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos; o **PNBE Periódicos**, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o **PNBE do Professor**, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico (BRASIL, 2019b, grifo nosso).

Notoriamente o objetivo central do PNBE é a promoção e o desenvolvimento de acervos para as bibliotecas escolares do país.

O PNLD e o PNLEM são programas do PNLL que têm como objetivo

avaliar e disponibilizar obras didáticas, pedagógicas e literárias, entre outros materiais de apoio à prática educativa, de forma sistemática, regular e gratuita, às escolas públicas de educação básica das redes federal, estaduais, municipais e distrital e também às instituições de educação infantil comunitárias,

confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos e conveniadas com o Poder Público (BRASIL, 2019c).

Esses programas do governo têm como intuito a universalização de livros, tanto livros literários quanto livros didáticos, que são fornecidos às escolas, nos âmbitos federais, estaduais e municipais, de forma gratuita, para promoção e estímulo à leitura.

Alinhado aos programas apresentados nos parágrafos anteriores, destacamos também a preocupação que é vislumbrada no PCN de Língua Portuguesa. O documento é categórico em apontar a importância e a necessidade de se trabalhar a leitura literária na escola, de forma que o professor desenvolva práticas de leituras que produzam verdadeiros leitores, capazes de compreender o que leem, com competência e criticidade. Que o professor ensine não apenas a decodificar signos que não fazem sentido para os alunos, mas espera-se que o aluno “saiba não apenas localizar informações específicas nos textos [...], como utilizá-las para construir a ideia geral do texto” (BRASIL, 1997a, p. 76), ou seja, que ele “leia textos cujo conteúdo (assuntos) e forma (gênero) já conheça, conseguindo resgatar o seu significado e compreender a ideia global” (BRASIL, 1997a, p. 77).

Mais adiante, o documento do PCN de Língua Portuguesa situa os trabalhos de leitura para os alunos do segundo ciclo do ensino fundamental, sendo que a partir do desenvolvimento dos trabalhos realizados pelos professores, “espera-se que os alunos consigam utilizar autonomamente estratégias de leitura - decifrar, antecipar, inferir e verificar - e coordenar, mesmo que com ajuda, os diferentes papéis que precisam assumir ao produzir um texto [...]” (BRASIL, 1997a, p. 80).

O PCN de Língua Portuguesa relaciona a necessidade de a escola e, especificamente, o professor “coordenar estratégias de decodificação com as de antecipação, inferência e verificação”. Com estratégias bem direcionadas, espera-se que a leitura realizada pelos alunos não se restrinja somente à decodificação, mas que “utilize coordenadamente procedimentos necessários para a compreensão do texto”. O PCN ainda destaca que a leitura promovida na escola tem “diferentes objetivos: ler para estudar, ler para revisar, ler para escrever” (BRASIL, 199a, p. 86). Vê-se a contundência do discurso sobre a importância do ensino de leitura nas escolas, com estratégias bem ordenadas, a fim de propiciar aos alunos, experiências salutares na realização da leitura literária.

Na discussão sobre o processo de formação de leitores nas atividades escolares, Cafiero (2010) pondera que nas aulas tradicionais de leitura o aluno lê por ler, ou para responder perguntas ao professor; muitas vezes leituras apressadas e mal orientadas. A autora critica

algumas atividades realizadas na escola, como a de buscar informações explícitas, na qual se produzem simples cópias do texto. Essas são ações que não passam de atividades motoras, não favorecendo o entendimento mais profundo do texto.

O trabalho da escola é imprescindível, mas precisa ser cauteloso, pois ao mesmo tempo em que ela pode aproximar os estudantes da leitura, pode também afastá-los, se o trabalho não for conduzido de forma que desperte prazer e sentido para promover o pensamento crítico e reflexivo (PEREIRA; GOMES, 2019). Nesse seguimento, Solé (1998) destaca a importância de se elaborar estratégias de leitura bem definidas, organizadas, com objetivos claros do que se pretende em cada etapa. Também deve-se preparar os alunos para que também eles estabeleçam seus objetivos no ato da leitura, como apresentado por Leffa (1999), em que ler também pressupõe objetivos bem definidos do próprio leitor, que podem ser modificados no decorrer da leitura, pois ler presume a busca de respostas às premissas e aos objetivos do leitor.

Segundo Solé (1998), as estratégias de leitura são as ferramentas necessárias para o desenvolvimento da leitura proficiente. Sua utilização permite compreender e interpretar, de forma autônoma, os textos lidos, e pretende despertar o professor para a importância de desenvolver um trabalho efetivo, no sentido da formação do leitor independente, crítico e reflexivo.

No PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997a) encontram-se, reiteradamente, sobre a importância e a necessidade de se construir pelos professores, estratégias e objetivos para se trabalhar a leitura com os alunos, a fim de que esse momento se torne produtivo e, ao mesmo tempo, prazeroso aos discentes.

Dialogicamente com o PCN de Língua Portuguesa, tem-se a construção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁴. Em seu módulo de Língua Portuguesa, é apresentado o eixo sobre a leitura, que na BNCC “é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também a imagens estáticas [...] ou em movimento [...] e ao som [...], que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais” (BRASIL, 2017b, p. 72).

O Eixo Leitura compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para:

⁴ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um “documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de **aprendizagens essenciais** que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1ª da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)” (BRASIL, 2017b, p. 7). A atual BNCC foi homologada em 20 de dezembro de 2017 (BRASIL, 2020).

fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades (BRASIL, 2017b, p. 71).

Tanto o PCN de Língua Portuguesa quanto a BNCC, em seu eixo de Língua Portuguesa, destacam a leitura como matéria essencial a ser trabalhada, desenvolvida e estimulada nas escolas, cabendo a elas promoverem e formarem cidadãos cômicos e capazes de inteirar-se com as diversas formas de texto, com compreensão e criticidade (BRASIL, 1997a, 2017b). Como unidade de trabalho, a BNCC coloca o texto como cerne das atividades relacionadas à linguagem, com o objetivo de “relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses” (BRASIL, 2017b, p. 67).

Este documento oficial apresenta como práticas de linguagem alguns quesitos a serem trabalhados pelos professores, tendo em vista a formação de leitores, ou a formação do leitor literário. A BNCC relaciona como “campo artístico-literário”, e apresenta propostas a serem desenvolvidas nas turmas do Fundamental I, para que, além de ler e compreender os textos, seja desenvolvido o gosto pela leitura. Segue descrição do campo artístico-literário:

Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/cartum, dentre outros (BRASIL, 2017b, p. 110).

Ao final dos anos do Ensino Fundamental I, com as estratégias de leitura realizadas para a formação de leitores, espera-se que sejam desenvolvidas habilidades, tais como:

Ler e compreender, silenciosamente e, em seguida, em voz alta, com autonomia e fluência, textos curtos com nível de textualidade adequado.
Selecionar livros da biblioteca e/ou do cantinho de leitura da sala de aula e/ou disponíveis em meios digitais para leitura individual, justificando a escolha e compartilhando com os colegas sua opinião, após a leitura.
Identificar a ideia central do texto, demonstrando compreensão global.
Inferir informações implícitas nos textos lidos.
Inferir o sentido de palavras ou expressões desconhecidas em textos, com base no contexto da frase ou do texto.
Recuperar relações entre partes de um texto, identificando substituições lexicais (de substantivos por sinônimos) ou pronominais (uso de pronomes

anafóricos – pessoais, possessivos, demonstrativos) que contribuem para a continuidade do texto (BRASIL, 2017b, p. 113).

Em todas as etapas do ensino contempla-se, além de ler e compreender o texto, o estímulo pelo gosto da leitura, a ser realizada a conscientização das crianças quanto à prática da leitura, promovendo a fruição do texto e a competência literária, que vai além do conhecer sobre a literatura, sendo uma atividade prática literária de atribuir sentido àquilo que está na superfície, de forma simples (COSSON, 2018).

Por fim, ao concluir este capítulo sobre letramento literário, destacamos a concepção de Rildo Cosson, ao enfatizar que a maior missão da escola é ensinar a ler, e que ao sair da escola os jovens tenham a convicção de que ler não é um estágio concluído, mas é um processo em que todos estamos, ou seja, em constante formação como leitor.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

Apresentaremos neste capítulo o percurso e os procedimentos metodológicos utilizados nesta pesquisa, identificando o tipo de pesquisa, o objeto e os sujeitos envolvidos, e ainda os procedimentos da análise dos dados obtidos por meio da realização das entrevistas.

4.1 Caracterização da pesquisa

A presente pesquisa assume uma abordagem qualitativa, devido a sua subjetividade e à valorização do ambiente dos sujeitos que constroem a realidade, também por se configurar em amplitude, com um universo de significados, aspirações, valores e atitudes, trabalhando as relações, os processos e os fenômenos de forma mais aprofundada, no qual não são reduzidos à operacionalização de variáveis. Assim, essa abordagem pode aumentar a compreensão de determinadas situações e apresentar maiores detalhes sobre o grupo em estudo (MINAYO, 2012).

A pesquisa tem um caráter descritivo e exploratório, a partir da realização de uma pesquisa de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas com profissionais que atuam nas bibliotecas escolares da rede municipal de ensino da área urbana de uma cidade localizada na região denominada Campos das Vertentes, no estado de Minas Gerais. Caracteriza-se como exploratória, por permitir maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado. Considerando-se a tematização com inclinação para o processo de formação dos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares seja um assunto já estudado, como observamos nas pesquisas de Aliaga (2013), Klebis (2006) e Lourenço (2010), entre outros, não há estudos referentes à realidade da cidade pesquisada, nem tampouco da região do Campo das Vertentes, estado de Minas Gerais. A pesquisa é exploratória por conceder maior proximidade e clareza em relação ao problema de pesquisa, facilitando sua interpretação, exposição e a construção de hipóteses. Boa parte desse tipo de pesquisa relaciona-se ao levantamento bibliográfico. A realização de entrevistas com os sujeitos envolvidos nas bibliotecas escolares da rede municipal de ensino da cidade pesquisada, que possuem experiências práticas com o problema analisado, oferece a compreensão do problema, a partir da análise dos exemplos apresentados (GIL, 2017). O autor explicita que a pesquisa exploratória promove uma identificação de informações em relação a um objeto específico, de forma a produzir um mapeamento das formas como esse objeto se manifesta. Trata da preparação para que seja realizada a pesquisa explicativa.

É caracterizada como descritiva por apresentar aspectos de uma determinada população (LÜDKE; ANDRÉ, 2010), no caso, a descrição direciona-se à realidade dos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares. Segundo explicita Gil (2017), é o que ocorre quando se descrevem as características de determinados fenômenos ou populações. Entre suas modalidades, destaca-se a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, como a entrevista e a observação sistemática.

Diante disso, utilizamos como procedimento metodológico, primeiramente, uma revisão de literatura, com o intuito de conhecer o que se discute sobre a temática, para assim reunir, classificar e ordenar diferentes textos acadêmicos que versam sobre a função dos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, sua missão e seus objetivos, pautados pelas políticas públicas que consolidam a importância da biblioteca nas escolas municipais e descrever qual o papel desempenha na comunidade escolar, seja como instrumento de apoio aos docentes, seja na construção da aprendizagem dos discentes, e ainda na elaboração de ações para a contribuição do processo de formação de leitores.

Buscamos informações, assumindo como procedimento metodológico de coleta de dados um instrumento semiestruturado, de entrevistas com os professores, bibliotecários e/ou profissionais que atuam nas bibliotecas das escolas urbanas da rede municipal de ensino da área urbana de uma cidade localizada na região denominada Campos das Vertentes, no estado de Minas Gerais. Assim, como procedimento inicial, procuramos averiguar quais escolas possuíam uma biblioteca escolar e quem seria o profissional que atua na biblioteca, qual sua formação, se esse profissional teria algum conhecimento sobre as técnicas biblioteconômicas, se teve alguma formação/instrução para desenvolver seus trabalhos nesse espaço. Se não tinha a formação de bibliotecário, o que o levava a atuar na biblioteca e quais atividades são desempenhadas nesse espaço em vista da formação do leitor, em prol do desenvolvimento do gosto da leitura nas crianças.

Os relatos de experiências sobre os trabalhos desenvolvidos nas bibliotecas foram registrados por meio de gravação em áudio, respeitando as questões apresentadas e buscando saber se havia interação com os professores para o desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem, quais projetos de leitura literária eram desenvolvidos na biblioteca, sobretudo, projetos que promoviam o uso da biblioteca e, ainda, com vistas ao desenvolvimento da leitura e da formação de leitores.

Para a entrevista semiestruturada, elaboramos oito questões que nortearam as conversas com os profissionais que atuam nas bibliotecas para a coleta de informações, além das

anotações realizadas a partir das observações realizadas nas visitas. As questões abordadas na entrevista constam no Apêndice A deste trabalho.

4.2 Métodos e procedimento de coleta de dados

Para o desenvolvimento desta pesquisa, optou-se pela utilização de uma entrevista semiestruturada, de forma a obter do entrevistado maior volume de informações, com espontaneidade. Esse tipo de coleta de dados contempla os objetivos deste estudo, por ser um instrumento que permite a compreensão dos discursos e da prática dos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, como também, por possibilitar um confronto entre as informações relatadas e o contexto observado.

Assim, pode-se apurar que pela entrevista semiestruturada a relação estabelecida é de interação, em que se permite um ambiente de reciprocidade entre o entrevistado e o entrevistador (GOULART, 2013; LÜDKE; ANDRÉ, 2010). O tema proposto é apresentado pelo entrevistado tendo por base seus conhecimentos prévios, que são de grande relevância no momento da entrevista. Para Richardson (2009), a entrevista é uma técnica que permite estreita relação entre os sujeitos envolvidos, possibilitando que as informações obtidas sejam conhecidas e experienciadas pelos entrevistados.

De acordo com Goulart (2013), a entrevista é muito mais do que uma simples troca de informações entre o entrevistador e o entrevistado, ou um ato de perguntas e respostas, mas é um momento de grande oportunidade de interação entre os envolvidos, não se limitando à troca de palavras, mas provocada pelos gestos, sons não formalizados em palavras, olhares, expressões faciais e corporais, compondo dessa maneira uma riqueza de informações que devem ser acumuladas no bojo da entrevista.

Goulart (2013) relata que a entrevista é um recurso muito usado em pesquisas nas áreas de Ciências Humanas, pois a interação que é estabelecida com os sujeitos da pesquisa pode proporcionar uma excelente aproximação com o problema estudado, dada pelas palavras formais que o entrevistado apresenta, dada pelas reações físicas e emocionais que o mesmo explicita durante o processo.

Durante a realização da pesquisa buscou-se também identificar políticas públicas que envolvem o uso da biblioteca, a capacitação dos profissionais que trabalhavam nesse espaço e sobretudo, sobre as práticas que favoreciam ou estimulassem o gosto pela leitura dos alunos nas escolas públicas municipais.

O período de coleta de dados ocorreu nos meses de maio a julho de 2019.

4.3 Contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada nas bibliotecas das escolas municipais da área urbana de uma cidade localizada na região denominada Campos das Vertentes, no estado de Minas Gerais, sudeste do país. Uma cidade centenária, com uma área geográfica de 564,5 km² e uma população urbana estimada em 2018 pelo IBGE de 102.728 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2019), portanto, uma cidade de médio porte, considerando a definição do próprio IBGE (MILAZZO, 2011).

Devido à boa estrutura das escolas e, sobretudo, à qualidade da formação de seus alunos, e ainda à formação superior de profissionais em diversas áreas em que a educação da cidade era desenvolvida, a partir de 1941 a cidade tornou-se conhecida como a “Terra dos Ipês e das Escolas” (NÉMETH-TORRES, 2011).

Atualmente, a cidade é contemplada com uma universidade federal, um centro universitário e duas faculdades, sendo essas três de iniciativa privada, todas oferecendo cursos de graduação e pós-graduação. Conta ainda com quatro polos de universidades que oferecem cursos superiores na modalidade presencial, semipresencial e ensino à distância. Para a educação básica e ensino médio, na cidade há oito escolas estaduais (MINAS GERAIS, 2017), e ainda para a educação básica conta com treze escolas do município, situadas na área urbana, e na zona rural cinco escolas. Consta também, a existência de quinze CMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) mantidos pelo município (LAVRAS, 2019). Existem ainda diversas escolas particulares que ofertam o ensino infantil, básico e médio à população, sendo algumas dessas escolas de tradição centenária, além de cursinhos pré-vestibulares e escolas profissionalizantes.

4.4 As bibliotecas escolares

A pesquisa teve como campo de estudos as Bibliotecas das Escolas Municipais da área urbana de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, localizada mais especificamente na região denominada Campo das Vertentes, conforme já apresentado no capítulo “contexto da pesquisa”.

Das treze escolas existentes na região urbana do município, realizamos visitas em dez escolas. Nessas visitas foram observadas a estrutura e as características físicas das bibliotecas, a constituição do acervo, do mobiliário, a disposição e organização dos mesmos.

Na sequência, apresentamos os sujeitos envolvidos nessa pesquisa.

4.5 Sujeitos da pesquisa

A biblioteca escolar não é somente um espaço em que são agrupados e guardados os livros ou outros materiais, mas é um lugar onde os leitores são envolvidos, tanto pelo ambiente quanto pelos próprios livros (ALIAGA, 2013). Para que os leitores sejam realmente envolvidos nessa atmosfera de formação e informação, de estudos e lazer, é imprescindível a atuação do profissional que trabalha na biblioteca, seja ele um bibliotecário, professor ou técnico desempenhando o papel de auxiliar de biblioteca.

Para conhecer esse mediador da biblioteca, a fim de compreender suas práticas e habilidades, tanto na organização da biblioteca, quanto sua contribuição no processo de leiturização das crianças e adolescentes nas escolas, realizamos visitas nas escolas da rede urbana da cidade.

Desse modo, guiados por um levantamento prévio, constatamos que na referida cidade constam 13 (treze) escolas municipais na área urbana, com um total de 20 (vinte) profissionais que atuam nas bibliotecas escolares. Destes profissionais, conseguimos entrevistar 13 (treze) servidores, sendo 7 (sete) professoras e 6 (seis) servidores técnico-administrativos, dos quais 5 (cinco) são do cargo de “auxiliar de biblioteca” e 1 (um) “auxiliar de recreação”. Das 13 (treze) escolas da cidade, conseguimos obter informações de 10 (dez) instituições de ensino. Tentamos ainda entrevistar algumas professoras, lotadas em bibliotecas que foram visitadas, nas quais as entrevistas foram realizadas com técnicos-administrativos (auxiliares de biblioteca), contudo, quatro professoras se recusaram a nos atender.

As entrevistas foram agendadas previamente, em dia e horário que fossem mais adequados aos profissionais. Antes de iniciarmos as entrevistas, apresentamos o Termo de Consentimento, que consta da aprovação do COEP/UFLA de nº 3.425.033 para realização da mesma (ANEXO A).

Inicialmente, entramos em contato com as responsáveis pelas bibliotecas, por meio de ligação telefônica, com o intuito de agendarmos uma visita para procedermos à entrevista semiestruturada. Das treze escolas existentes na região urbana, conseguimos programar dez visitas. Nas outras três escolas não realizamos a visita, pois no período da pesquisa, em duas delas as responsáveis pela biblioteca estavam de licença médica, e como há somente uma pessoa em cada biblioteca dessas escolas, não foi possível agendar a entrevista.

Sobre a terceira escola, segundo informações da secretaria da própria unidade, a responsável pela biblioteca estava atuando como “professora eventual”, não podendo nos atender para realizarmos a coleta de dados. Nessas três escolas existe somente um profissional

em cada biblioteca, sendo elas professoras, atualmente alocadas nas bibliotecas. No período da coleta de dados foi-nos informado, por meio das secretarias das escolas, que as bibliotecas se encontravam fechadas por falta de professor ou auxiliar para manter e atender na biblioteca.

Depois de agendadas as visitas, procedemos às visitas às bibliotecas escolares. Em todas as dez escolas, fomos recebidos de forma satisfatória, e após a explanação dos objetivos da pesquisa e da entrevista, apresentamos o “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, solicitando o preenchimento e a assinatura dos mesmos. Para todas as professoras/funcionários foram entregues duas vias, uma que foi levada pelo pesquisador para arquivamento e outra que foi deixada com a responsável pela biblioteca na escola.

Em seguida, solicitamos a permissão para que a entrevista fosse gravada e assim pudéssemos escutar e transcrever as falas durante a etapa da descrição das entrevistas. Em nenhuma solicitação houve rejeição para que fosse realizado o registro eletrônico das conversas a serem estabelecidas para a pesquisa, então iniciamos o procedimento da entrevista.

Dando início à entrevista, questionamos sobre a formação acadêmica e a função desempenhada pelas entrevistadas, todas responsáveis pela biblioteca da escola em que estão trabalhando no momento da coleta de dados.

Todos os entrevistados são servidores efetivos da prefeitura municipal. Durante algumas entrevistas houve pequenos contratempos devido à demanda de usuários na biblioteca, mas nada que compromettesse as entrevistas. Todas foram bastante solícitas nas respostas e contribuíram de maneira satisfatória para a pesquisa. Durante as entrevistas foi enfatizado que nenhum sujeito teria seu nome ou instituição revelada, sendo assim, para operacionalização das discussões, as referidas bibliotecas e seus responsáveis serão nominados por siglas, como E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10 (para as escolas) e P1, P2, P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P12, P13 (para os profissionais).

As falas registradas estão apresentadas e organizadas conforme as categorias construídas para a análise dos dados.

4.6 Procedimentos de análise

A análise dos dados se deu a partir das narrativas dos entrevistados e da observação, a proposição foi trazer elucidações pertinentes às narrativas aqui investigadas e subsidiar as discussões decorrentes dos teóricos.

As entrevistas foram analisadas a partir dos critérios da Análise Textual Discursiva, que é uma técnica de análise de dados qualitativos, a qual transita entre a Análise de Conteúdo e a

Análise de Discurso, estas consideradas técnicas consagradas de análise em pesquisa qualitativa, segundo Medeiros e Amorim (2017).

Moraes e Galiazzi (2006) descrevem a Análise Textual Discursiva como um processo que se inicia pela unitarização, que consiste na leitura e releitura cuidadosa das informações das entrevistas, com o objetivo de defini-las ou separá-las em “unidades de significado” ou “unidades de registros”. Tais unidades tendem a produzir outros conjuntos de unidades, a partir da interlocução teórica e das interpretações feitas pelo pesquisador.

Ao estabelecer o significado atribuído pelo autor, realiza-se a apropriação das palavras para compreender melhor o texto. Após a unitarização, que deve ser realizada com intensidade e profundidade, passamos a fazer a articulação dos significados semelhantes, num processo denominado categorização. Esse foi um processo em que reunimos as unidades de conceitos similares, gerando níveis de categorias de análise (MORAES; GALIAZZI, 2006).

A Análise Textual Discursiva, segundo Moraes e Galiazzi (2006, p. 118)

tem no exercício da escrita seu fundamento enquanto ferramenta mediadora na produção de significados e por isso, em processos recursivos, a análise se desloca do empírico para a abstração teórica, que só pode ser alcançada se o pesquisador fizer um movimento intenso de interpretação e produção de argumentos. Este processo todo gera meta-textos analíticos que irão compor os textos interpretativos.

A análise do conteúdo não deve limitar-se à descrição, mas deve-se ir além, com o intuito de obter maior compreensão dos relatos obtidos nas entrevistas, através da inferência e interpretação, sendo esta fundamental no processo da análise textual discursiva, para a construção das categorias a serem apresentadas (MORAES, 1999).

As falas dos entrevistados foram gravadas e depois transcritas para posterior análise. As datas das entrevistas foram marcadas de acordo com a disponibilidade dos sujeitos. Cada entrevista teve duração de quarenta minutos, em média.

Os dados primários obtidos foram analisados, divididos por temáticas e classificados quanto ao que se definiu no referencial teórico.

5 ANÁLISE DOS DADOS: BIBLIOTECA ESCOLAR, DO PROFISSIONAL ÀS AÇÕES DE LEITURA

Iniciamos este capítulo com foco no objetivo geral proposto nesta pesquisa, que é o de identificar o perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas e as ações desempenhadas por eles, na rede municipal de ensino da área urbana de uma cidade localizada na região denominada Campos das Vertentes, no estado de Minas Gerais, e conhecer suas contribuições no processo de formação de leitores literários. Com as informações obtidas nas entrevistas semiestruturadas, realizadas com os professores e técnico-administrativos das bibliotecas das escolas municipais da cidade pesquisada, e, através do instrumento de Análise Textual Discursiva, aqui procederemos à apresentação e à discussão dos resultados.

Conforme apresentado no “percurso metodológico”, fizeram parte desse estudo treze profissionais que atuam efetivamente nas Bibliotecas Escolares da cidade pesquisada, correspondendo a dez escolas, num campo de treze Escolas Municipais. Desse montante de profissionais, identificamos sete professores, alocados nas bibliotecas e seis técnico-administrativos, sendo cinco do cargo “auxiliar de biblioteca” e um do cargo “auxiliar de recreação”. Todos os servidores que atuam nas bibliotecas são efetivos da prefeitura.

Para a apresentação dos resultados desta pesquisa optamos por organizar as informações em dois grandes grupos, que estão relacionadas às temáticas aqui abordadas, sendo selecionadas de acordo com a classificação e análise dos dados coletados, considerando o perfil dos entrevistados e as ações desenvolvidas nas bibliotecas escolares.

Com base nos enunciados cedidos pelos professores/profissionais que atuam nas bibliotecas escolares da cidade pesquisada, por meio da entrevista, organizamos os excertos pautados nos procedimentos da Análise Textual Discursiva a partir da unitarização, conforme Moraes e Galiuzzi (2006), sob uma leitura cuidadosa das falas das entrevistas, classificando-as em duas grandes “unidades de significado” ou “unidades de registros”, que são: (5.1) O perfil do profissional que atua nas Bibliotecas Escolares e, (5.2) Ações desenvolvidas nas Bibliotecas Escolares. As unidades de sentido foram subdivididas em dimensões ou eixos temáticos.

Ao apresentar os excertos dos discursos dos entrevistados, registramos os trechos que estão relacionados diretamente com os objetivos dessa pesquisa.

5.1 O perfil do profissional que atua nas bibliotecas escolares

No período da realização da busca de dados para esta pesquisa, identificamos um Quadro no município composto de quatorze professores e seis técnicos-administrativos alocados nas Bibliotecas Escolares do município. Contudo, só foi possível a realização da entrevista com sete professoras e os seis técnicos. Algumas professoras se recusaram a realizar a entrevista, e outras estavam em licença para tratamento de saúde por longo período de afastamento, fato que provocou o fechamento temporário de duas bibliotecas, por não haver possibilidade de alocação de outros profissionais para suprirem os trabalhos.

Já no período que antecedeu as visitas *in loco*, durante os agendamentos, via ligação telefônica, constatou-se que nenhuma biblioteca escolar da cidade pesquisada conta com um profissional com graduação em biblioteconomia, não contemplando as leis que determinam a presença de um bibliotecário graduado nas bibliotecas, leis nº 4.084, 9.674 e 12.244 (BRASIL, 1962, 1998, 2010). Com essas informações, podemos atestar a afirmação de Fragoso (2002), de que a maior parte das bibliotecas escolares no Brasil não conta com o profissional bibliotecário, e também com as discussões apresentadas por Lílian da Silva, as quais corroboram com os dados obtidos nessa pesquisa, que a maioria das bibliotecas escolares encontra-se sob a responsabilidade de professores readaptados, ou seja, em desvio de função (SILVA, 1984).

Também contribuem com esses dados a pesquisa realizada por Bicheri e Almeida Júnior (2013), na qual criticam a inconsistência que há entre a legislação e a realidade das bibliotecas escolares no Brasil, sendo que muitas delas não contam com um profissional bibliotecário, sendo então alocados servidores técnicos-administrativos e professores para o desempenho das funções biblioteconômicas.

Bicheri e Almeida Júnior (2013) discutem sobre a inabilidade dos professores e técnicos que são alocados na biblioteca para executarem os trabalhos característicos da mesma. Segundo eles, esses profissionais são transferidos para a biblioteca sem nenhuma preparação ou algum tipo de treinamento, o que condiz com os dados da pesquisa, pois 54% dos entrevistados afirmam não terem preparação, treinamento ou formação para desenvolverem os trabalhos na biblioteca.

Ainda quanto ao questionarmos sobre os trabalhos específicos da biblioteca, da parte técnica, somente 15% disseram conhecer um pouco sobre os processos técnicos de organização do acervo, pois já haviam passado por treinamento e por terem trabalhado com um bibliotecário em algum período de sua vida profissional. Os demais procuram desenvolver os trabalhos e organizar o acervo de forma intuitiva, como revela o relato da P5: “Cada biblioteca acaba que

está organizando da sua forma, mas não da forma correta, pra se virar. É bastante intuitivo, com muita boa vontade”. Ou ainda, como disse o P1: “Foi tudo no achismo, foi tudo na prática mesmo”, e também a P8: “a gente tenta organizar da melhor forma possível para atender, porque a gente atende professor também. Então a gente tenta organizar de uma maneira pra atendê-los melhor e pra gente também aqui, mas não tem como organizar muito tecnicamente não, vai mais pelo instinto, pelo bom senso, porque não tem como organizar muito não”.

No Quadro 2 vemos que apenas 61% daqueles que estão nas bibliotecas escolares tiveram algum tipo de formação para atuar nesse ambiente, contudo, são unânimes os relatos sobre a necessidade de aplicação de cursos e treinamentos, como vemos no discurso da P5: “se tivesse um pouco de técnica ficaria mais fácil pra cada biblioteca e todos organizariam da mesma forma”.

A P6 revela que “para a biblioteca nunca participei de cursos ou preparação para esse trabalho. Se tivéssemos um treinamento seria ótimo, são muitas escolas, se cada uma enviasse um ou dois professores, ou quem tivesse interesse em iniciar nesse campo, seria ótimo”.

O discurso da P2 segue no mesmo sentido: “este ano não houve curso de formação, então nunca fiz nada para atuar aqui”.

Já outros professores dizem já terem participado de cursos, como a P8: “eu fiz um curso de bibliotecário, mas já tem muitos anos, pela prefeitura. Eu não lembro de mais nada, faz muito tempo”.

A P3 revela um treinamento recente, contudo demonstra que foi insuficiente para seu trabalho: “ano passado teve, mas achei que não foi nada que pudesse acrescentar, bem vazio eu achei. No ano passado teve, acho que com um contador de histórias, foi só mesmo sobre contação de história”.

Questionando essa realidade, Gasque (2012), argumenta sobre a necessidade de ter uma biblioteca integrada à escola, no sentido de sua dinamicidade, com uma atuação efetiva junto aos alunos e professores, a fim de fomentar a prática de ensino e aprendizagem. Ela destaca que é fundamental que os profissionais da educação que atuam nas bibliotecas escolares, sejam eles professores, assistentes ou bibliotecários, passem por uma formação contínua, com fundamentação na área de biblioteconomia, de educação e letramento, tanto literário quanto informacional, para o desempenho das atividades na biblioteca escolar.

Assim, percebe-se que a falta de preparo para a atuação na biblioteca é uma deficiência para esses profissionais. O P1 revela que: “falta treinamento adequado, alguém pra auxiliar a gente, porque a gente não teve auxílio nenhum na questão da biblioteca, formação nenhuma”.

Na sequência apresentamos o Quadro 2 que demonstra o perfil dos profissionais entrevistados que atuam nas Bibliotecas Escolares.

Quadro 2 - Perfil dos profissionais entrevistados que atuam nas Bibliotecas Escolares. Dados em porcentagem.

Possui curso superior completo	54%
Possui pós-graduação completo	31%
Está satisfeito com a alocação na Biblioteca Escolar	100%
Se sente preparado para desenvolver as atividades profissionais na Biblioteca Escolar	46%
Se considera um sujeito leitor	54%
Teve treinamento para desenvolver as atividades profissionais na Biblioteca Escolar	61%
Interage com os professores para o planejamento e a aplicação de projetos de leitura. Atua em parceria com os professores	54%
Desenvolve projetos de leitura que foram apresentados pela Secretaria de Educação no espaço da Biblioteca Escolar	54%
Criou/elaborou projetos de leitura e os desenvolve no espaço da Biblioteca Escolar	15%
Solicitou remoção para exercer os trabalhos na Biblioteca	77%

Fonte: Do autor (2019).

Com o Quadro acima, que demonstra o perfil do profissional que atua na biblioteca escolar, identificamos que, dentre os profissionais entrevistados, todos os professores alocados nas bibliotecas possuem curso superior completo, e, ainda, que 57% destes possuem pós-graduação, exclusivamente *Lato sensu*. No Quadro 3 apresentamos a formação acadêmica das professoras que estão atuando nas bibliotecas das escolas.

Quadro 3 - Formação acadêmica das professoras alocadas nas bibliotecas escolares.

Professora	Graduação	Pós-Graduação
P2	Matemática	Matemática e Estatística
P4	Pedagogia	Psicopedagogia institucional e clínica
P6	Pedagogia	-
P8	Pedagogia	Práticas pedagógicas
P9	Letras e Pedagogia	-
P11	Pedagogia	-
P13	Pedagogia	Psicopedagogia

Fonte: Do autor (2020).

Caracterizando o perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, das sete professoras entrevistadas, quatro estão alocadas na biblioteca há mais de dois anos, já as demais estão há poucos meses nessa função. Estas iniciaram suas atividades no ano em que a entrevista desta pesquisa foi realizada.

Estas professoras deixaram claro que foram para a biblioteca sem nenhum tipo de orientação, instrução ou treinamento, como relatam P1: “a gente não teve auxílio nenhum na questão da biblioteca, formação nenhuma”, e P2: “este ano não houve curso de formação, então nunca fiz nada para atuar aqui”.

Aquelas professoras que estão na biblioteca há menos de dois anos reclamam da falta de formação e da dificuldade para desenvolver os trabalhos pertinentes ao setor. Com esses relatos, percebe-se a inconsistência na aplicação da Lei 13.696/2018 sobre a Política Nacional de Leitura e Escrita, que traz no item II do artigo 3º, que o governo deve “fomentar a formação de mediadores de leitura e fortalecer ações de estímulo à leitura, por meio da formação continuada em práticas de leitura para professores, bibliotecários e agentes de leitura, entre outros agentes educativos, culturais e sociais” (BRASIL, 2018).

Ao conhecer as Bibliotecas Escolares do município onde foi desenvolvida a pesquisa em questão, nos deparamos com uma realidade preocupante. Foram entrevistadas sete professoras, sendo que nenhuma delas demonstrou se sentir preparada e capacitada para desenvolver as atividades pertinentes à biblioteca; contudo, seis professoras apresentaram segurança e habilidades para o desenvolvimento de projetos de leitura, sobretudo, a partir do projeto “Lavras Lê”⁵, que é um projeto de leitura criado pela Secretaria de Educação, da Prefeitura Municipal.

Todos os entrevistados relataram que estão satisfeitos por estarem alocados na biblioteca, que gostam do que fazem, como revelam os excertos a seguir: “gosto de trabalhar na biblioteca [...]. Não poderia fazer outra coisa” (P7). “Olha que eu amo meu trabalho” (P4), e ainda: “eu venho satisfeita pra escola, eu tô aqui feliz com esse espaço, eu amo esse espaço aqui, eu tô dois anos nesse espaço. Eu fui diretora, professora, agora tô nesse espaço da biblioteca. Mas eu amo estar aqui, eu gosto do que eu faço” (P8).

⁵ “Lavras Lê” é um projeto institucional, proposto pela equipe pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, em 2017. O projeto abrange todas as instituições da rede municipal de ensino, tendo como público alvo as crianças, desde o berçário até os alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. O projeto apresenta como meta o desenvolvimento do “gosto e o prazer pela leitura através de atividades desenvolvidas dentro e no entorno da escola”, pois pretende envolver as comunidades circunscritas às escolas. O objetivo geral desse projeto é despertar o prazer da leitura e produzir a compreensão da importância dela como um instrumento social. Cada professor regente tem autonomia para desenvolver seu programa de leitura, a partir de temas propostos pela Secretaria Municipal de Educação, a fim de promover “momentos que possam despertar o gosto pela leitura, o amor ao livro e a consciência de se adquirir o hábito de ler” (LAVRAS, 2017).

A partir do delineamento do perfil destes profissionais que atuam nas bibliotecas escolares da cidade pesquisada, identificamos dois aspectos que se destacaram durante a entrevista, um que diz respeito às motivações que os levaram a estarem nas bibliotecas, outro sobre as relações de proximidade e de distanciamento dos profissionais/professores com a leitura.

5.1.1 A escolha de estar na biblioteca escolar

Veremos neste tópico as motivações que levaram estes profissionais a estarem nas bibliotecas escolares, sobretudo as professoras, que originalmente fizeram concurso para atuação em sala de aula.

Das sete professoras entrevistadas, três relataram que foram designadas pela direção da escola para realizarem seus trabalhos na biblioteca, sendo que quatro das docentes entrevistadas destacaram que elas mesmas solicitaram à direção da escola que fossem remanejadas para a biblioteca, pois não se sentiam mais em condições de atuarem em sala de aula, como relatado pela educadora P13, dizendo que fez “um pedido pessoal para sair de sala de aula, pois não aguentava mais ficar em sala de aula”. Nessa mesma linha, temos o relato da professora P8, ao dizer que: “já não aguento uma sala de aula mais, é muito desgastante”. Tem ainda o relato da P4: “eu pedi para ir para a biblioteca. Adoro minha profissão”, e da P9: “eu sugeri pra diretora: que tal eu trabalhar na biblioteca? Porque em 2015 eu trabalhei 3 meses aqui substituindo uma colega e eu achei muito interessante, achei bacana, eu gostei”.

Deparamo-nos também com uma professora que foi alocada na biblioteca para aguardar a aposentadoria, para que sua ausência, após o início das aulas, não comprometesse o desenvolvimento da turma. A professora relata que entrou “com pedido para aposentar. Esse ano estou na biblioteca atuando junto com a colega. Sou professora, já fui supervisora, diretora da escola e estou esperando para aposentar. No outro cargo, também de professora, à tarde, também estou atuando na biblioteca. Mas cada ano fica uma professora aqui. Essa é a dificuldade, a gente aprende e daqui a pouco tem que sair e começa tudo de novo. Em muitas bibliotecas, normalmente quem está atuando é o professor com alguma licença médica, com ajustamento funcional, que não pode atuar em sala de aula. Normalmente são professores, supervisores, a não ser poucos auxiliares que têm formação, em algumas escolas. Ou talvez próximo à aposentadoria, alguns com mais idade que está esperando o tempo da aposentadoria, normalmente o tempo, não a idade. É uma realidade mesmo” (P6).

Com esse mesmo critério, de não prejudicar os alunos por ausência do professor, a professora P2 disse que “foi decisão da direção da escola que este ano eu ficasse atuando na biblioteca, uma vez que iria ausentar para as aulas de mestrado. Então acharam, por conveniência, que os alunos ficariam menos prejudicados dando aula na biblioteca do que assumindo uma turma. A princípio não gostei da mudança, mas passados alguns dias fui me apegando à função”.

Já a P3 faz uma crítica pertinente ao fato de se colocar um professor na biblioteca, pois quando falta algum professor regente, o docente que está na biblioteca tem que ir para a sala, suprimindo essa ausência. Segundo a entrevistada, “o problema de colocar professor na biblioteca é esse, porque a prioridade é sala de aula, vem professor, daí tira daqui quando precisa na sala”, deixando a biblioteca “fechada”. É o que ocorreu no período da manhã, como ela relata: “de manhã a professora teve que ir para sala de aula”, portanto a biblioteca não estava funcionando nesse período.

Já a professora P11 revela que é “professora em ajustamento funcional”; segundo ela, “estavam precisando de uma professora na biblioteca, e como a prefeitura não tem condições de contratar funcionário, aí eles perguntaram se eu poderia trabalhar na biblioteca”.

Esses relatos são condizentes com a pesquisa de Bicheri e Almeida Júnior (2013), ao apresentar que nas bibliotecas das escolas públicas atuam professores ou funcionários administrativos, os quais procuram exercer o papel do bibliotecário, contudo sem preparação adequada ou algum tipo de treinamento para o desempenho da função. Trazemos novamente Fragoso (2002) e Silva (1984) que constata a mesma realidade, a de que muitas bibliotecas escolares no país não contam com um profissional bibliotecário para o desenvolvimento dos trabalhos de uma biblioteca, mas com um professor readaptado (em desvio de função), para assumir esse papel (SILVA, 1984).

O relato da P6, quando diz que está na biblioteca para aguardar a aposentadoria, reflete um certo desinteresse da professora em conhecer ou habilitar-se para os trabalhos inerentes à biblioteca, restringindo-se assim à aplicação de projetos em curto prazo. A mesma professora enfatiza que a realidade em algumas escolas é alocar na biblioteca professores que estão “próximo à aposentadoria, alguns com mais idade que estão esperando o tempo da aposentadoria, normalmente o tempo. Não há interesse em aprender as atividades da biblioteca”. Esse relato reflete a pesquisa realizada por Lílian da Silva, ainda em 1984, demonstrando que na maioria das escolas a biblioteca escolar fica sob a responsabilidade de professores readaptados nas bibliotecas (SILVA, 1984). Podemos destacar que, mesmo depois de mais de 30 anos, essa situação ainda perdura nas escolas.

Já em relação aos servidores que têm o cargo de auxiliar de biblioteca, percebe-se uma realidade um pouco distinta, pois já estão atuando nas bibliotecas há muitos anos, como demonstrado no Quadro 3. Nas bibliotecas que contam com um auxiliar de biblioteca, observa-se melhor organização do acervo e do espaço em geral, provavelmente pelo fato destes profissionais permanecerem por maior período em atividade nas bibliotecas, tendo sido designados para trabalhar nesse espaço desde sua efetivação, através do concurso que realizaram.

Contudo, no que tange aos projetos de leitura, alguns entrevistados relataram não se sentirem preparados para o desenvolvimento de atividades com este propósito, como o relato da P3: “se for quanto a outra parte [projetos de leitura] não me sinto preparada não, apesar de estar aqui há 21 anos, não me sinto não. Quanto a desenvolver atividades, projetos, não”.

Essa fala condiz com a P12, ao dizer: “Falta muita coisa, eu acho que preciso aprender muita coisa”. Autores como Andrade (2013), Fragoso (2005), Neves e Ramos (2010) e Perrotti (1990) são categóricos ao afirmar que para um bom desempenho dos serviços oferecidos na biblioteca escolar, devem-se ao fato de haver profissionais preparados e qualificados, sejam eles professores ou bibliotecários.

Quadro 4 - Tempo de atuação em Biblioteca Escolar dos servidores do cargo de Auxiliar de Biblioteca.

Servidor	Formação	Tempo de atuação na Biblioteca Escolar
P1	Superior incompleto	16 anos
P3	Ensino médio	21 anos
P5	Superior incompleto	22 anos
P7	Superior incompleto	17 anos
P10	Ensino médio	2 anos
P12	Ensino médio	12 anos

Fonte: Do autor (2020).

Todos esses profissionais apresentaram satisfação por atuarem nas bibliotecas escolares, bem como maior interesse em cuidar do ambiente, do acervo, da biblioteca, como revela a P3: “o trabalho com livro, de organização, sim, porque nós já tivemos vários encontros de capacitação, né, com bibliotecários e assim, dentro das minhas possibilidades eu consegui pegar bastante coisa”. O discurso da professora P9 em relação ao técnico P10 reforça essa percepção: “o técnico fica por conta de fazer empréstimo, devolver, receber, carimbar, arrumar e eu ministro as aulas”.

Na sequência veremos sobre a relação dos professores com a leitura e o letramento literário.

5.1.2 Relação de proximidade e de distanciamento dos profissionais das bibliotecas escolares com a leitura

Gobi (2019) enfatiza que a formação de um bom leitor é um desafio para o professor, que tem por propósito estimular o interesse pela leitura desde o ingresso no ambiente escolar. Contudo, o despertar da disposição e do interesse pela leitura, de forma que venha a se tornar uma prática cotidiana, requer habilidades do educador, mas antes de qualquer técnica, ele deve ser um leitor (DURBAN ROCA, 2012).

No discurso de alguns profissionais, percebe-se uma certa incoerência em relação à leitura, pois embora unanimemente afirmem gostar de ler e que a leitura é muito importante, percebe-se claramente a falta de habilidade e a pouca prática do ato da leitura por parte dos professores e auxiliares de biblioteca, como relatado pelo P3: “gosto de ler, mas não leio muito não”; e ainda pelo P13: “só leio literatura infantil. Só leio para preparar as aulas, e algumas coisas de interesse pessoal”. Ou como falado pelo P5: “leio o que eu preciso pra contar história aqui, pesquiso as histórias que vou contar, estudo bastante história, mas somente isso. Só relacionado ao meu trabalho”.

Deparamo-nos também com respostas evasivas, como o discurso da P7 “gosto de ler, mas tenho um problema nos olhos e tenho dificuldade”, apesar de ler o termo de compromisso sem nenhuma dificuldade.

Perrotti (1990, p. 77) constata que “a incompetência não é simplesmente um não-saber-fazer, é antes um não-saber-interessar”. Também nessa perspectiva, Silva e Paulinelli (2018) insistem que o professor que pretende trabalhar o processo de leitura com seus alunos, de produzir a prática de letramento literário de forma a despertar o interesse e o gosto pela leitura, ele mesmo deve ser um leitor assíduo, perspicaz, que tenha conhecimentos práticos e teóricos, não somente sobre o conteúdo a ser tratado, mas com amplitude de conhecimento das experiências que a leitura pode lhe proporcionar.

Relatos como da P7, ao dizer que “tenho um problema nos olhos e tenho dificuldade”, são identificados na pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, de 2016, como barreiras para a leitura que são utilizadas por parte da população e até mesmo professores, ao usar expressões como “falta de paciência”, “falta de concentração” e “problemas na visão” (IPL, 2016, p. 133). A descrição da P11 condiz com essa realidade: “eu gosto muito de ler, até evito. Ultimamente

não tô lendo muito não por causa da visão, dá muita dor de cabeça, mas eu gosto muito de ler, quando eu pego um livro em 2 dias já li ele, revista, adoro, aquelas revistas em quadrinho. Jornal, notícias, eu pego o jornal e já começo a ler”.

Discursos revelados nas entrevistas configuram uma realidade linear ao que foi apresentado no documento final do IPL (2016), como o relato da P3: “gosto de ler, mas não leio muito não, porque aqui não dá tempo. Em casa piorou, tem até um livro que uma aluna me emprestou, mas já tem uns dois meses que ela trouxe pra mim e não consegui olhar ainda”. Percebe-se nesse caso um grande desinteresse pela leitura.

Há também aquelas que se limitam à leitura exclusiva para o desempenho de suas funções, como a P5: “leio o que eu preciso pra contar história aqui, pesquiso as histórias que vou contar, estudo bastante história, mas somente isso. Tudo relacionado ao meu trabalho, nada assim... até porque não tenho muito tempo”.

As P6, P7 e P13 apresentam a mesma condição: “leio sempre, a maioria dos livros relacionados ao meu trabalho” (P6). “gosto de ler, mas tenho um problema nos olhos e tenho dificuldade. Livro infantil é fácil, mas se for uma Bíblia já tenho mais dificuldade, bula de remédio” (P7). “leio somente literatura infantil. Não me acho uma leitora assídua, só leio para preparar as aulas, e algumas coisas de interesse pessoal”.

Já outras professoras revelam o gosto, o interesse e a prática da leitura, como a P4: “gosto muito de ler. Sempre que vejo um livro novo pra contar a história eu leio várias vezes. Todo livro que chega eu vejo o que que é, leio todos”. Também a P8: “sempre estou lendo algum livro, eu leio muito, sempre gostei de ler. Não gosto de livros *on-line*, eu gosto do papel. Gosto de sentir o cheiro do livro, mexer, virar o livro”. A P9 relata: “depois que eu vim pra cá tenho lido muito, pelo menos 2 livros por semana eu tenho conseguido ler”.

Diante dos argumentos apresentados nas entrevistas, percebe-se indícios que evidenciam um comportamento de ausência da leitura entre alguns professores. Considerando que são profissionais que trabalham em bibliotecas escolares, que tem a função de promover a utilização dos livros e estimular a leitura nas crianças, de forma a mediar a formação do leitor, verifica-se que a formação leitora dos profissionais se mostra comprometida.

Nesta direção, Durban Roca (2012), Lourenço (2010) e Silva (2010) enfatizam que o mediador precisa ser um leitor assíduo, pois para despertar na criança o gosto pela leitura é importante que o mediador goste de ler, que ele seja um leitor aplicado, pelo fato de ser uma atividade que envolve tanto a emoção quanto a afetividade. Afinal, como apresentado no PCN de Língua Portuguesa (BRASIL, 1997a), como envolver as crianças com a prática da leitura, se o professor ou o mediador não se envolve com a leitura e a literatura?

Autores como Cosson (2018) e Silva, Ferreira e Scorsi (2009) caracterizam a prática da leitura como fundamental para a vida pessoal e social das pessoas, sobretudo no ambiente escolar, sendo os professores modelos para a formação de seus alunos.

Com este amplo Quadro no qual demonstramos o perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares do município pesquisado, apresentaremos a segunda unidade de sentido que observamos nessa pesquisa: as ações realizadas nos espaços das bibliotecas das escolas.

5.2 Ações desenvolvidas nas bibliotecas escolares

Considerando a Análise Textual Discursiva como critério para a análise dos dados obtidos nessa pesquisa, por meio das entrevistas, propomos categorizar as demarcações sobre a atuação do profissional da Biblioteca Escolar em quatro dimensões, denominadas como: (5.2.1) Ações relativas à estruturação da biblioteca; (5.2.2) Ações de colaboração/interação com as professoras; (5.2.3) Ações relacionadas à formação de leitores, e; (5.2.4) Ações relacionadas ao ambiente físico. Seguiremos conforme esta sequência.

5.2.1 Ações relativas à estruturação da biblioteca e suas atividades

Nesta seção trataremos das ações direcionadas à estruturação das bibliotecas e das atividades que acontecem neste setor, como empréstimos de livros, disposição das obras nas estantes, organização do acervo e do acompanhamento das atividades de leitura de professores.

Deparamo-nos com realidades bastante distintas nas escolas visitadas; algumas bibliotecas contam com somente um profissional, outras com dois e, ainda uma minoria, com três professoras e/ou técnicos. Das bibliotecas que possuem somente um profissional, em algumas é uma professora e em outras um auxiliar de biblioteca quem assume a responsabilidade pelo espaço.

Nas bibliotecas que contam com dois profissionais, identificamos uma professora e um auxiliar de biblioteca, ou duas professoras, sendo que trabalham em horários ou turnos separados. Já as que possuem três profissionais, vemos a seguinte distribuição: em um turno trabalham juntas uma auxiliar e uma professora, e no outro turno uma professora. Nesses dois últimos casos, o horário de funcionamento da biblioteca é mais ampliado. É relevante reiterar que três escolas estavam com as bibliotecas fechadas no período de coleta de dados, pois nelas consta somente uma professora em cada biblioteca. Como duas delas estavam em licença

médica e uma substituindo outra docente em sala de aula, as bibliotecas não estavam funcionando.

O Quadro 5 apresenta a quantidade de profissionais em cada biblioteca e o período de funcionamento do setor.

Quadro 5 - Quantidade de profissionais em cada biblioteca e o tempo de funcionamento do setor.

Escola	Número de profissionais	Tempo de funcionamento
E1	2	Integral
E2	2	Parcial
E3	1	Integral
E4	3	Integral
E5	2	Integral
E6	2	Integral
E7	3	Parcial
E8	2	Integral
E9	1	Parcial
E10	2	Parcial

Fonte: Do autor (2020).

Nas bibliotecas onde atua apenas um profissional temos duas situações distintas. Na E3 a professora responsável pelo setor afirmou que o “horário [da biblioteca fica] aberto em todo o horário da escola”, e que “não preciso de ajuda” (P4), enfatizando que realiza todos os serviços do setor, e não há carência de outro profissional para auxiliá-la nas atividades, exceto quando precisa pegar alguma caixa, móvel ou algo pesado, como revela: “só quando preciso carregar, daí peço ajuda”.

Já na E9 há uma deficiência no horário de funcionamento, como relata a técnica P12: “Como não tem auxiliar de biblioteca à tarde, e eu estou aqui como auxiliar, esse ano eu dividi os meus dias de trabalho, hoje eu trabalho das 7 às 13h, amanhã trabalho do meio dia às 18h, aí vou trabalhar com as turmas da tarde. Porque precisa fazer empréstimo de livros, precisa trazer eles pra cá. Como a Secretaria de Educação, esse ano, não podia mandar uma auxiliar para ficar à tarde, aí a diretora pediu para eu dividir os dias na semana, aí ajudo um pouco de manhã e um pouco à tarde”. Ela continua: “O bom seria se eu ficasse de manhã e teria uma pessoa para ficar à tarde, mesmo que às vezes preciso dar uma saidinha rápida, acho que seria bom, porque biblioteca não pode ficar fechada. Às vezes você fecha um segundinho, pra ir ali rapidinho. Eu

acho que a biblioteca não poderia ficar fechada, no meu ponto de vista, eu acho. Às vezes saio rapidinho, mas todo mundo tem acesso, a chave fica em tal lugar. O certo mesmo seria uma de manhã e outra à tarde”.

Embora a escola tente contornar a situação alternando o horário da “bibliotecária”, ou permitindo o acesso a outros funcionários ou professores, os alunos ficam prejudicados, pois não é todo o dia que eles têm acesso à biblioteca. Neste caso ela menciona que “Quando não estou aqui qualquer funcionário tem acesso, até as estagiárias, quando vêm, elas têm acesso à biblioteca. Às vezes não sou eu que estou aqui, mas as meninas que vêm têm acesso, as professoras, quando eu não estou aqui elas trazem os meninos. Quando estou dou suporte”.

Essa situação é questionável, pois de acordo com a contribuição de Durban Roca (2012), o que dá sentido à existência da biblioteca é sua utilização, tanto pelos alunos quanto pelos professores, aliás, pelos alunos com seus professores, assim ela exerce sua função de apoio aos processos de ensino e de aprendizagem, devendo permanecer aberta, disponível aos estudantes, não limitada somente no horário escolar, a fim de facilitar seu acesso, e também como forma de dar autonomia aos alunos para utilização desse espaço, de forma a usufruir de todos os seus recursos e materiais oferecidos (BEZERRA, 2008; CAMPELLO, 2010; DURBAN ROCA, 2012).

Mesmo aquelas bibliotecas que possuem dois professores/técnicos, algumas se limitam a funcionar somente nos horários em que ocorrem as aulas, como no caso da escola E10, que a biblioteca “funciona das 7h às 11:30 e depois de 13:00 às 17:15” (P13), e ainda a escola E7, em que a biblioteca “funciona manhã e tarde” (P10), “porque à noite tem o EJA. E livro do EJA tem bastante. Quando precisa as professoras vêm buscar, pegam a chave e pegam os livros. Isso é um problema, porque sempre somem livros, ficam faltando livros que não devolvem. A gente nem sabe como é a atuação à noite, as professoras pegam e nem ficamos sabendo, às vezes damos falta de alguns” (P9).

Para Campello (2010), a biblioteca deve sempre estar aberta ao público, em horários que vão além do período de aulas, como forma de democratizar o acesso e o uso do acervo. Fragoso (2002) concorda com Campello (2010), pois para que haja a democratização do livro, a biblioteca deve ser oportunizada a todos os alunos, contemplando também seus familiares, pais, irmãos, em horários que possibilitem esse acesso.

Ampliando um pouco mais essa discussão, Bezerra (2008), Campello (2010) e Durban Roca (2012) falam da biblioteca democratizada, no qual deve estar disponível aos estudantes não somente no horário escolar, de forma a facilitar o acesso e incentivar a leitura.

Na sequência apresentamos o Quadro 5 que demonstra a estrutura da organização das bibliotecas escolares.

Quadro 6 - Estrutura da organização das Bibliotecas Escolares. Dados em porcentagem.

A Biblioteca funciona em horário integral	60%
Bibliotecas que realizam empréstimos de obras para os leitores	90%
Bibliotecas Escolares com número de profissionais suficientes (de acordo com os entrevistados)	60%

Fonte: Do autor (2019).

Nesse Quadro percebe-se outra deficiência, de acordo com os relatos dos entrevistados, no que se refere à quantidade de profissionais que atuam nas bibliotecas escolares. Quarenta por cento dos entrevistados apresentaram uma carência de profissionais para o desenvolvimento dos trabalhos da biblioteca, como comentado pela P5: “de forma nenhuma é suficiente, tem necessidade de mais gente. O movimento aqui é muito constante, é o tempo todo ‘sala’ entrando e saindo. Professores pedindo coisas, *datashow* que eu monto lá em cima, *tablets* que a gente organiza, tem que pôr pra carregar, ver se está funcionando”.

Semelhante discurso fez a P11: “precisa de gente pra organizar, mesmo que não faça nada, mas só para olhar, pelo menos. Mesmo que a pessoa não conheça a organização, mas pelo menos fica tomando conta [...]. [Tem horário que] não fica ninguém e fica aberta, aí o professor vem, aí some as coisas, some livro, é assim. A biblioteca fica aberta o tempo todo, mas não fica ninguém em boa parte do tempo. Não fica responsável o tempo todo”, e a P13 também relata que: “não [é suficiente], eu tenho que dar aula, tenho que fazer outros serviços da biblioteca, entregar apostilas, fazer empréstimo de livros”.

Esses relatos demonstram a dificuldade em desenvolver os trabalhos sem auxílio de outros profissionais, além do risco do desaparecimento de obras, como mencionou a P11, pelo fato da biblioteca ficar aberta sem um responsável em alguns momentos.

Enquanto nove bibliotecas realizam o serviço primordial de empréstimo aos alunos, uma biblioteca limita o uso do acervo ao seu ambiente. A P11 relata que “empréstimo não é muito viável aqui não. As crianças pegam e não devolvem, dá pro irmãozinho e depois rasga, tem uns que devolvem, já tem outras que ‘ah, dei pro meu irmãozinho e ele rasgou’”.

Isso demonstra o despreparo da professora para lidar com a biblioteca e com as crianças, como ponderam Alcântara (2013) e Mendes (2012), em que a biblioteca deve ser mais do que um espaço para armazenamento de livros, mas que funcione como uma oficina de leitores, um

ambiente que estimule a utilização dos livros, e para isso é fundamental que os livros sejam emprestados para os alunos.

Também Cosson (2014) é categórico ao afirmar que para despertar o interesse e o gosto pela leitura, a criança deve ter contato com o livro, deve haver continuamente uma interação entre o leitor e obra, sendo que a circulação dos textos é essencial no processo de letramento dos alunos.

Vislumbramos também realidades bastante divergentes quanto à organização do acervo. Naquelas bibliotecas onde tem um auxiliar-administrativo com mais tempo de atividade, percebemos melhor ordenação do acervo; já aquelas que contam somente com uma professora, o arranjo do acervo é mais desorganizado, pois algumas professoras encontram dificuldades no registro e disposição das obras, devido à falta de preparação e formação e também por causa das atividades de leitura com os alunos, em que a maioria delas está envolvida.

É uma realidade condizente com o que dizem Bicheri e Almeida Júnior (2013), que nas escolas públicas onde atuam professores ou funcionários administrativos, infelizmente não há uma preparação ou algum tipo de treinamento para esta função. Vejamos o relato da professora P2: “nunca fiz nada para atuar aqui”. A P6 apresenta a mesma situação: “para a biblioteca nunca participei de cursos ou preparação para esse trabalho”, e ainda a P9: “essa parte da formação, organização na verdade eu não sei, não conheço”.

5.2.2 Ações de colaboração/interação com as professoras

Em relação aos trabalhos associados ao letramento literário, desenvolvido pelas docentes, observamos diversas realidades. Algumas professoras desenvolvem projetos de leitura na biblioteca, sendo que tais situações, bem como os projetos realizados por elas, serão abordadas no próximo tópico.

Também há professoras e técnicos que dão apoio às atividades de leitura desenvolvidas pelas professoras regentes, algumas que ocorrem em sala de aula e outras na própria biblioteca. Na sequência veremos alguns relatos sobre os suportes oferecidos pela biblioteca para os projetos de leitura nas escolas.

Como já apresentado, as escolas da cidade pesquisada desenvolvem um projeto de leitura planejado pela Secretaria Municipal de Educação, sendo outorgado às escolas o desenvolvimento e a aplicação do mesmo. As professoras responsáveis pela aplicação têm autonomia para trabalhar com os alunos, conforme as necessidades e interesses de cada turma ou escola.

As bibliotecas escolares têm como função subsidiar os trabalhos das professoras, como destacam Durban Roca (2012) e Perrotti (1990), sendo que “os bibliotecários” devem colaborar com os professores, dispor aos docentes conteúdos pertinentes, adequados para a formação literária a fim de estimular a competência informacional. Fragoso (2002) entende a biblioteca como um ambiente para o complemento da educação formal, por oferecer diversas possibilidades de leitura. Contudo, nem todas as professoras utilizam o espaço da biblioteca para o desenvolvimento dessas aulas.

A P1 relata que o projeto “é feito pelas professoras na sala de aula, não fui integrado nesse projeto”. A P3 apresenta o seguinte discurso: o projeto de leitura “é mais o professor em sala de aula, aí a gente só dá suporte, de acordo com o tema que eles pegam lá e pedem pra separar o livro de acordo. Aqui dá o suporte”. E continua: “meninos do 6º ao 9º não é cobrado nada aqui na biblioteca, porque dizem que o trabalho tem que ser feito em sala de aula. Eles vêm pra cá, fazem a leitura, mas se tiver algum trabalho a partir daquela leitura, é o professor que tem que fazer na sala de aula”.

A P5 menciona que “os professores desenvolvem algum trabalho em sala de aula, de conto, de ficha de leitura e a gente auxilia com o empréstimo dos livros e indicações à professora”.

Com esses excertos percebe-se o apoio oferecido pela biblioteca, contudo, perde-se a oportunidade de realizar esses projetos num ambiente altamente propício para o letramento, como dizem Hillesheim e Fachin (2004), que veem a biblioteca como uma oportunidade de elo entre o professor e o aluno, na promoção da pesquisa e da leitura, pois a biblioteca é um importante instrumento na formação educacional e cultural dos discentes. Pimentel, Bernardes e Santana (2007) insistem que a biblioteca tem um papel preponderante no processo educacional dos alunos, servindo aos professores como grande aliado na formação dos alunos.

Além do apoio realizado pela biblioteca, atentamos também que, em muitas escolas, há uma ausência ou limitação na relação entre as professoras regentes e as professoras ou técnicos alocados nas bibliotecas quanto aos projetos de leitura. Em algumas bibliotecas visitadas, constatamos um esforço isolado dos “bibliotecários”, como vemos no discurso da P3: “fico mais independente. Às vezes acontece assim, alguém fala: ‘ah, tô trabalhando tal assunto, tem alguma história de acordo?’ daí eu procuro e separo as histórias que tem aquele assunto”.

Da mesma forma, a P7 disse que: “a gente não trabalha em conjunto [...]. Eu fico livre pra fazer o que eu quiser. Eles vêm, eu conto história, eles pegam o livro emprestado”.

Também a P9 segue na mesma linha: “a direção nos dá essa autonomia, de poder ir e vir, de resolver. Na parte dos planejamentos eu que faço, o que vou trabalhar nessa semana, o

que vou trabalhar na semana que vem. Porque a gente precisa planejar, sem planejamento não dá. Não deu certo fazer o planejamento com as professoras, não funciona”, e ainda a P11 relata que: “o projeto é todo meu”.

Fragoso (2002) e Perrotti (1990) questionam essa postura, pois segundo eles, de nada adianta uma biblioteca, por mais organizada e estrutura que seja, com acervo, tecnologias e mobiliários, se não há um trabalho concomitante com o corpo docente da escola, de forma a promover, continuamente, uma parceria para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos, pois, de forma isolada, a biblioteca fica subutilizada.

Já em outras bibliotecas, vemos um maior esforço para que ocorra uma parceria ou uma integração entre os professores regentes e os professores alocados nas bibliotecas, como vemos no relato da P4: “nas reuniões sempre converso com os professores, apresento os livros que têm, que chegam, eles pedem materiais, livros pra mim. Planejamos alguns conteúdos juntas”.

Também a P5 trabalha de forma semelhante, dizendo que desenvolve os trabalhos em parceria “sim, com a supervisão, com as professoras”. Alinhado a essa estrutura, a P8 relata: “a gente trabalha numa equipe municipal, a diretora é uma parceira, está sempre com a gente. Tanto a outra que esteve antes como a que está agora, a supervisora dá aquele apoio pra gente, os professores também, todo mundo. Então acaba que flui, na parceria”.

Tem ainda o relato da P13: “no planejamento não [há integração], mas no decorrer do ano sim. Eu faço o planejamento de forma independente, sozinha, sem envolvimento com as professoras, mas elas sabem o que estou fazendo, sabem dos conteúdos que trabalho com as crianças, da forma que realizo as atividades, embora elas não participem das aulas que dou na biblioteca”.

Para Brito (2016) e Perrotti (1990), a biblioteca escolar tem como função primordial a formação do leitor, devendo contribuir na construção do processo do ensino e da aprendizagem, e para que isso ocorra, os trabalhos realizados na biblioteca devem ser planejados e realizados em parceria com os professores.

Nessa mesma linha, Vieira (2013) compreende a biblioteca escolar como um centro cultural e de leitura nas escolas, mas para que o gosto pela leitura seja produzido nos alunos, é fundamental que haja sempre uma relação de proximidade, desde o planejamento até a aplicação, entre os professores e os “bibliotecários”.

Para Ezequiel Silva, o bibliotecário deve buscar formas, insistir com os professores regentes para que se construa uma boa articulação entre eles, a fim de trabalhar a leitura com os alunos de maneira mais efetiva e produtora. O documento da IFLA segue na mesma direção de Silva (1993), ao afirmar que quando os bibliotecários e professores trabalham em conjunto,

há uma considerável influência no “desempenho dos estudantes para o alcance de maior nível de literacia na leitura e escrita, aprendizagem, resolução de problemas, uso da informação e das tecnologias de comunicação e informação” (IFLA, 2000, p. 2).

Há ainda alguns relatos em que o professor da biblioteca se esforça para produzir um trabalho relacionado ao que o professor regente executa em sala de aula. Vejamos o empenho do P1: “sempre procuro perguntar às professoras sobre o que elas estão trabalhando com eles, o assunto, e tento ir na mesma linha pra ajudar”.

Também a P2 revela que: “elaborei o planejamento com temas para serem trabalhados com as crianças no 1º semestre e entreguei para cada professora da escola”.

Dessa forma, verificamos posturas distintas sobre o apoio oferecido aos professores regentes pelos professores ou técnicos das bibliotecas, em relação à interação, com o intuito de planejamento dos conteúdos que são desenvolvidos nas bibliotecas escolares. Existem aqueles independentes; aqueles que desenvolvem seus projetos a partir do que os professores regentes estão realizando; e aqueles que planejam conjuntamente, procurando o maior benefício aos discentes, construindo uma parceria que facilite o processo de ensino e aprendizagem, como apresentado por Fragoso (2002).

No próximo tópico nos deteremos em algumas ações relacionadas à leitura, ao incentivo da leitura e à formação de leitores que identificamos durante as visitas às bibliotecas escolares.

5.2.3 Ações relacionadas à formação de leitores

Neste tópico trataremos das ações relacionadas à leitura, ao incentivo da leitura e à formação de leitores, como contação de histórias, leitura de livros e os projetos, que serão apresentados na sequência.

Pelas conversas realizadas com as professoras, por meio da entrevista semiestruturada, neste tópico apresentaremos alguns projetos de leitura que foram elaborados e desenvolvidos pelas docentes, no espaço da Biblioteca Escolar, com o intuito de estimular o interesse e o gosto pela leitura nos alunos.

Embora a Secretaria Municipal de Educação solicite o desenvolvimento do projeto de leitura chamado “Lavras Lê”, cada professora cria e realiza projetos distintos. Como disse a professora P13: “a proposta da prefeitura é ampla, não vem muito específica”, então cada uma produz conforme suas experiências, a solicitação da direção, da demanda ou realidade dos alunos.

A professora P2, ao ser questionada sobre se já havia desenvolvido algum projeto específico sobre leitura, respondeu da seguinte forma: “sim, [...] elaborei o planejamento com base em um trabalho de valores, como solidariedade, amizade, responsabilidade, amor, perdão”. Em relação às atividades relacionadas ao seu projeto ela relata: “as ações desenvolvidas são contação de histórias, utilizando várias estratégias como DVD e televisão, áudios, os livros que fazem parte do planejamento, recursos visuais, dentre outros disponíveis na biblioteca. Existem também momentos onde os alunos podem escolher livros para lerem individualmente”.

São muito pertinentes as técnicas utilizadas pela professora, pois como mencionam Colomer (2018) e Lourenço (2010), ao escutarem histórias, como contos e folclore infantil, a imaginação das crianças é estimulada, além de tais histórias produzirem conhecimentos. Colomer (2018) também destaca a importância de se utilizar meios audiovisuais na formação dos leitores, uma vez que esse recurso exerce considerável influência sobre a imaginação das crianças.

Por outro lado, Cosson (2018) questiona a mera contação de histórias, pois, segundo ele, essa atividade apenas tem valor quando há a promoção do letramento literário, sendo responsabilidade do professor levar os alunos ao desenvolvendo de uma leitura proficiente.

Uma das técnicas para estimular a leitura é permitir que o aluno tenha acesso à estante, que lhe seja dada a liberdade de escolher as obras para sua leitura, é o que dizem Silva, Ferreira e Scorsi (2009). Claro que essa escolha também é mediada pelo professor ou bibliotecário, para que o aluno aprenda a escolher o que quer ler. O livre acesso às estantes, o manuseio dos livros, segundo estas autoras, tem a capacidade de despertar na criança a curiosidade. Essa simples prática pode estimular o interesse pela leitura. Esse é um momento que as autoras chamam de leitura livre.

Semelhante ao relato da P2, a professora P13 apresentou seu trabalho da seguinte forma: “sempre [utilizo] uma história com atividades, antes, durante e/ou depois delas. [...] Momentos de leitura dentro da biblioteca, apresentações dos alunos, reconto feito por eles, algumas atividades de escrita também, peço para reescreverem uma parte da história que foi vista. [...] No ano passado veio a proposta de trabalhar valores, aí eu trabalhei vários meses, principalmente sobre o respeito às diferenças, com histórias em relação a isso, o diferente, *bullying*, entendeu? O tema foi trabalhado pela professora em sala de sala e por mim na biblioteca, mas com textos, livros diferentes”. E continua: “de forma particular eu trabalho normalmente a cada mês ou a cada dois meses um projeto diferente. Eu que desenvolvo e realizo esses projetos. Às vezes também a supervisora já pediu para trabalhar algum tema específico, por exemplo, namoro, estava tendo namorico entre as crianças, aí eu trabalhei histórias que

falam sobre isso. Veio da secretaria de educação, por exemplo, abuso sexual, que era uma proposta para a escola trabalhar, aí a supervisora pediu que eu fizesse esse trabalho dentro da biblioteca. Páscoa também ela pediu para trabalhar. Fiz vários projetos, mas embora sempre envolvam uma contação de história, eles têm temas específicos, por exemplo, trabalho um tipo de texto, fábulas, por exemplo. Em outra ocasião eu trabalho um autor, características dele. Outros são temas de interesse, como o caso de abuso sexual, de namoro”.

Percebe-se uma preocupação com temas atuais ou de interesse dos alunos, o que exprime o dizer de Cosson (2018), de que o leitor precisa ser conquistado, que a leitura precisa ser incentivada, e uma forma de incitar o aluno é que a proposição das leituras tenha relação com seus interesses. Vemos também a preocupação desta professora quanto às atividades utilizadas com os alunos, como orienta Solé (1998), que propõe que se preparem atividades antes, durante e/ou depois da leitura, estratégias realizadas para a compreensão dos textos por parte dos leitores ou ouvintes.

O relato da professora P4 exprime preocupação e disposição ao realizar atividades de leitura com os alunos, para incentivá-los, como o trecho a seguir: “trabalho com o intuito de desenvolver a vontade de ler. Mostro bastante pra eles a importância de ler. [...] Os meninos vão pra biblioteca e dou aula pra eles, aí eu tenho que planejar as aulas diversificadas, cada semana uma coisa”. Percebe-se também o cuidado ao realizar os trabalhos de leitura, com atividades de pré e pós-leitura, conforme indicado por Solé (1998).

Segue comentário da P4: “toda história que conto eu converso antes com eles, tento debater com eles do que se trata, o que acontece. Pra tentar passar uma mensagem que está no dia a dia deles, relacionado a questões ambientais, de saúde, tento pensar outras coisas, drogas, das más companhias. Sempre tento pegar alguma coisa em cada história. Trabalho antes, conto a história e passo um trabalho depois. Tento trazer a história pra dentro da realidade deles”. Seguem algumas atividades de pós-leitura: “Às vezes dou a aula e eles vão fazer alguma atividade de escrita, tem aulas que eles vão fazer uma releitura. Às vezes, depois da aula, tem atividade que eles têm que pegar os livros, escolher os livros. Normalmente preparo três momentos numa aula só pra não ficar maçante”.

A professora P8 revela também, como estratégia de pós-leitura (SOLÉ, 1998), o reconto por parte dos alunos; segundo ela: “sobre o ‘Lavras lê’, eles levam pra casa e um conta a história para os colegas. Quando eles levam o livro eu já nem conto a história, deixo eles contarem o que leram em casa. Alguns gostam de comentar, outros não. Às vezes um comenta a história, daí o outro que escutou quer levar o livro pra ler. Um estimula o outro e fazem essa troca”.

Percebemos grande disposição em seu trabalho e o cuidado para despertar o interesse da leitura nas crianças; ela relata: “a gente trabalha com tanta vontade, boa vontade e amor que a coisa flui. Sinto que os meninos gostam de estar aqui, desperto o interesse deles pela leitura, que é meu objetivo. Meu objetivo é fazer eles gostarem de ler, despertar o interesse neles e isso eu consigo. É uma etapa difícil, com a tecnologia aí, esses *tablets*, celular, ninguém quer ler mais. As crianças dizem: ‘eu gosto das suas histórias, das suas brincadeiras, você é muito engraçada’. O que eu quero passar é que eles leiam, criar hábito e gosto pela leitura, e alguma coisa a gente consegue. Procuro coisas interessantes pros meninos, toda história que eu conto tem algum comentário positivo, tiro alguma coisa daquela leitura e levo pras crianças, discuto e questiono com eles. Os meninos de 10 anos já questionam. Os meninos perguntam ‘por que aconteceu isso ou aquilo?’, aí a conversa rende e cai às vezes pra outra área”.

Esse cuidado em manter um diálogo com os alunos reflete o que Cosson (2018) orienta, que o professor deve produzir uma interação entre o leitor e o texto, procurando orientar, ensinar a literatura. O professor deve se manter aberto às questões dos alunos, procurando ajudá-lo em suas dúvidas e dificuldades.

O relato continua: “Não fico presa em contar uma historinha. Tem que ser prazeroso esse espaço, eu tento o máximo que eu posso dar prazer nesse espaço. Quando você tem vontade de ir, você assimila e flui. Eu ponho roupa, faço uma festa. Toda história que vou contar eu leio o livro, eu tenho um planejamento semanal, eu leio a história e vou contando a história, às vezes vou mudando alguma coisa que não está muito legal. Vou mostrando as gravuras. Vou utilizando técnicas em cada momento”.

Para Vieira (2013), um dos objetivos da biblioteca escolar é tornar-se um centro cultural e de leitura nas escolas, pois a biblioteca é um lugar privilegiado para se estimular o aprendizado e o gosto pela leitura. O professor ou o bibliotecário deve procurar continuamente fomentar o interesse pelos livros e pela leitura. Segundo Chartier (2005), o professor precisa investir tempo, dedicar-se à tarefa de estimular o gosto pela leitura e de despertar a consciência dos alunos sobre a importância da leitura, de que também precisam de esforço e empenho para aquisição do hábito da leitura.

Percebe-se também um grande empenho da professora P9 nas aulas de leitura com os alunos, seguem excertos de seu relato: “toda semana eu faço um planejamento, por exemplo, semana passada nós trabalhamos o gênero textual carta, foi muito interessante. Nós já trabalhamos textos que eles leram, fizeram a ficha literária e o resumo dos textos que eles leram. Livros também, de acordo com a série também. [...] Eles escolhem o livro, eles leem, fazem nome do autor, ilustrador. Acho interessante também, eu os convido a fazer a interpretação oral

do que leu, aí alguns não querem, aí eles ficam ali e falam para os outros o que passou na história e também a gente deixa à disposição deles os dicionários, porque podem encontrar alguma palavra com dificuldade, então eles consultam. [...] A gente tem conseguido bastante resultado, a gente usa um português, assim, um pouquinho mais elaborado pra eles poderem... entonação de voz, então eles acham bastante interessante, eles gostam... tem dado certo. [...] Nós estamos tentando ajudar as crianças a desenvolver a leitura. Tem dia que a gente pega o livro também e lê. [...] Trabalhamos jornal, tirinha, quadrinhos, que nós não temos, eles amam quadrinhos, eles sempre perguntam ‘tem quadrinho?’, os gêneros literários para que eles identifiquem cada um. Contos também, temos muitos exemplares de contos, crônicas, nós trabalhamos crônicas na semana retrasada e acharam o máximo, porque cada um tem uma crônica para contar. Fazemos contação de história para os menores, para o infantil e 1º ano a gente lê pra ele e depois a gente deixa à disposição. Primeiro a gente lê a história pra eles saberem que o livro é um portador de texto. Eu leio o texto, falo ‘olha que lindo’, a gente pode viajar com a história, porque criança é assim, tem que usar essa linguagem. Aí depois eu leio história, eles comentam, porque eles não são tábua rasa, eles sabem muita coisa, as crianças, eles dão opinião, é uma releitura que a gente faz né. E depois a gente deixa o livro à disposição e eles acham lindo, fazem desenho, a releitura através de desenho. Inclusive nós trabalhamos também as obras de Vicente Van Gogh, “Os Girassóis”, que foi um sucesso, muito linda, trabalhamos “O lavrador de café”, de Cândido Portinari. A gente não vai explicando para as crianças assunto solto, nós explicamos tudo, a história de tudo”.

Como destaca Cosson (2018), a leitura e a literatura precisam ser ensinadas e bem orientadas. A superação das dificuldades da leitura, segundo ele, depende de como o professor ensina, desenvolve a leitura literária com os alunos, como ele intervém mediando o processo da leitura. Cosson (2018), IPL (2016), Paulino (2014) e Pereira e Gomes (2019), entre outros, destacam o professor como elemento fundamental para a mediação entre o livro, a literatura e as crianças, a fim de serem produzidos bons sentimentos, pensamentos reflexivos e críticos, com o propósito de estimular o gosto e o hábito pela leitura.

Importante contribuição faz a professora P3, que além das aulas de leitura, ministradas na Biblioteca Escolar, revelou o desenvolvimento de um projeto cultural. Segue relato da P3: “Eu conto, leio a história pra eles, aí depois eu distribuo o livro e eles fazem a leitura. Depois convido pra fazer o reconto, ou a gente desenvolve também uma atividade de entrevista acerca do livro, pra certificar mesmo que eles leram. Eu faço também, vou fazer agora em setembro, já é o 3º ano que eu faço um concurso de leitura. Eu passo nas salas, eu convido quem quer participar, aí eles têm um tempo, um ou dois meses antes pra treinar essa leitura, pegando

bastante livro aqui comigo. Aí durante esses dois meses eles vão preparar a leitura, pegando livros aqui e lendo. Aí no dia lá eu escolho um texto que eles vão ler lá em público, com microfone e tudo. Arrumo 3 pessoas para serem jurados e eles vão ler e serem julgados. Quem melhor leu vai ganhar um prêmio. Tem boa participação, eles gostam de participar. Fica muito bom. Esse concurso de leitura é criação minha”.

Cosson (2018) se atenta sobre uma das funções da escola, a de possibilitar e colaborar com a prática da leitura, e uma das formas de se realizar esse propósito é o desenvolvimento de campanhas ou atividades culturais. No art. 3º, inciso III da Política Nacional de Leitura e Escrita, consta que a escola deve “valorizar a leitura [...] por meio de campanhas, premiações e eventos de difusão cultural do livro, da leitura, da literatura e das bibliotecas” (BRASIL, 2018). Fragoso (2005) também destaca essa necessidade ao dizer que a biblioteca deve priorizar projetos de leitura, com ações que produzam o uso do livro, sempre em consonância ao currículo escolar e à prática dos professores.

Caldin e Fleck (2004) também destacam a importância de se desenvolver atividades culturais no espaço da biblioteca, como concursos literários, saraus literários, entre outros, com o objetivo de estimular o uso da biblioteca e a promoção da leitura. Durban Roca (2012, p. 27) caracteriza esses projetos como uma “dinamização cultural”. Segundo Durban Roca (2012), a biblioteca também tem uma função social, e para atender a essa função, a biblioteca pode desenvolver atividades que envolvam também os familiares do aluno, através da promoção da leitura.

Não são todas as professoras alocadas nas bibliotecas ou auxiliares de biblioteca que desenvolvem projetos de leitura ou promovem aulas de leitura a partir do projeto “Lavras Lê”, pois em algumas escolas essas aulas são realizadas pelas professoras regentes nas salas de aula, contudo, vemos “bibliotecários” que promovem alguma forma de atrair os alunos à biblioteca e incentivá-los à prática da leitura, como relata P1: “Tento sempre incentivar eles na leitura, assim, eu conto histórias com o fundamental, do 1º ao 3º eu conto histórias, é! Peço pra eles registrarem as histórias e sempre coloco livrinho pra eles lerem. Pro 4º e 5º ano dou fichas pra eles levarem o livro pra casa”.

A P8 também procura desenvolver alguma atividade de leitura com as crianças, como vemos no relato que segue: “projetos de leitura só nas salas de aula. Mas aqui eu comecei esse ano com os meninos, mas eu estou baseando assim, em datas comemorativas. A gente faz atividades, pesquisa na internet, tem televisão aqui que pega e a gente liga e eles assistem um pouquinho. [...] Eu não conto história não. Às vezes eu pego um livrinho e leio pra eles e aí eles

fazem algum trabalho, ilustram, fazem algum desenho no caderno, escrevem alguma frase. [...] Mas eles têm gostado muito da aula, eles interessam”.

De acordo com Bicheri e Almeida Júnior (2013), é fundamental que o professor ou o bibliotecário sejam engajados na escola, que estejam interessados na formação dos alunos, que sejam participativos, criativos a fim de melhor contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos. Afinal, todos devem ser envolvidos no processo de formação da criança: os docentes, os discentes, os funcionários, quando possível a comunidade, procurando promover um espaço acolhedor, agradável e prazeroso (GASQUE, 2012).

Na sequência, apresentamos algumas ações relacionadas ao ambiente físico e ao aspecto estético da biblioteca escolar, como decoração e organização.

5.2.4 Ações relacionadas ao ambiente físico

Aqui apresentamos as ações relacionadas ao entretenimento, à arte, como as oficinas de arte realizadas nas bibliotecas, também sobre a decoração do espaço físico.

Importante contribuição de Vieira (2013) é em relação ao ambiente, ao espaço da Biblioteca Escolar, que tem como objetivo ser um lugar para estudos e para a leitura, mas que também pode tornar-se um centro cultural, de maneira a fomentar o interesse dos alunos a frequentarem a biblioteca. Autores como Campello (2010), Gasque (2012) e Perrotti (1990) também discutem a importância de se ter um ambiente agradável com elementos atrativos para os discentes, de forma a constituir um espaço atraente e até mesmo aliciante para a prática da leitura.

Nas visitas às Bibliotecas Escolares, pudemos constatar diversas formas de organização, pois como revela P5: “cada biblioteca acaba que está organizando da sua forma, mas não da forma correta, pra se virar. É bastante intuitivo, com muita boa vontade”. Assim, encontramos bibliotecas bem organizadas e também bibliotecas desestruturadas. Campello (2010) é categórica ao dizer que a organização nas bibliotecas é um quesito fundamental para que os livros ou materiais sejam encontrados com facilidade e rapidez, tanto pelo bibliotecário quanto pelos alunos.

Contudo, visualizamos belos trabalhos decorativos, com o intuito de favorecer o ambiente e também na divulgação de livros literários, expostos de forma a atrair os olhares das crianças, ambientes esteticamente ornados e adequados para que os alunos sejam estimulados a frequentarem a biblioteca, como destacado por Silva, Ferreira e Scorsi (2009), para que se torne um lugar de cultura, em que se passem imagens agradáveis e até mesmo inesquecíveis na

memória dos alunos. Em algumas bibliotecas, nos deparamos com paredes e portas bem pintadas, outras com personagens feitos em EVA, muito bem recortados, feitos pelas próprias professoras responsáveis pelas bibliotecas.

Por outro lado, também nos deparamos com ambientes improvisados, como vemos no relato da P11: “essa biblioteca também tem um defeito na parte física, aqui era um auditório e é desproporcional, ali tem muito ar, aqui não tem janela e não circula ar nenhum. No calor aqui fica muito quente, aqui fica um forno”.

Também pela P7, quando revela que mudaram a biblioteca para um espaço pequeno e sem estrutura adequada: “tô satisfeita com o espaço não, tô satisfeita com os materiais não, nem o computador, nem os colchões, nem com o espaço em si. Estava em outro lugar, que era grande, arejado. Não estou satisfeita com nada, mas satisfeita de trabalhar com criança e na biblioteca sim”.

Ezequiel Silva apresenta essa realidade, de se colocar a biblioteca escolar em locais inadequados, fato que provoca a baixa frequência por parte dos alunos (SILVA, 2001). Em outra obra, o mesmo autor alerta para a realidade das más condições de trabalho, como falta de equipamentos, materiais, estrutura, que provocam, segundo ele, o empobrecimento do trabalho e a desmotivação, tanto do professor quanto do bibliotecário, e também dos alunos para frequentarem a biblioteca (SILVA, E., 1999).

A falta de valorização em relação ao espaço físico da biblioteca, o descaso e o pouco investimento público é outro problema que detectamos em algumas escolas, o que reflete a percepção de Ezequiel Silva, quando afirma que a biblioteca, em muitos casos, é feita como depósito de materiais não utilizados pela escola (SILVA, 2001).

Segue o relato da P11: “aqui também serve de depósito, tudo que é caixa traz pra cá, por ela ser grande também serve de depósito”. De forma semelhante a P8 narra: “também tem o problema que tudo querem colocar na biblioteca, e aí vira um depósito, a gente acaba que coloca tudo aqui, aí fica feio, o visual não fica bonito, fica uma poluição visual. Você não tem espaço às vezes até pra andar aqui dentro”.

Em uma das bibliotecas visitadas, conhecemos o trabalho de uma auxiliar de biblioteca que teve a iniciativa de desenvolver um trabalho paralelo com alguns alunos, que segundo ela ficavam desatentos durante as aulas de leitura.

Segue o relato da P12: “estou fazendo oficina com os meninos, aqueles assim, que às vezes fica meio ocioso, ou às vezes copia rápido, ou chega com algum problema de casa, aí eu trago eles pra cá e ensino a fazer biscoito. Então eu estou fazendo uma oficina. Tem mais ou menos um mês, um mês e meio, está dando muito certo. Eles estão melhorando, a gente percebe

que eles estão gostando, porque é uma coisa diferente, assim, 20 minutinhos, explico o que eles vão fazer, pergunto primeiro o que que eles gostariam de fazer, o que eles acham de fazer isso ou aquilo. Está ficando muito bom”. Ela fala de alguns trabalhos que realiza com as crianças, que, segundo ela, têm o intuito de estimular a leitura: “vamos pintar a cabaça, como uma galinha e aí entra uma história de galinha. A gente faz um projeto, confecciona com eles e depois apresenta no aniversário da escola, na semana da família, em agosto. Porque é quando o pai e a família vêm visitar. Hoje comecei a trabalhar com eles pipa [de biscoito], já recortaram algumas, já começaram a modelar. A massa de biscoito a diretora comprou pra gente começar com os meninos”.

Para Durban Roca (2012) essas atividades facilitam o processo educativo de alunos que apresentam problemas de aprendizagem, contudo, cabe aqui um questionamento para o qual não temos uma resposta efetiva: será que essas atividades realizadas com os alunos produzem leitores, estimulam o interesse pela leitura? Colomer (2018) questiona as práticas de leitura nas escolas, os programas que procuram incentivar o hábito da leitura, de formar leitores, projetos que utilizam ações que estimulem o letramento literário, apresentando que o resultado ainda é bem precário. Se práticas de leitura não desenvolvem o gosto pela mesma, como atividades manuais podem promover o interesse pela leitura?

Finalizando, reiteramos a afirmação de Colomer (2018, p. 130) sobre a necessidade de as escolas, através de suas bibliotecas, ampliarem a “formação de hábitos de leitura e os de acesso a formas complexas de conhecimento cultural”, com efetiva mediação dos professores e bibliotecários, realizando momentos dinâmicos e silenciosos de leitura, momentos individuais e coletivos, de forma contínua, de forma a despertar o interesse e o gosto pela leitura, e suscitar nos alunos que a leitura literária tem um papel importante na formação humana.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo o processo investigativo proposto neste trabalho, sistematizamos os aspectos primordiais desta pesquisa, que teve como objetivo geral identificar o perfil e as ações desempenhadas pelo profissional que atua nas bibliotecas escolares da rede municipal de ensino da área urbana de uma cidade localizada na região denominada Campo das Vertentes, no estado de Minas Gerais, através de uma pesquisa qualitativa, de caráter descritivo e exploratório, a partir de uma pesquisa de campo.

A partir das entrevistas realizadas com os 13 (treze) servidores que atuam nas bibliotecas escolares, foi possível classificar as falas em duas grandes “unidades de significado” ou “unidades de registros”, uma referente ao perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, e outra correspondente às ações desenvolvidas nas bibliotecas escolares. As unidades de sentido foram subdivididas em dimensões ou eixos temáticos.

Em relação ao perfil dos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, identificamos dois aspectos que se destacaram durante a entrevista, um que diz respeito às motivações que os levaram a estar nas bibliotecas, outro sobre as relações de proximidade e de distanciamento dos profissionais (professores e auxiliares) com a leitura.

As entrevistas apontam similaridades com os resultados já observados em pesquisas anteriores, como de Bicheri e Almeida Júnior (2013), ao apresentar que nas bibliotecas das escolas públicas atuam professores ou funcionários técnico-administrativos, os quais procuram exercer o papel do bibliotecário, contudo, sem preparação adequada ou algum tipo de treinamento para o desempenho da função.

O mesmo pode ser dito também a respeito das pesquisas de Fragoso (2002) e Silva (1984), que constata a mesma realidade, a de que muitas bibliotecas escolares no país não contam com um profissional bibliotecário para o desenvolvimento dos trabalhos de uma biblioteca, mas com um professor readaptado (em desvio de função), para assumir esse papel (SILVA, 1984).

As ações desenvolvidas nas bibliotecas escolares foram categorizadas considerando a atuação do profissional da Biblioteca Escolar, em quatro ações, identificadas a partir daquelas relacionadas à estruturação da biblioteca; das ações de colaboração/interação com as professoras e das ações relacionadas à formação de leitores, e ainda, ações relacionadas ao ambiente físico.

Observamos nas falas dos entrevistados certo esforço desses profissionais em apresentar as ações desenvolvidas, como: leitura ou encenação de histórias, discussão e reflexão sobre a

histórias lidas, estímulo ao reconto, auxílio aos estudantes em relação às dúvidas nas pesquisas, fosse em livro físico ou em buscas na internet, realização de atividades colaborativas com os professores ou atividades de entretenimento aos estudantes que apresentam problemas de comportamento.

Notamos grande distinção entre as bibliotecas escolares do mesmo município, quanto ao espaço físico, organização e estrutura. Algumas funcionam em um ambiente mais ampliado, já outras contam com um espaço muito reduzido, que mal comporta o mobiliário da biblioteca.

Identificamos bibliotecas bem organizadas, com boas estantes, mesas e cadeiras, também com uma decoração muito bem feita, de forma a estimular os alunos a frequentarem o espaço; por outro lado, vimos também bibliotecas com poucas estantes, onde os livros estão dispostos sem muita organização, estantes velhas e frágeis para comportar materiais bibliográficos, outras com paredes bem sujas e até infestadas de fungos. Algumas bibliotecas contam com computador, projetor multimídia enquanto em outras não há nem mesmo um caderno para registrar os livros que chegam à biblioteca, sendo que as professoras acabam por adquirir com recursos pessoais.

Na maioria das docentes percebemos grande empenho em desenvolver atividades que visam o incentivo à leitura, bem como a preocupação em estimular a prática e o gosto da leitura nas crianças; contudo, é mister um efetivo investimento por parte do poder público em cursos de formação de professores no que diz respeito a atividades com a literatura e o letramento literário.

É fundamental que sejam promovidas formações continuadas com os professores e demais técnicos que atuam nas bibliotecas escolares, também com o propósito de organização do acervo e do ambiente, a fim de produzir um espaço agradável e estimulador da leitura. Enfatizamos a importância de uma imersão dos professores e alunos no letramento literário, de forma que os docentes tenham adequadas condições para um efetivo trabalho na formação de leitores.

A pesquisa nos revelou professoras em processos distintos de formação e experiências em relação ao letramento literário; também no quesito de interação com os demais docentes, sobretudo na questão de atividades relacionadas à leitura, em que a biblioteca pode e deve contribuir para o desenvolvimento das crianças. Acreditamos que um planejamento coletivo, de troca de ideias, de forma a relacionar os trabalhos do professor regente e do professor que está na biblioteca, pode repercutir positivamente na formação do leitor literário. Os educadores, seja o professor, o técnico, o bibliotecário, precisam assumir, coletivamente, o papel de mediadores entre o aluno e o livro, entre a criança e a literatura.

Há por parte da Secretaria Municipal de Educação o propósito de desenvolver a prática e o gosto pela leitura nos alunos. Com o projeto “Lavras Lê”, percebe-se certo empenho da administração pública em relação ao letramento literário, pois constatamos também um investimento em livros, sendo que todas as bibliotecas receberam recentemente diversos títulos literários, para variadas faixas etárias, livros novos e adequados para os alunos. Contudo, são necessários investimentos de infraestrutura de forma equânime nas bibliotecas escolares.

Ressaltamos, em consonância aos dizeres de Cosson (2018), que a escola, através dos professores, tem a missão de ensinar a ler, formar leitores, produzir o letramento literário, pois esta é uma considerável prática social. Para que essa função seja alcançada, é fundamental que as escolas tenham professores cômicos da importância da leitura e da leitura literária, que sejam preparados, capazes de promovê-la, de forma agradável e prazerosa. Que as escolas tenham profissionais adequados e integrados em seus projetos, com espaço apropriado e bem estruturado para acolher os alunos e mantê-los, produzindo o interesse e o gosto pela prática da leitura.

Por fim, esta pesquisa apresenta como produto final o desenvolvimento de um curso, como projeto de extensão, a ser ministrado aos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, a fim de subsidiar seus serviços, tanto no aspecto técnico da biblioteca, quanto para o letramento literário (APÊNDICE C).

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2005. 174 p. (Pensamento e Ação no Magistério).

ALCÂNTARA, A. A. R. **Biblioteca escolar: um espaço de aprendizagem**. 2013. 177 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2013.

ALIAGA, R. **A biblioteca escolar na produção acadêmica sobre leitura: movimentos, diálogos, aproximações**. 2013. 218 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

AMARILHA, M. Por que ler literatura na escola? In: CARVALHO, D. B. A. de; VERARDI, F.; SA, P. F. F. de (Ed.). **Quando se lê a literatura infantil e juvenil, o que se lê? como se lê?** Rio de Janeiro: Bonecker, 2019.

ANDRADE, T. F. Formação do bibliotecário escolar: estudo de caso sobre o curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação da UFSCar. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 1-19, 2013.

BACCA, L. **A literatura infantil na escola**. Disponível em: <<http://umpoucodetudo-joyce.blogspot.com/2008/10/criana.html>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

BEZERRA, M. A. da C. O papel da biblioteca escolar: importância do setor no contexto educacional. **CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 4-10, out. 2008.

BICHERI, A. L. A. de O.; ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Bibliotecário escolar: um mediador de leitura. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 1, p. 41-54, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 7.559**, de 1 de setembro de 2011. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/D7559.htm>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 9.098**, de 18 de julho de 2017. Altera o Decreto nº 8.929, de 9 de dezembro de 2016, que regulamenta a Lei nº 13.340, de 28 de setembro de 2016, que autoriza a liquidação e a renegociação de dívidas de crédito rural, e dá outras providências. Brasília, DF, 2017a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/decreto/D9098.htm>. Acesso em: 19 jun. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 9.930**, de 23 de julho de 2019. Altera o Decreto nº 7.559, de 1º de setembro de 2011, que dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura. Brasília, DF, 2019a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9930.htm#art1>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº 4.084**, de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Brasília, DF, 1962. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em: 1 mar. 2019.

BRASIL. **Lei nº 9.674**, de 25 de junho de 1998. Dispõe sobre o exercício da profissão de Bibliotecário e determina outras providências. Brasília, DF, 1998a. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9674.htm>. Acesso em: 1 mar. 2019.

BRASIL. **Lei nº 10.753**, de 30 de outubro de 2003. Institui a Política Nacional do Livro. Brasília, DF, 2003. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2003/lei-10753-30-outubro-2003-497306-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.244**, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 6 dez. 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BRASIL. **Lei nº 13.696**, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/Lei/L13696.htm>. Acesso em: 22 jun. 2019.

BRASIL. **Portaria Interministerial nº 1.442**, em 10 de agosto de 2006. Institui o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL), de duração trienal, tendo por finalidade básica assegurar a democratização do acesso ao livro, o fomento e a valorização da leitura e o fortalecimento da cadeia produtiva do livro como fator relevante para o incremento da produção intelectual e o desenvolvimento da economia nacional. Brasília, DF, 2006. Disponível em: <<http://snbp.cultura.gov.br/pnll/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, DF, 2017b. 595 p.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)**. Brasília, DF, 2019b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-biblioteca-da-escola>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)**. Brasília, DF, 2019c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12391:pnld>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: língua portuguesa. Brasília, DF, 1997a. 144 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Portaria nº 584, de 28 de abril de 1997. Institui o Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 29 abr. 1997b. Seção 1, p. 8519.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, DF, 1998b. 106 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

BRITTO, L. P. L. Leitura e formação na educação escolar: algumas considerações inevitáveis. In: SOUZA, R. J. de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. São Paulo: Mercado de Letras, 2009. p. 187-203.

BRITTO, L. P. L. **No lugar da leitura: biblioteca e formação**. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016. 93 p.

CAFIERO, D. **Letramento e leitura: formando leitores críticos**. In: RANGEL, E. de O.; ROJO, R. H. R. (Coord.). **Língua portuguesa: ensino fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEB, 2010. p. 85-106. (Coleção Explorando o Ensino, 19).

CALDIN, C. F.; FLECK, F. de O. Organização de biblioteca em escola pública: o caso da escola de educação básica Dom Jaime de Barros Câmara. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis**, v. 9, n. 1, p. 155-165, 2003/2004.

CAMPELLO, B. S. Apresentação. In: CAMPELLO, B. S. et al. **A biblioteca escolar: temas para uma prática pedagógica**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 7-8.

CAMPELLO, B. S. (Coord.). **Biblioteca escolar como espaço de produção do conhecimento: parâmetros para bibliotecas escolares**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. 33 p.

CARNEIRO, L.; ZANOTTO, C. **PL 9484/2018**. Altera a Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas escolares nas instituições de ensino do País, para dispor sobre uma nova definição de biblioteca escolar e cria o Sistema Nacional de Bibliotecas Escolares (SNBE). Brasília, 2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2167716>>. Acesso em: 22 jan. 2020.

CHAGAS, F. A. O. **A idade do livro e o silêncio da biblioteca**. 2010. 253 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)-Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010.

CHARTIER, A. M. Que leitores queremos formar com a literatura infantil? In: PAIVA, A. et al. (Org.). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 127-144. (Coleção Literatura e Educação).

COLOMER, T. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007. 207 p.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2018. 453 p.

COSSON, R. Letramento literário. In: FRADE, I. C. A. da S. et al. (Ed.). **Glossário Ceale:** termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: Ed.

UFMG/Faculdade de Educação, 2014. Disponível em:

<<http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/letramento-literario>>. Acesso em: 16 dez. 2019.

COSSON, R. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. 139 p.

COUTINHO, A. **Notas de teoria literária.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1976. 99 p.

DURBAN ROCA, G. **Biblioteca escolar hoje:** recurso estratégico para a escola. Porto Alegre: Penso, 2012. 110 p.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, São José, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002.

FRAGOSO, G. M. Biblioteca na escola: uma relação a ser construída. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 169-173, jan./dez. 2005.

FREIRE, P. Da leitura do mundo à leitura da palavra: entrevista de Paulo Freire a Ezequiel Theodoro da Silva. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.). **Estado de leitura.** Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 19-29.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 30. ed. São Paulo: Cortez, 1995. 87 p. (Questões da nossa época).

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 51. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015. 143 p.

GASQUE, K. C. G. D. **Letramento informacional:** pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília, DF: Ed. FCI/UnB, 2012. 181 p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 173 p.

GOBI, B. T. de A. Estratégias de leitura com crianças na educação infantil. **REP's Revista Eventos Pedagógicos**, Sinop, v. 10, n. 1, p. 99-109, jan./jun. 2019.

GOULART, I. do C. V. Relato de experiência: a entrevista como um processo de interação dialógica. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, ano 7, v. 7, n. 13, p. 87-100, jul./dez. 2013.

HILLESHEIM, A. I. de A.; FACHIN, G. R. B. Biblioteca escolar e a leitura. **Revista ACB:** Biblioteconomia em Santa Catarina, São José, v. 8/9, n. 1, p. 35-45, 2003/2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Lavras:** população. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lavras/panorama>>. Acesso em: 5 jul. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo escolar da educação básica 2013: resumo técnico**. Brasília, DF, 2014. 38 p.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS . **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-manifesto-pt-brazil.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS . **Manifesto da IFLA/UNESCO sobre bibliotecas**. São Paulo, 1994. Disponível em: <<https://www.ifla.org/files/assets/public-libraries/publications/PL-manifesto/pl-manifesto-ptbrasil.pdf>>. Acesso em: 12 mar. 2019.

KLEBIS, C. E. de O. **Leitura e envolvimento: a escola, a biblioteca e o professor na construção das relações entre leitores e livros**. 2006. 155 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

LAVRAS. Secretaria de Educação. Disponível em: <<http://pml.lavras.mg.gov.br/conteudo/texto/2483>>. Acesso em: 9 jul. 2019.

LAVRAS. Secretaria de Educação. **Projeto institucional “Lavras Lê”**. Lavras, 2017.

LOURENÇO, K. C. **Biblioteca escolar: da mediação à prática de leitura**. 2010. 118 p. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura)-Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 2010. 99 p.

LUIZE, A. **Associar palavra a desenho ou sons isolados às letras: o oposto da alfabetização construtivista**. Disponível em: <<http://www.escoladavila.com.br/blog/?p=655>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

MASSOLA, G. **Significados de leitura e produções de identidades: um estudo de práticas da biblioteca comunitária Ilê Ará**. 2009. 142 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Luterana do Brasil, Canoas, 2009.

MEDEIROS, E. A. de; AMORIM, G. C. C. Análise textual discursiva: dispositivo analítico de dados qualitativos para a pesquisa em educação. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 3, n. 3, p. 247-260, set./dez. 2017.

MENDES, I. **A origem da “biblioteca”**. 2012. Disponível em: <<http://www.etimologista.com/2012/11/a-origem-da-biblioteca.html>>. Acesso em: 18 fev. 2019.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2002. 116 p. (Coleção Primeiros Passos).

MILAZZO, D. **Cidades de porte médio atraem mais imigrantes e crescem mais que capitais, diz IBGE**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em:

<<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/07/15/cidades-de-porte-medio-atraem-mais-imigrantes-e-crescem-mais-que-capitais-diz-ibge.htm>>. Acesso em: 9 jul. 2019.

MINAS GERAIS. Secretaria de Estado de Educação. **Lista de escolas**. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <<http://www2.educacao.mg.gov.br/mapa-do-site/parceiro/lista-de-escolas>>. Acesso em: 9 jul. 2019.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 108 p.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. do C. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MOURA, M. A. Leitor-bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da subjetividade em processos de representação informacional. In: NAVES, M. M. L.; KURAMOTO, H. (Org.). **Organização da informação: princípios e tendências**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. p. 22-35.

NÉMETH-TORRES, G. **Por que Lavras é a terra dos ipês e das escolas?** Disponível em: <<http://historiadelavras.blogspot.com/2011/08/por-que-lavras-e-terra-dos-ipes-e-das.html>>. Acesso em: 9 jul. 2019.

NEVES, N. V.; RAMOS, F. B. O espaço da biblioteca escolar: análise das condições de mediação de leitura. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE FILOSOFIA E EDUCAÇÃO, 5., 2010, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul, 2010. Disponível em: <https://www.ucs.br/ucs/tplcinfo/eventos/cinfo/artigos/artigos/arquivos/eixo_tematico8/O%20espaco%20da%20Biblioteca%20Escolar_analise%20das%20condicoes%20de%20mediacao%20de%20leitura.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2019.

ORIÁ, R. **Bibliotecas escolares no Brasil: uma análise da aplicação da Lei nº 12.244/2010**. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 2017. 32 p.

PAULINO, G. Leitura literária. In: FRADE, I. C. A. da S. et al. (Org.). **Glossário Ceale: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. p. 177.

LEFFA, V. J. Perspectivas no estudo da leitura: texto, leitor e interação social. In: LEFFA, V. J.; PEREIRA, A. E. (Org.). **O ensino da leitura e produção textual: alternativas de renovação**. Pelotas: Educat, 1999. p. 13-37.

PEREIRA, A. da S.; GOMES, J. F. Leitura literária e letramento semiótico na sala de aula. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 31, p. 73-87, jan./jun. 2019.

PERROTTI, E. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990. 108 p. (Novas buscas em educação, 38).

PIMENTEL, G.; BERNARDES, L.; SANTANA, M. **Biblioteca escolar**. Brasília: Ed. UnB, 2007. 117 p.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 334 p.

SILVA, A. dos R.; PAULINELLI, M. de P. T. Leitura, literatura infantil e formação do leitor: reflexões teóricas e práticas para a sala de aula. In: JOGO DO LIVRO, 12.; SEMINÁRIO INTERNACIONAL LATINO-AMERICANO, 2., 2017, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2018. p. 1-11.

SILVA, E. T. da. Biblioteca escolar: da gênese à gestão. In: ZILBERMAN, R. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 11. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 133-145.

SILVA, E. T. da. O bibliotecário e a formação do leitor. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). **Estado de leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999. p. 159-167. (Coleção Leituras no Brasil).

SILVA, E. T. da. **Leitura na escola e na biblioteca**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2001.

SILVA, L. L. M. da. **A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura**. 1984. 113 p. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1984.

SILVA, L. L. M. da; FERREIRA, N. S. de A.; SCORSI, R. de Â. Formar leitores: desafios da sala de aula e da biblioteca escolar. In: SOUSA, R. J. de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado das Letras, 2009. p. 49-68.

SILVA, M. B. C. **Contar histórias: uma arte sem idade**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2010. 78 p.

SILVA, R. J. da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, R. J. de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 115-135.

SILVA, W. C. da. **Miséria da biblioteca escolar**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. 119 p. (Questões da Nossa época, 45).

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. 124 p. (Linguagem & Educação).

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998. 194 p. (Biblioteca Artmed).

SOUZA, R. J. de; GIROTTO, C. G. G. S. A hora do conto na biblioteca escolar: o diálogo entre a leitura literária e outras linguagens. In: SOUZA, R. J. de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 19-47.

VIEIRA, E. dos P. **Biblioteca escolar:** visão dos usuários da biblioteca da escola de Educação Básica Altamiro Guimarães, em Antônio Carlos, SC. 2013. 53 p. Trabalho de Conclusão do Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

ZILBERMAN, R. Sociedade e democratização da leitura. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). **Estado de leitura**. São Paulo: Mercado de Letras, 1999. p. 31-45.

APÊNDICE A - QUESTÕES PARA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?
2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?
3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?
4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?
5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?
6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?
7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?
8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

APÊNDICE B - TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

ESCOLA 1 (P1)

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Superior incompleto, fiz curso em educação física e sou efetivo.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Fiz concurso público para auxiliar de biblioteca e passei.

Estou satisfeito.

Estou aqui tem 16 anos.

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

Sou eu e mais uma, ela à tarde e eu de manhã.

Não, precisava de mais gente.

No horário respectivo da escola, enquanto tem aula. A gente tem pra cada turma 50 minutos de aula, pra cada turma.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Não. Falta treinamento adequado, alguém pra auxiliar a gente, porque a gente não teve auxílio nenhum na questão da biblioteca, formação nenhuma. Foi tudo no achismo, foi tudo na prática mesmo.

Eu gosto de ler.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Anualmente a gente tem algumas reuniões que a gente conversa sobre alguns assuntos, mas nada de treinamento, na prática não.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

Sempre procuro perguntar às professoras sobre o que elas estão trabalhando com eles, o assunto, e tento ir na mesma linha pra ajudar.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Tento sempre incentivar eles na leitura, assim, eu conto histórias com o fundamental, do 1º ao 3º eu conto histórias, é! Peço pra eles registrarem as histórias e sempre coloco livrinho pra eles lerem.

Pro 4º e 5º ano dou fichas pra eles levarem o livro pra casa.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

Comigo não, a escola tem projeto entre as professoras e os alunos, mas comigo não. O “Lavras lê” é feito pelas professoras na sala de aula, não fui integrado nesse projeto.

ESCOLA 2 (P2)

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Sou graduada em matemática, com especialização em matemática e estatística. Sou efetiva.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Foi decisão da direção da escola que este ano eu ficasse atuando na biblioteca, uma vez que iria ausentar para as aulas de mestrado. Então acharam, por conveniência, que os alunos ficariam menos prejudicados dando aula na biblioteca do que assumindo uma turma. A princípio não gostei da mudança, mas passado alguns dias fui me apegando à função. Comecei nesta função desde o mês de fevereiro desse ano. [4 meses]

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

A biblioteca possui uma funcionária no período matutino, e eu no período vespertino. As necessidades da escola são atendidas em maior parte pela funcionária do turno matutino, uma vez que as aulas ministradas possuem carga horária menor, já no turno vespertino, as aulas possuem carga horária maior.

O horário para atender aos estudantes é no período das aulas.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Sim, me considero competente.

Sim, me considero um sujeito leitor.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Não, este ano não houve curso de formação, então nunca fiz nada para atuar aqui.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

Sim. De minha parte posso dizer que sim. Elaborei o planejamento com temas para serem trabalhados com as crianças no 1º semestre e entreguei para cada professora da escola.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

As atividades que desempenho são: atuação como regente e manutenção da biblioteca no dia-a-dia. As ações desenvolvidas são contação de histórias, utilizando várias estratégias como DVD e televisão, áudios, os livros que fazem parte do planejamento, recursos visuais, dentre outros disponíveis na biblioteca. Existem também momentos onde os alunos podem escolher livros para lerem individualmente.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

Sim. Neste elaborei o planejamento com base em um trabalho de valores, como solidariedade, amizade, responsabilidade, amor, perdão.

ESCOLA 2 (P3) (segunda entrevista)

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Só tenho ensino médio.

Sou efetiva.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Sou auxiliar de biblioteca.

21 anos na biblioteca e estou bem satisfeita.

Agora é professor que eles colocam, né?

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

Agora só eu. À tarde ela fica fechada. De manhã a professora teve que ir para sala de aula.

Comigo é tranquilo nesse horário, mas precisa de alguém à tarde.

O problema de colocar professor na biblioteca é esse, porque a prioridade é sala de aula, vem professor, daí tira daqui quando precisa na sala.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

O trabalho com livro, de organização, sim, porque nós já tivemos vários encontros de capacitação, né, com bibliotecários e assim, dentro das minhas possibilidades eu consegui pegar bastante coisa.

Nós tivemos presença de bibliotecário, porque no município não tem, e quando comecei a trabalhar foi lá no CAIC, fiquei 4 anos lá e eu cheguei a biblioteca estava assim... uma quantidade enorme de livros e tudo misturado. A gente não sabia o que fazer, lá éramos 4 funcionários, aí a diretora da época pediu lá na Secretaria de Educação a presença de um bibliotecário pra tá ensinando pra gente o serviço, aí disponibilizou uma bibliotecária e ela ia 2 vezes por semana, e ficou um ano todinho, e ensinou pra gente. De lá eu vim pra cá e comecei aqui.

A gente não sabe tudo, é lógico, né? Não sou professora, nem bibliotecária, nem nada, sou auxiliar de biblioteca, mas pelo menos o básico pra gente fazer, dar uma organizada.

Gosto de ler, mas não leio muito não, porque aqui não dá tempo. Em casa piorou, tem até um livro que uma aluna me emprestou, mas já tem uns dois meses que ela trouxe pra mim e não consegui olhar ainda.

Se for quanto a outra parte não me sinto preparada não, apesar de estar aqui há 21 anos, não me sinto não. Quanto a desenvolver atividades, projetos, não.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Esse ano não teve, ano passado teve, mas achei que não foi nada que pudesse acrescentar, bem vazio eu achei. No ano passado teve, acho que com um contador de histórias, foi só mesmo sobre contação de história. Eu acho que foi no ano passado, se não falha a memória.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

Fico mais independente. Às vezes acontece assim, alguém fala: “ah, tô trabalhando tal assunto, tem alguma história de acordo?” daí eu procuro e separo as histórias que tem aquele assunto. Há 2 semanas atrás a professora estava trabalhando crônica e ela pediu para separar só livros de crônicas pra eles levarem pra casa. É sempre assim, mas projeto mesmo não.

O “Lavras lê” é mais o professor em sala de aula, aí a gente só dá suporte, de acordo com o tema que eles pegam lá e pedem pra separar o livro de acordo. Aqui dá o suporte.

Os meninos fazem o empréstimo pra casa.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Aulas de leitura sou eu mesma que faço.

Tem gente que desenvolve projeto, eu já tenho dificuldade, mesmo porque eu não sou professora, eu acho muita dificuldade.

Eu trabalho assim, eu acompanho datas comemorativas. Eu escolho histórias de acordo e conto história. Não raro eu desenvolvo alguns trabalhos com eles, isso com os menores.

Já os do 5º ano não acho necessário isso com eles, é mais contar histórias e leitura mesmo.

Eu conto, leio a história pra eles, aí depois eu distribuo o livro e eles fazem a leitura. Depois convido pra fazer o reconto, ou a gente desenvolve também uma atividade de entrevista acerca do livro, pra certificar mesmo que eles leram.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

Eu faço também, vou fazer agora em setembro, já é o 3º ano que eu faço um concurso de leitura. Eu passo nas salas, eu convido quem quer participar, aí eles têm um tempo, um ou dois meses antes pra treinar essa leitura, pegando bastante livro aqui comigo. Aí durante esses dois meses eles vão preparar a leitura, pegando livros aqui e lendo. Aí no dia lá eu escolho um texto que eles vão ler lá em público, com microfone e tudo. Arrumo 3 pessoas para serem jurados e eles

vão ler e serem julgados. Quem melhor leu vai ganhar um prêmio. Tem boa participação, eles gostam de participar. Fica muito bom.

Esse concurso de leitura é criação minha.

ESCOLA 3 P4

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Fiz magistério, fiz pedagogia, fiz pós-graduação em psicopedagogia institucional e clínica.

Sou efetiva.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Adoro livros, só que eu gosto desses livros infantis, a literatura em geral. Através desse mundo das histórias que me despertou o interesse em trabalhar na biblioteca. Olha que eu amo meu trabalho, tento fazer da biblioteca um ambiente acolhedor, que incentive os alunos a ter esse mesmo desejo de ler, que eu tenho.

Eu pedi para ir para a biblioteca.

Adoro minha profissão.

Nessa escola tem 16 anos que trabalho aqui. Já fiquei em sala de aula, um tempo na biblioteca e apoio, na biblioteca em outro período, outro na sala de aula.

Eu cheguei na biblioteca era um cômodo vazio, os livros jogados no canto, tudo que puder imaginar tinha jogado no canto.

Falei, não, como que eu vou estruturar essa biblioteca? Aí eu comecei a ver qual que seria a melhor maneira de colocar as prateleiras, como que eu iria colocar os livros, qual que seria a melhor maneira de estar organizando ali. A partir daí eu comecei a organizar, pegava por dias e mais dias pra ir separando, de montinho em montinho e colocando ali.

A única coisa que eu comecei a buscar foi um livro pra ver como que eu iria registrar. Eu procurei em outra biblioteca como que eu iria registrar. Risquei o livro do jeito que tinha na outra biblioteca, porque a diretora não queria comprar um, então eu peguei um sem nada e risquei, e comecei a montar o arquivo para mim, e deixar tudo registrado. Tenho o controle de tudo, tudo na mão.

Tem 4 anos que estou na biblioteca.

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

Sozinha, só quando preciso carregar, daí peço ajuda.

Não preciso de ajuda.

Horário aberto em todo o horário da escola.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Sinto, mas acho que teria que fazer outros cursos. Na parte técnica tem coisas que eu não sei.

Me sinto aberta, caso mandem uma pessoa pra poder ajudar nas partes de registro.

Ao mesmo tempo, se me perguntar “onde está isso, onde está aquilo?”, está aqui, sei tudo onde está.

Gosto muito de ler. Sempre que vejo um livro novo pra contar a história eu leio várias vezes.

Todo livro que chega eu vejo o que que é, leio todos.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Já tive vários cursos, com escritores, já participei. Mas não da parte técnica, de registro assim...

Mais na parte de incentivo à leitura, já teve muito.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

Nas reuniões sempre converso com os professores, apresento os livros que tem, que chegam, eles pedem materiais, livros pra mim.

Planejamos alguns conteúdos juntas.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Os meninos vão pra biblioteca e dou aula pra eles, aí eu tenho que planejar as aulas diversificadas, cada semana uma coisa. Às vezes dou a aula e eles vão fazer alguma atividade de escrita, tem aulas que eles vão fazer uma releitura. Às vezes depois da aula tem atividade que eles têm que pegar os livros, escolher os livros.

Normalmente preparo três momentos numa aula só pra não ficar maçante.

Semana passada foi a primeira vez que dei uma aula de vídeo, passou o semestre todo e foi a primeira vez no semestre.

Se deixar, eles querem só isso [vídeo].

Toda história que conto eu converso antes com eles, tento debater com eles do que se trata, o que acontece. Pra tentar passar uma mensagem que está no dia a dia deles, relacionado a questões ambientais, de saúde, tento pensar outras coisas, drogas, das más companhias. Sempre tento pegar alguma coisa em cada história. Trabalho antes, conto a história e passo um trabalho depois. Tento trazer a história pra dentro da realidade deles.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

A escola tem esse projeto que desenvolve pela prefeitura, “Lavras lê”, que tem a culminância, e a gente trabalha em parceria com os professores.

ESCOLA 4 P5 (auxiliar) P6 (professora)

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Auxiliar - Só tenho o ensino médio, comecei o ensino superior, mas parei.

Sou efetiva.

Professora - Sou professora, já fui supervisora, diretora da escola e estou esperando para aposentar.

Tenho dois cargos de professora na educação e entrei com pedido para aposentar. Esse ano estou na biblioteca atuando junto com a colega.

No outro cargo, também de professora, à tarde, também estou atuando na biblioteca.

Mas cada ano fica uma professora aqui.

Essa é a dificuldade, a gente aprende e daqui a pouco tem que sair e começa tudo de novo.

Em muitas bibliotecas normalmente quem está atuando é o professor, com alguma licença médica, com ajustamento funcional, que não pode atuar em sala de aula. Normalmente são professores, supervisores. A não ser poucos auxiliares que têm a formação mesmo em algumas escolas. Ou talvez próximo à aposentadoria, alguns com mais idade que está esperando o tempo da aposentadoria, normalmente o tempo, não a idade. É uma realidade mesmo.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Auxiliar - Fiz concurso específico para biblioteca.

Estou muito satisfeita aqui. Qualquer biblioteca que eu for estou satisfeita. Sempre atuei na biblioteca. Trabalho 22 anos só na biblioteca.

Professora - Estou gostando muito de ficar aqui na biblioteca. Aqui na biblioteca iniciei esse ano. [6 meses].

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

Auxiliar - Duas pessoas na equipe.

De forma nenhuma é suficiente, tem necessidade de mais gente.

O movimento aqui é muito constante, é o tempo todo “sala” entrando e saindo. Professores pedindo coisas, *datashow* que eu monto lá em cima, *tablets* que a gente organiza, tem que pôr pra carregar, ver se está funcionando.

Horário de atendimento enquanto a escola está aberta.

Professora - Nas minhas duas funções estou na biblioteca, de manhã e à tarde. De manhã com a “auxiliar” e à tarde sozinha.

Aqui fica aberto enquanto a escola está em funcionamento.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Auxiliar - eu sei alguma coisa, mas a gente sempre está disposto a aprender mais. O que eu aprendi eu consigo trabalhar tranquilo. Não conheço a tabela em inglês que os bibliotecários têm, de classificação.

Leio o que eu preciso pra contar história aqui, pesquiso as histórias que vou contar, estudo bastante história, mas somente isso. Tudo relacionado ao meu trabalho, nada assim... até porque não tenho muito tempo.

Professora - a auxiliar tem todo o domínio, pelas formações que ela fez, ela tem total confiança. Leio sempre, a maioria dos livros relacionados ao meu trabalho.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Auxiliar - Sim, muitos, vários. Mas já tem tempo, agora não está havendo mais. Já tem bastante tempo que não tem curso.

É uma deficiência muito grande, que eu sinto em reuniões de biblioteca, que a gente vê que os funcionários das bibliotecas da cidade. A gente fazia muitos cursos na própria biblioteca pública, sempre tinha. Eram os bibliotecários da biblioteca pública que davam cursos pra nós. A gente aprendeu muita coisa junta. A prefeitura fez o concurso há 23 anos atrás, de auxiliar de biblioteca e um monte de gente já saiu e não voltou pro cargo. Hoje não tem mais concurso, e acontece que cada época vem uma pessoa diferente, que não conhece o trabalho.

Antigamente a gente fazia muito curso, na biblioteca pública, mas aí parou de fazer cursos, de reciclar. Aí ninguém sabe o trabalho da biblioteca.

Talvez uma formação no horário de trabalho.

Cada biblioteca acaba que está organizando da sua forma, mas não da forma correta, pra se virar. É bastante intuitivo, com muita boa vontade.

Se tivesse um pouco de técnica ficaria mais fácil pra cada biblioteca e todos organizariam da mesma forma.

É bem complexo o trabalho técnico. Se não tiver ninguém para ensinar, como é que faz?

Tive a sorte de aprender quando cheguei na prefeitura, com uma bibliotecária. Aprendi com gente que sabe.

A falta de concurso nessa área é um problema para as escolas.

Tem serviço que auxiliar não pode fazer, só bibliotecário pode fazer. É uma situação complicada pra gente.

Professora - Para a biblioteca nunca participei de cursos ou preparação para esse trabalho.

Se tivéssemos um treinamento seria ótimo, são muitas escolas, se cada uma enviasse um ou dois professores, ou quem tivesse interesse em iniciar nesse campo, seria ótimo.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

Auxiliar - Sim, com a supervisão, com as professoras.

Professora - As histórias que são escolhidas para serem contadas aqui têm relação com os projetos que estão sendo usados em sala de aula.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Auxiliar - Empréstimo de livros, que é constante.

O que atrai eles, acho que são as histórias que a gente conta, é a contação de histórias.

Semanalmente eles vêm e a gente deixa os livros à disposição, eles escolhem o livrinho que vão levar pra casa e fazem a leitura durante a semana. Aí o professor desenvolve o trabalho em sala. Tem professores que pedem pra eles fazerem o reconto, tem o projeto de leitura, que é da Secretaria de Educação, que é o “Lavras lê”.

A gente tem a “Sacola mágica” que fazíamos até o ano passado, esse ano chama a “Lobatinho”, que vem do Monteiro Lobato. A criança escolhe o livrinho, leva pra casa numa mochilinha, que tem o nome de Lobatinho, aí ela retorna com esse livrinho e faz um reconto, tem um caderno de registros, que geralmente a família também registra como que foi essa experiência de leitura em casa. No ensino fundamental os projetos têm outro nome, eles levam o livro pra casa e os professores desenvolvem algum trabalho em sala de aula, de reconto, de ficha de leitura e a gente auxilia com o empréstimo dos livros e indicações à professora. O projeto é semanal.

À tarde, nesse ano, está sendo quinzenal, por causa da demanda que é muito grande e também do uso dos *tablets*, que estamos revezando. São muitas turmas e não conseguimos fazer toda semana. Quando fazemos a aula com o *tablet* não conseguimos atender na biblioteca, porque fica só uma pessoa e não dá para parar pra fazer empréstimo ao mesmo tempo.

Da educação infantil é a “Sacola mágica”, no ano passado chamava de Sacola mágica porque é uma sacolinha, uma bolsinha, cada sala fazia sua bolsinha e a criança levava pra casa a bolsinha com o caderno de registros. Cada semana uma criança levava um livrinho diferente. Na educação infantil eles não levam semanalmente, não tem como. Toda sala tem uma mochilinha dessa que passa de aluno em aluno. A professora desenvolve atividade e tem os registros. Cada aluno leva mais ou menos um livrinho a cada trimestre.

A gente sempre tem retorno das famílias, tem famílias que gostam muito, participam.

Com o ensino fundamental é semanal, não é a bolsinha nem a sacolinha de leitura. É outro projeto. Esse ano no projeto de leitura, tem professor que chama de Sacola mágica, esse é desenvolvido no projeto de leitura. Cada série costuma ter um nome, mas é um projeto de leitura, geralmente eles levam. Cada ano, cada série é direcionado pra alguma coisa, teve ano que era só poesias, teve outro que era outra coisa. Mas não sei falar o nome dos projetos. No fundamental é o projeto de leitura.

De manhã ainda dá para fazer semanal, do 5º ao 9º ano.

O quinto ano pediu para trabalhar a partir de agosto sobre literatura de cordel, aí eu vou puxar pra essa área, mas cada ano pede algo diferente. A Secretaria pede no projeto e direciona. Esses projetos de leitura são propostos pela própria Secretaria.

Professora - Contação de histórias, o projeto de leitura da Secretaria de Educação, o “Lavras lê”, tem a “Sacola mágica”, o “Lobatinho”, que são trabalhados toda semana com todas as turmas do infantil, fundamental I e II.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

Auxiliar - Projeto nosso daqui não tem nenhum, fazemos o que a Secretaria de Educação e os professores propõem, mas do nosso jeito.

Professora - Exclusivo daqui não tem.

ESCOLA 5 P7

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Estou cursando pedagogia no IF de Inconfidentes.

Sou efetiva.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Fiz concurso para auxiliar de biblioteca, vou fazer 17 anos aqui.

Gosto de trabalhar na biblioteca, sim, mas tô satisfeita com o espaço não, tô satisfeita com os materiais não, nem o computador, nem os colchões, nem com o espaço em si. Estava em outro lugar que era grande, arejado. Não estou satisfeita com nada, mas satisfeita de trabalhar com criança e na biblioteca sim. Não poderia fazer outra coisa.

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

Trabalho sozinha à tarde e pela manhã tem outra que trabalha aqui, também sozinha. Ela é professora e entrou aqui esse ano e não sabe nada da biblioteca, não arruma nada.

Não tem necessidade de outra pessoa, não tem nem espaço pra outra pessoa aqui. Não precisa de outra pessoa.

Fica aberta o tempo todo da escola.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Tô capacitada pro trabalho, podia ser mais.

Gosto de ler, mas tenho um problema nos olhos e tenho dificuldade. Livro infantil é fácil, mas se for uma Bíblia já tenho mais dificuldade, bula de remédio.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Teve épocas que tive curso.

Vou te falar uma coisa que prejudica bastante, porque eles colocam professoras nas bibliotecas e pra elas é tipo um prêmio ficar na biblioteca. Elas deixam de ficar com alunos direto na sala pra ficar na biblioteca. Só que na biblioteca eles não ficam muito tempo e não tomam muito cuidado, elas não sabem onde estão os livros, onde ficam as coisas. Não dá sequência no trabalho.

Quando trabalhava sozinha ficava mais organizado, porque eu organizava tudo e eu não deixo as crianças colocar nas estantes, sou eu quem guardo. Mas de manhã já é diferente, ela deixa as crianças fazerem o que quiserem.

Ultimamente não tem nada, quando tem é o cúmulo da ignorância, gente que nunca trabalhou na biblioteca quer dar palpite.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

Quando as professoras precisam de alguma coisa elas pedem e eu separo. Mas a gente não trabalha em conjunto.

Quando elas fazem algum projeto eu que pego o que precisam.

Eu fico livre pra fazer o que eu quiser. Eles vêm, eu conto história, eles pegam o livro emprestado.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Aqui tem muitos livros, daí as crianças vêm e querem tocar, mexer e eu faço conscientização para lerem.

Faço empréstimo, eles ficam uma semana com o livro, aí devolvem.

Aqui tem uma aula por semana com cada turma. Eles vêm eu conto uma história e depois eles pegam um livro pra levar pra casa. Anoto tudo numa ficha, fiz um termo de compromisso pra eles.

Toda semana eles deixam o livro e pegam outro.

Então eles contam o que leram.

Eu não passo muito filme. Às vezes eles usam o *tablet* pra ver historinhas, fazer uns joguinhos. Mas esse ano ainda não mexeram, porque não tem jeito de carregar, falta “T”, e pra baixar as historinhas a internet é muito ruim. Eu não tenho coisas básicas aqui. Muitas coisas daqui eu faço em casa e daí dá desânimo de trabalhar, porque não tem o básico aqui, papel, às vezes nem caneta.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

Projeto escrito não tenho. Mas eu conto histórias para as crianças, uso fantoche, os livrinhos.

ESCOLA 6 P8

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Eu tenho pedagogia, na época ainda era magistério, depois fiz pedagogia e pós-graduação em práticas pedagógicas. Sou efetiva.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Eu estava trabalhando na zona rural, aí a escola fechou e voltei pra cidade, sinceramente eu já não aguento uma sala de aula mais, é muito desgastante, já vou fazer 63 anos. Então esse pique de sala de aula eu já não aguento. A gente tem que aceitar a limitação da gente, que não dá mais, aí eu pedi pra me colocar na biblioteca, eu pedi. E tinha vaga porque aqui é mais *light*, não é tão assim... na sala de aula a cobrança é maior, de aprendizado, da responsabilidade, avaliação. Então, sinceramente, eu hoje não dou conta de sala de aula. Trabalhei 25 anos em sala de aula, já deu. A gente vai desgastando. Aqui eu fico mais tranquila, já tenho umas dores que incomodam, mas até que dou conta, graças a Deus.

Eu venho satisfeita pra escola, eu tô aqui feliz com esse espaço, eu amo esse espaço aqui, eu tô dois anos nesse espaço. Eu fui diretora, professora, agora tô nesse espaço da biblioteca. Mas eu amo estar aqui, eu gosto do que eu faço. Eu procuro estar sempre melhorando, tenho que aprender muito e vou morrer sem aprender tudo.

Tem 2 anos de meio que estou na biblioteca, desde 2017.

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

De manhã só eu, na parte da tarde tem outra professora também.

Atende a quantidade de pessoas aqui.

A biblioteca fica aberta o tempo todo em que a escola está funcionando.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Não tenho muito conhecimento.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Eu fiz um curso de bibliotecário, mas já tem muitos anos, pela prefeitura. Eu não lembro de mais nada, faz muito tempo. Mas como a gente tem pouco espaço, porque pra organizar uma biblioteca tem que ter espaço, tem que ter prateleiras, estante, senão não tem jeito. Então a gente tenta organizar da melhor forma possível para atender, porque a gente atende professor também. Então a gente tenta organizar de uma maneira pra atendê-los melhor e pra gente também aqui, mas não tem como organizar muito tecnicamente não, vai mais pelo instinto, pelo bom senso, porque não tem como organizar muito não.

Quando fiz o curso de biblioteca foi muito fraquinho, mas tem muito tempo. Naquela época nem pensava em mexer em biblioteca, tive oportunidade e aí eu fiz, mas não lembro de muita coisa.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

A gente trabalha numa equipe municipal, a diretora é uma parceira, está sempre com a gente. Tanto a outra que esteve antes como a que está agora, a supervisora dá aquele apoio pra gente, os professores também, todo mundo. Então acaba que flui, na parceria.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Com todos os problemas de espaço e organização, mas a gente trabalha com tanta vontade, boa vontade e amor que a coisa flui. Sinto que os meninos gostam de estar aqui, desperto o interesse deles pela leitura, que é meu objetivo. Meu objetivo é fazer eles gostarem de ler, despertar o

interesse neles e isso eu consigo. É uma etapa difícil, com a tecnologia aí, esses *tablets*, celular, ninguém quer ler mais.

As crianças dizem: “eu gosto das suas histórias, das suas brincadeiras, você é muito engraçada”. O que eu quero passar é que eles leiam, criar hábito e gosto pela leitura, e alguma coisa a gente consegue.

Procuro coisas interessantes pros meninos, toda história que eu conto tem algum comentário positivo, tiro alguma coisa daquela leitura e levo pras crianças, discuto e questiono com eles. Os meninos de 10 anos já questionam. Os meninos perguntam “por que aconteceu isso ou aquilo?”, aí a conversa rende e cai às vezes pra outra área. Não fico presa em contar uma historinha.

Tem que ser prazeroso esse espaço, eu tento o máximo que eu posso dar prazer nesse espaço. Quando você tem vontade de ir, você assimila e flui. Eu ponho roupa, faço uma festa. Toda história que vou contar eu leio o livro, eu tenho um planejamento semanal, eu leio a história e vou contando a história, às vezes vou mudando alguma coisa que não está muito legal. Vou mostrando as gravuras. Vou utilizando técnicas em cada momento.

Você tem que gostar do que faz, o meu pai era um contador de histórias. Eu gosto de contar histórias, contar casos.

Sempre estou lendo algum livro, eu leio muito, sempre gostei de ler. Não gosto de livros *online*, eu gosto do papel. Gosto de sentir o cheiro do livro, mexer, virar o livro.

Minha prática pedagógica é isso, eu amo o que eu faço, me viro nos 30 aqui dentro, cada hora entra uma idade, entra dos 4 anos até 10. São exigências diferentes. Aqui tem do 1º ao 5º ano, tem ensino infantil também. É uma literatura para os pequenos, para os maiores já é outra.

Aqui é o seguinte, a prefeitura tem um projeto que ela manda livros para os pequenos. Olha, para os meninos de 10 anos está ficando complicado aqui, a literatura que eu tenho aqui é mais infantil. Ou eu tenho muito, vai além, são de pessoas que doam livros, doação que não está compatível com a idade ou está muito infantil pra eles. O infanto-juvenil tá faltando pra eles.

Recebemos livros da prefeitura e doação.

O governo federal costuma mandar, no ano passado a gente fez uma escolha com os professores, de livros que a gente gostaria de receber na escola, e aí viriam livros do 4º e 5º ano, que o que falta mais, individual, um pra cada aluno, aí dá pra fazer um trabalho diferenciado. Mas com essa mudança de governo, aí não mandou. Nós recebemos só pro 4º ano, recebemos alguma coisa do FNDE.

Aqui precisa é de *Harry Potter*, que é o que eles gostam, *Diário de um banana*, uma coleção de histórias das princesas, são 8 volumes [conta como é a história desses livros = princesas].

A gente aqui troca ideia dos livros, os professores que têm filhos, sobre o que eles gostam, daí tentamos trazer para a escola.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

Tenho quase 25 anos de carreira na rede municipal, e já enfrentei muitos problemas, mas já melhorou muito, mas tenho muito o que melhorar.

A gente depende da política, a educação melhora, mas tem muito pra melhorar.

Às vezes também acontece assim, os meninos vêm pra cá, os meninos maiores, outras vezes os menores também, aí acontece um fato, por exemplo, surge um assunto como *bullying*, aí está totalmente fora do meu planejamento do dia, pronto, aí já vamos conversar sobre o *bullying*, não perco oportunidade, qualquer assunto.

Outro dia trabalhei a violência, aí surgiu assunto de droga, meio pesado pra essa idade, aí eu mudei tudo. Aí eu fiquei do lado do menino, ele contou a realidade dele e eu fui falando e aí rendeu.

Deixo os meninos contarem as histórias deles, porque é uma história de vida e eu aproveito tudo os que eles me falam. Aqui rende muito, o assunto rende. Eu dou abertura pra eles.

A escola hoje é tudo, é médico, é mãe, é psicólogo, é psiquiatra, avó, é tudo. A gente é tudo aqui. Às vezes, quase sempre, a escola é a única referência da criança, ela não tem outra referência, por isso que ela joga tudo aqui, ela é a única. Às vezes pra muitas crianças a única refeição é a que está ali no refeitório, não tem uma alimentação. É família desestruturada, é essa confusão familiar que tá aí, a concepção familiar mudou muito, tem esse fato também que agrava.

Também tem o problema que tudo querem colocar na biblioteca, e aí vira um depósito, a gente acaba que coloca tudo aqui, aí fica feio, o visual não fica bonito, fica uma poluição visual. Você não tem espaço às vezes até pra andar aqui dentro, mas dentro de tudo isso a gente consegue fazer um bom trabalho, e é isso que me deixa feliz.

Sobre o “Lavras lê”, eles levam pra casa e um conta a história para os colegas. Quando eles levam o livro eu já nem conto a história, deixo eles contarem o que leram em casa. Alguns gostam de comentar, outros não. Às vezes um comenta a história, daí o outro que escutou quer levar o livro pra ler. Um estimula o outro e fazem essa troca.

ESCOLA 7 P9 (professora) P10 (técnico)**1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?**

Professora - Sou graduada em letras e pedagogia, pela Ufop, sou professora inicial. Efetiva.

Técnico - Ensino médio, sou técnico. Efetivo.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Professora - Trabalho na área da educação já há 23 anos, trabalhei 2 anos no estado com língua portuguesa e há 21 anos eu trabalho na prefeitura, professora inicial e no ano passado eu trabalhava na segunda etapa, na educação infantil. De manhã eu era regente de uma turma e à tarde regia outra turma. Só que as coisas mudaram aqui e as professoras mais antigas quiseram a turma da manhã, eu tenho 21 anos de prefeitura e ela tem 24, no caso ela tem direito. Aí eu sugeri pra diretora: que tal eu trabalhar na biblioteca? Porque em 2015 eu trabalhei 3 meses aqui substituindo uma colega e eu achei muito interessante, achei bacana, eu gostei. Mesmo porque no curso de letras tem literatura. Eu comecei e penso que está dando certo, porque aqui é um ambiente que as possibilidades de trabalhar com as crianças com literatura são vastas. Então eu tô aqui há 5 meses. No início eu tive um pouco de receio, mas está dando muito certo. Estou satisfeita.

Técnico - Meu cargo é auxiliar de recreação, meu concurso permite que eu possa ficar na biblioteca ou com alunos para fazer provas, também substituir professor por um período mínimo. Meu concurso dá essa possibilidade. Eu pedi para vir para cá. Aqui estou tem 1 ano e meio.

Estou satisfeito.

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

Professora - À tarde começou uma professora agora, na segunda-feira da semana passada. Ela dá aula de manhã, mas nunca trabalhou na biblioteca. A prefeitura não tem o cargo de bibliotecário, então sempre são aproveitados.

Agora [a partir do mês de julho] a biblioteca está funcionando o dia todo. À noite não funciona, porque à noite tem o EJA. E livro do EJA tem bastante. Quando precisa as professoras vêm buscar, pegam a chave e pegam os livros. Isso é um problema, porque sempre somem livros,

ficam faltando livros que não devolvem. A gente nem sabe como é a atuação à noite, as professoras pegam e nem ficamos sabendo, às vezes damos falta de alguns.

Técnico - Hoje estamos em 3. Aqui funciona manhã e tarde, mas vou sugerir pra diretora também abrir à noite.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Professora - Essa parte da formação, organização na verdade eu não sei, não conheço. O outro professor que trabalhava antes ele sabia e fazia direito. Ele tinha um computador que tinha tudo, ele fazia uma lista, conseguia encontrar o livro, era muito interessante. Só que nós não estamos seguindo. Não tivemos acesso a essa lista nem ao computador que ele usava. Ele levou. Aposentou e levou embora.

Técnico - Eu tô preparado, tranquilo, a gente tem que adequar pelo que o município oferece pra gente. Dentro do que o município oferece a gente dá conta.

Como são as crianças que escolhem e pegam os livros, eu coloquei por ordem de tamanho, por série também [anos das turmas]. Pra ficar mais fácil de achar do que ficar procurando por sobrenome.

Primeiro é incentivar a leitura, que já houve um acréscimo muito grande, exagerado o que eles pegaram no ano passado pra esse ano. Esse ano, além de pegaram o livro, eles têm que fazer um resumo pra provar que entendeu.

Eu fui conversar com a supervisora, passei a ideia pra ela e aceitou. São poucos que não trazem o resumo, não é 100%. Os que pegam livro direto sempre trazem o resumo. Eles estão lendo e isso vai ajudar na sala de aula. Os resumos eles entregam aqui e depois passo pra supervisora que analisa e depois devolve pra mim.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Professora - Não

Técnico - Do município não, eu tento levar o que aprendi na biblioteca da Ufla, trabalhei lá um ano quando fui emprestado pela prefeitura para lá, no ano de 2000. Lá é meu modelo. Claro que nem tudo que a gente vê lá dá para colocar aqui, é muito diferente.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

Professora - A direção nos dá essa autonomia, de poder ir e vir, de resolver. Na parte dos planejamentos eu que faço, o que vou trabalhar nessa semana, o que vou trabalhar na semana que vem. Porque a gente precisa planejar, sem planejamento não dá.

Não deu certo fazer o planejamento com as professoras, não funciona. Mas durante dá para contemplar o que elas querem. Por exemplo, elas vieram me falar “eles não estão sabendo trabalhar dicionário”, aí eu trabalhei, aliás, a gente deixa os dicionários à disposição deles, mas eu não posso trabalhar dicionário toda semana, porque a gente tem outros assuntos pra abordar. Aí eu passei a responsabilidade pra elas também. Vocês podem trabalhar o dicionário 2 vezes por semana pra nos ajudar. E tem muita coisa pra abordar com as crianças, são muitos assuntos, é muita coisa.

Nosso objetivo principal é fazer com que as crianças adquiram cada vez mais o gosto pela leitura, e a linguagem oral também é nossa preocupação.

Tem que provocar, instigar...

As professoras mesmo falam pra gente, elas falam “olha, o seu trabalho tá muito legal, olha eles estão aprendendo isso, chegaram lá falando isso”. Então a gente percebe que está sendo legal.

De repente no ano que vem eu volto pra sala, parece que é isso que eles estão querendo.

Não estou aqui pra fazer qualquer coisa, o nosso trabalho é sério, tem um propósito. Vamos fazer um planejamento, vamos fazer a diferença, vamos somar na vida dessas crianças.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Professora - Toda semana eu faço um planejamento, por exemplo, semana passada nós trabalhamos o gênero textual carta, foi muito interessante. Nós já trabalhamos textos que eles leram, fizeram a ficha literária e o resumo dos textos que eles leram. Livros também, de acordo com a série também. No 3º ano eles estão na fase de alfabetização ainda, é o 4º e o 5º ano já dá pra pedir mais, já tem mais autonomia. Então eles escolhem o livro, eles leem, fazem nome do autor, ilustrador. Acho interessante também, eu os convido a fazer a interpretação oral do que leu, aí alguns não querem, aí eles ficam ali e falam para os outros o que passou na história e também a gente deixa à disposição deles os dicionários, porque podem encontrar alguma palavra com dificuldade, então eles consultam.

Teve uma semana também que trabalhamos só o dicionário, sabe, algumas palavras, eu expliquei, eles têm bastante dificuldade. Aí eu pedi o apoio das professoras também, pra elas pegarem pelo menos 2 vezes por mês.

Temos as enciclopédias dos estudantes, que são muito interessantes e eles gostam também. Cada aluno lê um trecho de uma enciclopédia e depois eles falam pra turma, então todo mundo fica sabendo do conteúdo. Aí eles interessam e querem levar pra casa.

Sempre escolho a leitura, a internet né, parece que é um cabo de guerra. Querem informática. A gente tem conseguido bastante resultado, a gente usa um português assim um pouquinho mais elaborado pra eles poderem... entonação de voz então eles acham bastante interessante, eles gostam... tem dado certo, o nosso trabalho empírico, nós estamos tentando ajudar as crianças, desenvolver a leitura. Tem dia que a gente pega o livro também e lê. Inclusive eu, depois que eu vim pra cá tenho lido muito, pelo menos 2 livros por semana eu tenho conseguido ler. Nós estamos tentando.

Trabalhamos jornal, tirinha, quadrinhos, que nós não temos, eles amam quadrinhos, eles sempre perguntam “tem quadrinho?”, os gêneros literários para que eles identifiquem cada um.

Contos também, temos muitos exemplares de contos, crônicas, nós trabalhamos crônicas na semana retrasada e acharam o máximo, porque cada um tem uma crônica para contar.

Fazemos contação de história para os menores, para o infantil e 1º ano a gente lê pra ele e depois a gente deixa à disposição. Primeiro a gente lê a história pra eles saberem que o livro é um portador de texto. Eu leio o texto falo “olha que lindo”, a gente pode viajar com a história, porque criança é assim, tem que usar essa linguagem. Ai depois eu leio história, eles comentam, porque eles não são tábua rasa, eles sabem muita coisa, as crianças, eles dão opinião, é uma releitura que a gente faz né. E depois a gente deixa o livro à disposição e eles acham lindo, fazem desenho, a releitura através de desenho.

Inclusive nós trabalhamos também as obras de Vicente Van Gogh, os Girassóis, que foi um sucesso, muito linda, trabalhamos os lavradores de café de Cândido Portinari.

A gente não vai explicando para as crianças assunto solto, nós explicamos tudo, a história de tudo.

Nós trabalhamos também o descobrimento do Brasil, no mês de abril e foi muito interessante, a história é maravilhosa e nós temos alunos estrangeiros aqui, que os pais vêm pra estudar na Ufla. Tem uma de Honduras e não conhecia a história do Brasil, e a gente troca ideia, eles ficam sabendo das coisas e é muito bom. Eles adquirem cultura, nós precisamos estudar pra poder passar pra eles, a gente tem que fazer pesquisa e adaptar pra linguagem de cada um, para entendimento de cada um.

Nós lemos 2 vezes por semana para cada turma, usamos revistas, alguma coisa a gente sempre tem que ler.

O “Lavras lê” é o nosso projeto, que é da Secretaria de Educação, com as professoras fazemos todo ano, a culminância dele é em setembro. São contos de fada, músicas, poemas, poesias, desenvolvemos sim.

O técnico fica por conta de fazer empréstimo, devolver, receber, carimbar, arrumar e eu ministro as aulas.

Técnico - A gente tenta mostrar que pesquisar no livro fica mais interessante.

Nessa semana estamos trabalhando jornal. E fazemos com doações, porque aqui não tem, então pedimos alguns lugares. Hoje vou buscar no hotel Vitória, eles juntam para nós.

A professora [da biblioteca] fez um trabalho hiper interessante com um livro mudo, só tem gravuras, nenhum escrito. Ela fez com todas as séries e eles tiveram que fazer uma apresentação, criar uma história. Teve apresentações interessantíssimas. Eles leem as imagens e vão fazendo a escrita deles. Porque o meu objetivo não é ver se escreveu certo ou errado, o primeiro momento é conseguir escrever uma história.

Esse tipo de trabalho não deixa a mente preguiçosa.

Porque na idade média eles faziam pinturas nas paredes pra quem não sabia ler, por exemplo, pra ter a ideia da via sacra, né. E os povos primitivos também faziam desenho nas paredes das cavernas.

[mostrou os livros mudos que foram trabalhados]

Ela foi fazer também trabalho com revista em quadrinhos, aí a gente foi fazer campanha pra ganhar gibis. Eles gostam muito.

Aqui eu tive que tirar muito livro didático que já tinha passado a validade, então pedi à direção, a direção me deu autorização para mandar pra reciclagem, fiz o processo pra que a gente pudesse ter mais espaço. Aqui era entupido de livro até em cima, a janela nem abria. Fui tirar para até dar mais claridade, espaço pra movimentar, sentar com mais espaço.

Cada atividade a gente faz um cenário diferente, vai remanejando os móveis, mesas, cadeiras. Quando chega livro didático, aqui fica abarrotado aí fica difícil, tenho que arrumar tudo porque a professora tem que dar aula.

O problema é que cada um que fica aqui faz de um jeito. O que estava aqui antes, quando saiu, não conseguimos entender o que ela fez.

Eu uso aqui um fichário.

Nós fazemos uma separação de poemas infantil, e eles estão interessando muito em pegar livros de poemas.

Livros aqui vêm de doações e tem também do governo. Vem do MEC, mas são poucos. Vem mais o didático. Alguns recebemos esse ano que já estava com a supervisão, já havia recebido. Primeiro chega pra revisão, que depois passa para as professoras, depois trabalham na sala e depois que passam pra gente aqui. Mas tem mais é de doações.

Faço a reforma dos livros aqui pra tentar conservá-los.

ESCOLA 8 P11

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Fiz só pedagogia, fiz só curso superior completo, não tenho pós.

Sou efetiva, só que tem que sou professora, sou professora em ajustamento funcional.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Porque eu estava dando reforço e assim, estavam precisando de uma professora na biblioteca, e como a prefeitura não tem condições de contratar funcionário, aí eles perguntaram se eu poderia, mas eu faço o trabalho com uma professora junto. Mas a professora não ajuda em nada, só se tiver indisciplina, só se tiver alguém dando muito trabalho aí ela ajuda, elas só interferem se precisar. A professora fica por perto.

Eu estou gostando muito, estou fazendo um trabalho diferente, eu tô pegando assim, as datas comemorativas, por exemplo, agora foi festa junina, aí eu pego na internet, por exemplo, mas aí eu tenho que correr atrás, porque a escola não tem material. Jornal eu tive que trazer, eu peço retalho, hoje eu estou fazendo um pratinho. A escola não ajuda, aí a gente tem que correr atrás. Na páscoa também eu tive que comprar as forminhas, é baratinho, mas sai do bolso da gente. A escola só arruma cartolina, mas se a gente quiser fazer uma coisa diferente, por exemplo, tem uns carneirinhos com algodão colorido eu que tive que comprar, tem coisa que não é barato e tenho que pôr a mão no bolso. Se quiser fazer uma coisa diferente na escola, você tem que pôr a mão no bolso, né, porque se quiser usar jornal, aqui na escola não tem, é baratinho mas não tem.

Eu estava dando reforço e a diretora me pediu se eu podia dar aula na biblioteca para eles.

Tem a moça que fica aqui, ela também é de ajustamento, é monitora, ela está mexendo com negócio de *tablet*. À tarde essa biblioteca fica mais ou menos, porque ela não tem tempo de ficar o tempo todo aqui, ela tem outras funções e fica complicado pra ela.

Na biblioteca eu vim pra cá em 2014, mas aí eu dava reforço, ainda estou dando nos horários vagos, então, mas assim, no sentido de organizar a biblioteca, esse ano é a XXXXX [nome da monitora]. Então é o seguinte, como ela está com mais funções então ficava assim, mais ou menos. A organização fica mais ou menos, fica a desejar. Não tenho tempo, o ideal seria uma pessoa pra ficar o tempo todo né. Se eu dou aula de manhã, pelo menos à tarde uma pessoa só pra arrumar. Ela não fica aqui porque ela tem mais coisas pra fazer. O que acontece, o professor traz aqui e os alunos ficam à vontade, mexem nos livros, fazem aquela bagunça. Às vezes eu chego aqui, está tudo arrumadinho, ou chego aqui e está tudo bagunçado, aí tenho que reorganizar. Tem menino que mexe nos livros, tem professor que não olha, deixa tudo fora do lugar, entendeu, acontece é isso aí. Porque o ideal é sempre ficar alguém tomando conta, se eu fico até 11:15, de 11:15 pra frente deveria ter alguém, uma pessoa pra cuidar. Mas não fica ninguém e fica aberta, aí o professor vem, aí some as coisas, some livro, é assim. A biblioteca fica aberta o tempo todo, mas não fica ninguém em boa parte do tempo. Não fica responsável o tempo todo.

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

Aqui são 2 pessoas, eu fico até 11:15 direto, dou aula, olho, se vem professor aqui eu ajudo. Mas quando não estou aqui o professor vem e aqui fica sozinho, fica aberto ao público. Precisa de gente pra organizar, mesmo que não faça nada, mas só para olhar, pelo menos. Mesmo que a pessoa não conheça a organização, mas pelo menos fica tomando conta, não pode mexer, que seja uma monitora.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Também não, porque eu não fiz curso assim, de separar o autor, aquela numeração, assim, eu não me sinto preparada, porque eu não fiz curso não. Eu sei separar os didáticos, de ciências. Mas ali na parte de literatura, que tem a numeração certinha, não tem? E também não está informatizada, ela começou a ser informatizada lá dentro do computador, mas também não é assim da maneira correta, porque é assim. Essa biblioteca era mais organizada, tinha a área, a prateleira de teatro, tinha da novela, do romance. Só que acontece que ficou sem bibliotecário aí misturou tudo, se for achar, procurar um teatro, uma poesia você não consegue não viu, tá bem desorganizado, nesse sentido.

Eu gosto muito de ler, até evito. Ultimamente não tô lendo muito não por causa da visão, dá muita dor de cabeça, mas eu gosto muito de ler, quando eu pego um livro em 2 dias já li ele, revista, adoro, aquelas revistas em quadrinho. Jornal, notícias, eu pego o jornal e já começo a ler.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Não sei se no ano passado ou no ano retrasado teve sim, assim, uma coisa bem superficial, mais ou menos, foi na escola Dra. Dâmina, porque lá a biblioteca é pequenininha, era grande, quando trabalhei lá era enorme, mas depois eles, a tendência da escola é assim, quando tem um espaço é fazer sala de aula, aí diminuiu muito lá. Mas lá é bem organizado, tem um moço lá que sabe até de cor aonde está tal livro, mas é pequenininha, então é fácil.

Agora, aqui essa biblioteca também tem um defeito na parte física, aqui era um auditório e é desproporcional, ali tem muito ar, aqui não tem janela e não circula ar nenhum. No calor aqui fica muito quente, aqui fica um forno.

Aqui também serve de depósito, tudo que é caixa traz pra cá, por ela ser grande também serve de depósito.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

O projeto é todo meu.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

A gente às vezes distribui uns livrinhos pra eles lerem. Agora empréstimo não é muito viável aqui não. As crianças pegam e não devolvem, dá pro irmãozinho e depois rasga, tem uns que devolvem, já tem outras que “ah, dei pro meu irmãozinho e ele rasgou”.

A professora às vezes traz aqui põe na mesinha e eles leem, nisso é que fica bagunçado, porque elas pegam na prateleira e depois elas querem colocar e fica fora de ordem. Tem que conscientizar as professoras, quando pegar deixar aqui na mesa. Mas nesse ano já melhorou um pouco, porque andei reclamando e melhorou um pouco, nos anos anteriores estava muito bagunçado mesmo.

O “Lavras lê” as professoras aplicam nas salas de aula, elas fazem cartaz... teve vez que até ajudei fazer cartaz, as professoras trouxeram aqui os meninos aí eu deu umas ideias, peguei livros e acabaram de fazer na sala.

Mas é na sala, eu ajudei só um pouquinho com cartazes, dei umas ideias pra elas.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

Projetos de leitura só nas salas de aula. Mas aqui eu comecei esse ano com os meninos, mas eu estou baseando assim, em datas comemorativas. A gente faz atividades, pesquisa na internet, tem televisão aqui que pega e a gente liga e eles assistem um pouquinho. Por exemplo, hoje eu peguei o pratinho pra decorar e dou umas ideias pra eles, porque se não dar uma ideia eles não fazem nada, aí não faz nada não. Você tem que mastigar bem pra eles.

Se explicar bastante eles desenvolvem, dar bastante material, aí sim.

Eles gostam de coisa diferente.

Os maiores, se der um livro pra eles, querem ver só a gravura, eles não têm muito o hábito de leitura não. Você dá o livro e eles querem ver a gravura, num instantinho querem trocar.

Eu não conto história não. Às vezes eu pego um livrinho e leio pra eles e aí eles fazem algum trabalho, ilustram, fazem algum desenho no caderno, escrevem alguma frase. Eles têm um caderno de desenho e eles trazem.

Mas eles têm gostado muito da aula, eles interessam.

ESCOLA 9 P12

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Minha função aqui é auxiliar de biblioteca. Fico por conta, organizo, empresto os livros, vou nas salas, dou sugestões de livros diferentes. Vou lá, faço a troca, convido eles pra virem aqui ler.

Faço com os alunos, enquanto as professoras vêm aqui dar aula. Daí quando elas querem fazer aquela aula diferente com os livros, elas me pedem antes, aí eu separo tudo certinho. Na segunda e na quinta eu trabalho à tarde, então essas professoras que dão aula à tarde, eu estou aqui para ajudar e as turmas da manhã ficam sozinhas mesmo. De manhã é mais fácil, 3º, 4º e 5º ano já é mais fácil, são meninos mais independentes, é bem mais fácil. À tarde é educação infantil.

Sou efetiva.

Fiz o magistério e eu fiz alguns cursos, até bastante pela internet, fiz curso na Ufla, na Transilândia, fiz vários cursos, pequenos, de poucas horas, mas fiz bastante. Fiz na educação especial, *on-line*. São cursos de 40 horas, 60, 80 horas, cursos basicamente fáceis de fazer, eu faço rápido, mas tem o certificado, certinho. Como aqui a gente trabalha na escola com as professoras que têm mais formação, a gente acaba aprendendo mais ainda, a gente vai trabalhando, trocando ideia, pede uma ajuda aqui ou então a gente passa uma coisa que aprendeu.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Gosto muito, na verdade eu gosto é de tudo, gosto de trabalhar aqui na escola, trabalho com prazer.

Desde 2007 que eu vim pra cá [12 anos].

Como não tem auxiliar de biblioteca à tarde, e eu estou aqui como auxiliar, esse ano eu dividi os meus dias de trabalho, hoje eu trabalho das 7 às 13h, amanhã trabalho do meio dia às 18h, aí vou trabalhar com as turmas da tarde. Porque precisa fazer empréstimo de livros, precisa trazer eles pra cá. Como a Secretaria de Educação, esse ano, não podia mandar uma auxiliar para ficar à tarde, aí a diretora pediu para eu dividir os dias na semana, aí ajudo um pouco de manhã e um pouco à tarde.

Quando não estou aqui qualquer funcionário tem acesso, até as estagiárias, quando vem, elas têm acesso à biblioteca.

Às vezes não sou eu que estou aqui, mas as meninas que vêm tem acesso, as professoras, quando eu não estou aqui elas trazem os meninos. Quando estou dou suporte.

O bom seria se eu ficasse de manhã e teria uma pessoa para ficar à tarde, mesmo que às vezes precisa dar uma saidinha rápida, acho que seria bom, porque biblioteca não pode ficar fechada.

Às vezes você fecha um segundinho, pra ir ali rapidinho. Eu acho que a biblioteca não poderia ficar fechada, no meu ponto de vista, eu acho. Às vezes saio rapidinho, mas todo mundo tem acesso, a chave fica em tal lugar. O certo mesmo seria uma de manhã e outra à tarde.

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

As meninas que foram contratadas como apoio são XXX e XXX [nome das contratadas], sempre dão um apoio, um suporte aqui, praticamente sozinha não tô não.

Quem fica mais direto aqui sou eu, mas às vezes eu saio, precisa dar uma mãozinha no refeitório, no lanche, daí dou uma saidinha e vou. Às vezes a professora precisa dar uma saída, por exemplo, conversar com a diretora, aí vou pra sala e fico, tipo apoio. Quando falta professora também fico na sala. Eu fico mais tempo aqui, mas tendo outras atividades fora eu saio. Na verdade, aqui é pequeno, não tem muito aluno na escola, então o serviço aqui acaba que não fica muito por conta, se ficar só por conta daqui não dá.

A educação infantil começa com a primeira etapa, são 2 turmas da primeira etapa, 3 da segunda etapa, que são à tarde. Duas do primeiro ano e 2 do segundo ano, à tarde. De manhã são 2 do terceiro, 2 do quarto e 2 do quinto, são 6 turmas de manhã.

É bastante turma, mas não são muitos alunos.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Não. Falta muita coisa, eu acho que preciso aprender muita coisa que precisa, porque está muito defasado mesmo, já faz tempos que a secretaria está prometendo um funcionário específico, bibliotecário mesmo, formado para vir dar apoio.

A gente tem muito livro, mas na biblioteca a gente não sabe. A gente lê, mas tem muita coisa que precisa de mais informação.

Eu já trabalhei muitos anos aqui, eu montava minhas aulinhas com fantoche. Esse ano é que a gente fez uma mudança porque, assim, tá precisando de outras coisas, fazer oficinas com esses meninos do 5º ano, porque tem muito menino do XXXXX [nome do bairro vizinho], porque aqui é próximo ao XXXXX [nome do bairro vizinho] e são meninos que são um pouquinho diferentes da realidade daqui da escola, então é por isso que estou desenvolvendo essa oficina com eles pra ver se acalma, se interessa, além da leitura, de alguma coisa diferente, ver se consegue mudar um pouco a formação desses meninos.

As professoras trazem eles pra aula de leitura, ela junto com eles, orientando, e eu ficava nessa parte da organização e trabalhar oficina com esses meninos.

[A servidora faz oficina de artes em paralelo à aula de leitura]

Eu trago eles pra cá, eu não tiro eles da sala, eu tiro eles da sala pra ter aula de biblioteca aqui, aí eu trago eles de 4 em 4, 6 em 6, mas é rápido, dou minha aulinha, explico, a gente faz aquela aulinha rápido, assim, algo interessante, que chama a atenção. Eles gostam tanto que eu falo assim, falta 5 minutinhos e eles “ah deixa eu ficar mais, porque tá bom, preciso terminar, eu quero fazer isso, fazer aquilo”, é uma aula gostosa.

[Fala da oficina na biblioteca]

Mas o que eu gostava mesmo é de trabalhar com os pequeninhos, gosto muito.

Gosto muito, às vezes tem hora que eu pego o livro ali e vou marcando, porque leio em partes, e queria ler mais, mas tem que fazer isso, fazer aquilo, porque só pego nos momentos que estou mais livre, levo pra casa, gosto de ler.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Cursos pequenos, coisa assim de 2 dias, por exemplo. Coordenador que veio de Campo Belo uma vez e deu um curso, na escola Tiradentes, e a gente que é da escola municipal fomos convidados. A gente fez o curso com ele, mas é aquela coisa muito rápida, muito superficial. A vontade que eu tenho é de fazer um curso prolongado, porque é uma coisa, estudar mais, empenhar. Eu tenho vontade sim.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

Tenho. As aulas de leitura são feitas pela professora e eu dou apoio.

[Fala do projeto na sala de leitura, de oficinas, por exemplo: biscuit, fazer confecção de tapete, trabalhar leitura mesmo com artesanato].

Eu e a diretora estamos sentando, de vez em quando, pra trocar umas ideias e a partir de agosto fazer outra coisa diferente. Porque é uma coisa que chama atenção, e eles estão pedindo.

Por exemplo, vamos pintar a cabaça, como uma galinha e aí entra uma história de galinha.

A gente faz um projeto, confecciona com eles e depois apresenta no aniversário da escola, na semana da família, em agosto. Porque é quando o pai e a família vêm visitar.

Hoje comecei a trabalhar com eles pipa, já recortaram algumas, já começaram a modelar [de biscuit].

A massa de biscuit a diretora comprou pra gente começar com os meninos.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Tem a mala de leitura que as professoras trabalham também. Além do que eles levam, as professoras montam um projeto das malinhas de leitura. Levam pra casa, leem com os pais, trazem, costuma ir uma ficha de leitura com o nome do livro, o autor, o que achou da história. Depois eles recontam na rodinha, cada dia a malinha é um aluno que leva e quando ele vem, volta pra escola com a malinha, ele senta na rodinha e reconta.

Os livros, alguns até acho que é a prefeitura que compra, porque quando vem as folhas eu dou baixa aqui e entrego na secretaria de educação, lá fica num arquivo e tem de onde vem. Mas é o governo de Minas que manda. Acho que a prefeitura tem uma verba lá, acho que tem uma parte lá que é ela que financia.

Tem um caderno que eu registro, um caderno para o professor e um caderno para o aluno, registro entrada, saída, quantos dias os meninos podem ficar com o livro. A gente não cobra nada, a gente pede muito para não atrasar.

A gente arruma pra chamar atenção dos meninos. Tem que ficar alegre para agradar as crianças. Nesse ano de 2019 estou na biblioteca para emprestar livros, receber livros, ajudar na organização. Não estou mais dando aulas para os meninos não, agora são as professoras mesmas que fazem.

Por ser um bairro mais afastado e para as crianças fazerem algum trabalho em outras bibliotecas na cidade fica mais difícil, e tendo “esses profissionais” que vierem aqui para dar essa assistência vai ser muito bom.

Estou fazendo oficina com os meninos, aqueles assim que às vezes fica meio ocioso, ou às vezes copia rápido, ou chega com algum problema de casa, aí eu trago eles pra cá e ensino a fazer biscoit. Então eu estou fazendo uma oficina. Tem mais ou menos um mês um mês e meio, está dando muito certo. Eles estão melhorando, a gente percebe que eles estão gostando, porque é uma coisa diferente, assim 20 minutinhos, explico o que eles vão fazer, pergunto primeiro o que que eles gostariam de fazer, o que eles acham de fazer isso ou aquilo. Está ficando muito bom.

ESCOLA 10 P13

1. Qual sua formação acadêmica? Você é efetivo ou contratado?

Habilitação ao magistério, pedagogia e pós em psicopedagogia.

Sou efetiva.

2. O que o levou a ser designado a trabalhar na biblioteca? Está satisfeito com sua alocação? Quanto tempo atua nesta função?

Pedido pessoal para sair de sala de aula, pois não aguentava mais ficar em sala de aula.

Sim, estou bem satisfeita.

Estou aqui há 5 anos.

3. Quantos profissionais compõem a equipe da biblioteca? Esse número atende, adequadamente, a necessidade da escola? Qual o horário de atendimento aos estudantes?

São duas professoras, uma no período da manhã e uma no período da tarde.

Não. À tarde sim, na manhã não é dada aula, mas à tarde eu tenho que dar aula, tenho que fazer outros serviços da biblioteca, entregar apostilas, fazer empréstimo de livros. Mas de manhã eu não sei como é o serviço aqui.

A biblioteca funciona das 7h às 11:30 e depois de 13:00 às 17:15.

4. Você se sente preparado e com competência técnica a desenvolver os trabalhos característicos da biblioteca escolar? Você se considera um sujeito leitor?

Para os processos técnicos da biblioteca não, só para as aulas que são propostas.

Leio somente literatura infantil. Não me acho uma leitora assídua, só leio para preparar as aulas, e algumas coisas de interesse pessoal.

5. Teve algum curso ou formação continuada para desempenhar o trabalho na biblioteca escolar?

Sim, mas não foi suficiente. As formações que tivemos foram mais para a área de contação de histórias e pra organização básica da biblioteca, de organização de prateleira e uma certa classificação dos livros.

6. Existe comunicação e interação com os docentes, para planejar conteúdos a serem desenvolvidos na biblioteca?

No planejamento não, mas no decorrer do ano sim. Eu faço o planejamento de forma independente, sozinha, sem envolvimento com as professoras, mas elas sabem o que estou fazendo, sabem dos conteúdos que trabalho com as crianças, da forma que realizo as atividades, embora elas não participem das aulas que dou na biblioteca.

7. Quais atividades você desempenha na biblioteca e quais ações são oferecidas aos alunos, com vistas à formação do sujeito leitor?

Sempre uma história com atividades, antes, durante e/ou depois delas. Realizo empréstimo de livros, momentos de leitura dentro da biblioteca, apresentações dos alunos, conto feito por eles, algumas atividades de escrita também, peço para reescreverem uma parte da história que foi vista.

O projeto “Lavras lê” é desenvolvido por cada professor na sala de aula e também na biblioteca. A proposta da prefeitura é ampla, não vem muito específica, eles trabalham de um jeito e eu trabalho de outro, por exemplo, no ano passado veio a proposta de trabalhar valores, aí eu trabalhei vários meses, principalmente sobre o respeito às diferenças, com histórias em relação a isso, o diferente, *bullying*, entendeu? O tema foi trabalhado pela professora em sala de sala e por mim na biblioteca, mas com textos, livros diferentes.

8. Existe algum projeto de leitura, específico, desenvolvido na biblioteca por você?

De forma particular eu trabalho normalmente a cada mês ou a cada dois meses um projeto diferente. Eu que desenvolvo e realizo esses projetos. Às vezes também a supervisora já pediu para trabalhar algum tema específico, por exemplo, namoro, estava tendo namorico entre as crianças, aí eu trabalhei histórias que falam sobre isso. Veio da secretaria de educação, por exemplo, abuso sexual, que era uma proposta para a escola trabalhar, aí a supervisora pediu que eu fizesse esse trabalho dentro da biblioteca. Páscoa também ela pediu para trabalhar.

Fiz vários projetos, mas embora sempre envolvam uma contação de história, eles têm temas específicos, por exemplo, trabalho um tipo de texto, fábulas, por exemplo. Em outra ocasião eu trabalho um autor, características dele. Outros são temas de interesse, como o caso de abuso sexual, de namoro.

APÊNDICE C - PROPOSTA DE CURSO DE EXTENSÃO PARA PROFISSIONAIS QUE ATUAM NAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

1 Objetivo do curso

Considerando a definição de Pimentel, Bernardes e Santana (2007), uma biblioteca escolar é aquela que é localizada em escolas e sua função primordial é de integrar-se na dinâmica do ensino, com os professores, subsidiando a implementação do currículo escolar. Para eles a biblioteca é um centro de recursos educacionais, sendo mister sua participação nos processos de ensino e aprendizagem, em contínua integração com os docentes, a fim de fomentar a informação e a leitura aos seus alunos.

Com esta definição, apresentamos este curso, que tem o objetivo de desenvolver competências ou seu aperfeiçoamento aos profissionais que atuam nas bibliotecas escolares, como professores e auxiliares em bibliotecas, através de subsídios específicos da área da biblioteconomia e sobre letramento literário. Serão apresentados conteúdos teóricos e práticos, capacitando os participantes para o uso de ferramentas de gestão nas áreas estratégicas da biblioteca escolar, além dos conteúdos de mediação da informação, práticas pedagógicas e competência informacional.

Pretende-se possibilitar aos participantes a oportunidade de atuação nas áreas técnicas e de serviços das bibliotecas escolares, familiarizando-os com métodos de trabalho de forma a otimizar as atividades características de uma biblioteca escolar.

2 Justificativa

Verificou-se que nas bibliotecas escolares possuem profissionais (servidores) com o cargo de “auxiliar de biblioteca” e “professoras”, com formação pedagógica, compatível com as atividades escolares em sala de aula, porém, falta-lhes formação específica para realizarem procedimentos próprios da biblioteca escolar, tais como, noções em organização do acervo, trabalho com base de dados para empréstimo, organização dos livros nas estantes, devolução de livros e outros materiais. Almeja-se que os professores tenham a possibilidade de obter competência informacional suficiente para ajudarem os alunos a utilizarem as bibliotecas escolares em suas atividades escolares, e também que tenham subsídio para atividades de letramento literário, de forma a incentivar e formar leitores conscientes, críticos e criativos.

3 Metodologia

O curso será dividido em módulos, ministrado integralmente de forma presencial, em alguma escola municipal, a ser definida pela Secretaria Municipal de Educação, ou em salas de aula da Universidade Federal de Lavras, dependendo da disponibilidade do espaço para o desenvolvimento do curso.

Serão realizadas atividades teóricas e práticas, com treinamentos, aprendizagens e orientações técnicas.

Serão disponibilizados textos para leitura dos participantes, que irão contribuir para a formação teórica e competência deles.

Serão necessários: computador, projetor multimídia, Quadro-negro ou similares e rede de internet.

4 Duração do curso

1º módulo: 6 horas

2º módulo: 4 horas

3º módulo: 4 horas

4º módulo: 8 horas

5º módulo: 8 horas

Total de horas do curso: 60 horas, sendo 30 horas com aulas presenciais e 30 horas para leituras e estudos da temática a ser trabalhada.

5 Público alvo

Professores responsáveis pela Biblioteca Escolar, ou seja, professores readaptados ou temporários da rede municipal, que legalmente atuam ou possam atuar nas bibliotecas das escolas municipais. Técnico-administrativos vinculados às bibliotecas escolares do município.

6 Atores envolvidos

Bibliotecários/documentalistas, docentes do Departamento de Educação e discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Lavras (UFLA).

7 Módulos dos cursos

7.1 Primeiro módulo: Introdução

No primeiro módulo serão apresentadas as principais funções e objetivos da biblioteca escolar. Estas baseadas nos critérios apresentados por Fragoso (2002), como a informação, a educação, a cultura e a recreação. Serão discutidas algumas políticas para a biblioteca a partir da IFLA, do manifesto da Unesco, do PCN de Língua Portuguesa e também sobre a Lei 12.244/2010. Serão abordadas algumas atribuições do profissional que atua na biblioteca, seja bibliotecário graduado, auxiliar de biblioteca ou professor.

Divisões do primeiro módulo:

- 1 Contextualização da Biblioteca Escolar: funções e objetivos da Biblioteca Escolar
- 2 Biblioteca Escolar: Políticas da IFLA e Manifesto da UNESCO
- 3 Atuação e importância do profissional na biblioteca
 - 3.1 Perfil do Bibliotecário Escolar: Bibliotecário Educador
 - 3.2 O que faz o auxiliar de biblioteca
 - 3.3 Competências e habilidades
- 4 LDB, PCN, BNCC e a Lei 12.244/2010

Sugestões de leitura

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bncc>>. Acesso em: 23 jan. 2020.

BRASIL. **Lei nº 12.244**, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm>. Acesso em: 6 dez. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, DF, 1997. 144 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília, DF, 1998. 106 p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2019.

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura:** biblioteca e formação. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016. 93 p. Disponível em: <http://www.euquerominhabiblioteca.org.br/wp-content/uploads/2019/04/nolugardaleitura_percivallemesbritto_PDFDIGITAL.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, São José, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/460>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola:** um programa de atividades para o ensino fundamental. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 304 p. (Formação humana na escola, 4).

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Ed. UnB, 2007. 117 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas:** o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 115-135.

7.2 Segundo módulo: Organização da Biblioteca Escolar

Serão debatidas as possibilidades de ambiência, de soluções criativas para oferecer aos alunos, professores e comunidade, um espaço agradável e prático para a leitura. Analisar as tipologias e suportes físicos adequados a cada realidade.

O segundo módulo será dividido nos temas:

- 1 O espaço da biblioteca escolar
- 2 Ambiente e Ambiência
- 3 Equipamento e mobiliário
- 4 Acessibilidade na Biblioteca

Sugestões de leitura

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura:** biblioteca e formação. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016. 93 p. Disponível em: <http://www.euquerominhabiblioteca.org.br/wp-content/uploads/2019/04/nolugardaleitura_percivallemesbritto_PDFDIGITAL.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

FRAGOSO, Graça Maria. Biblioteca na escola. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, São José, v. 7, n. 1, p. 124-131, 2002. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/380/460>>. Acesso em: 20 abr. 2020.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola**: um programa de atividades para o ensino fundamental. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 304 p. (Formação humana na escola, 4).

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Ed. UnB, 2007. 117 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 115-135.

7.3 Terceiro módulo: Gestão do acervo

Discutir sobre os tipos de suporte de textos, os cuidados para sua segurança e conservação. Debater sobre o desenvolvimento de políticas de seleção e descarte dos materiais alocados na biblioteca.

O terceiro módulo será apresentado com a seguinte subdivisão:

- 1 Desenvolvimento de coleções: formação do acervo
- 2 Política de seleção e descarte
- 3 Participação dos docentes no desenvolvimento das coleções
- 4 Conservação e preservação

Sugestões de leitura

NAVES, Madalena Martins Lopes; KURAMOTO, Hélio (Org.). **Organização da informação**: princípios e tendências. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/25>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Ed. UnB, 2007. 117 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas**: o mediador em formação. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 115-135.

VERGUEIRO, Waldomiro de Castro Santos. **Desenvolvimento de coleções**. São Paulo: Polis; Associação Paulista de Bibliotecários, 1989. 95 p.

7.4 Quarto Módulo: Processamento técnico dos materiais

Neste módulo serão apresentados processos e procedimentos de análise da obra, todo o processamento adequado para registro, armazenamento e recuperação dos materiais, independente do suporte físico. Também serão apresentadas de bases de dados gratuitas para implementação dos serviços oferecidos pela biblioteca.

Os temas do quarto módulo serão apresentados conforme a disposição abaixo:

- 1 Princípios de tratamento técnico do material: registro (tombamento) e descrição (catalogação)
- 2 Classificação dos materiais
 - 2.1 Interpretando o número de chamada
- 3 Princípios e técnicas de indexação
- 4 Preparo do material para circulação
- 5 A ordem dos livros nas estantes
 - 5.1 A organização do acervo
- 6 Bases de dados

Sugestões de leitura

NAVES, Madalena Martins Lopes; KURAMOTO, Hélio (Org.). **Organização da informação: princípios e tendências**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2006. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/25>>. Acesso em: 10 fev. 2020.

PIMENTEL, Graça; BERNARDES, Liliane; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Brasília: Ed. UnB, 2007. 117 p. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/profunc/biblio_esc.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. In: SOUZA, Renata Junqueira de (Org.). **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação**. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 115-135.

7.5 Quinto Módulo: Práticas pedagógicas para o letramento literário

Neste módulo serão debatidas a importância e a necessidade da leitura, estratégias de motivação e sensibilização em relação à leitura. A importância da participação no planejamento

e execução dos projetos educativos e organização de eventos para a promoção da leitura literária.

O módulo será apresentado conforme a subdivisão abaixo:

- 1 Letramento: o que é isso?
- 2 Mediação da Leitura
- 3 Práticas sociais de leitura e de escrita
- 4 Letramento literário: possibilidades de leitura
- 5 Literatura Infantil e Juvenil
- 6 Atividades culturais e educacionais com os alunos

Sugestões de leitura

BRITTO, Luiz Percival Leme. **No lugar da leitura:** biblioteca e formação. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literário, 2016. 93 p. Disponível em: <http://www.euquerominhabiblioteca.org.br/wp-content/uploads/2019/04/nolugardaleitura_percivallemesbritto_PDFDIGITAL.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário:** teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. 139 p.

GASQUE, Kelley Cristine Gonçalves Dias. **Letramento informacional:** pesquisa, reflexão e aprendizagem. Brasília, DF: Ed. FCI/UnB, 2012. 181 p. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/13025/1/LIVRO_Letramento_Informacional.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.

KUHLTHAU, Carol. **Como usar a biblioteca na escola:** um programa de atividades para o ensino fundamental. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. 304 p. (Formação humana na escola, 4).

LETRAMENTO literário inclusivo: práticas para a formação do leitor literário crítico-cidadão, em condições de igualdade, a alunos portadores da síndrome de down no ensino fundamental II. Disponível em: <https://monografias.brasile scola.uol.com.br/pedagogia/letramento-literario-inclusivo-praticas-para-formacao-leitor.htm#indice_18>. Acesso em: 20 abr. 2020.

APÊNDICE D - ATIVIDADE DE LEITURA DESENVOLVIDA EM UMA BIBLIOTECA ESCOLAR

Segue modelo de algumas atividades de leitura que foram desenvolvidas em uma biblioteca escolar da rede municipal, no segundo semestre do ano de 2019, como requisito curricular da disciplina “Laboratórios de práticas educativas”, para que o professor possa visualizar outras possibilidades de sistematização de projetos de leitura literária.

Este projeto, que teve como objetivo a promoção da leitura literária, de forma a despertar o interesse e o gosto pela leitura, foi aplicado em turmas de segundo, terceiro e quarto anos do ensino fundamental I, em aulas de duração de 50 minutos para cada turma.

A aplicação desse projeto teve os seguintes critérios:

Apresentar informações básicas da biografia da autora Eva Furnari, como importante colaboradora da literatura infantil contemporânea, trabalhando também os conceitos de biografia e autobiografia; desenvolver a criatividade; saber identificar características marcantes da autora; promover diversão e prazer, reconhecendo o humor nas histórias; promover a interação e a socialização entre os alunos; compreender textos e interpretá-los; desenvolver a linguagem oral e escrita; trabalhar o aspecto lúdico; diferenciar histórias reais e imaginárias; reconhecer e diferenciar autor e ilustrador, e; compreender o conceito de histórias mudas e interpretá-las.

Atividades

Tema da primeira aula: “Conhecendo Eva Furnari”.

Finalidade: apresentar a autora Eva Furnari, identificando o que é uma biografia e uma autobiografia.

Nessa aula introdutória, “Conhecendo Eva Furnari”, o professor deve orientar as crianças a prestarem atenção, para responderem às seguintes questões:

- a) Onde Eva Furnari nasceu?
- b) O que aconteceu quando ela tinha 3 anos de idade?
- c) O que Eva Furnari fazia antes de começar a escrever livros e por que começou a escrever?
- d) Observando o vídeo, o que podemos perceber sobre a ilustração que ela mais faz ou parece gostar de fazer?

Exibir o vídeo sobre a “mini biografia de Eva Furnari” (<https://www.youtube.com/watch?v=02n9qY5gk5M>).

Na sequência explicar a diferença de uma biografia de uma autobiografia. Convidar uma criança para “fazer a biografia” oral de um colega que conheça bem.

Convidar outra criança para fazer a autobiografia.

A segunda aula tem como tema “Conhecendo algumas obras de Eva Furnari”.

Como primeira obra, foi utilizado o livro “Você troca?”

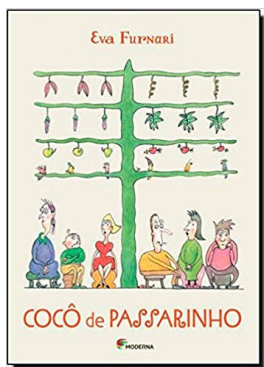


Mostrar a capa do livro e apresentar a história em “vídeo-livro” (<https://www.youtube.com/watch?v=CggoyphesNk&t=25s>).

Após a exibição do vídeo convidar os alunos para fazerem mais uma parte da história. Para a atividade deve-se pedir que os alunos repartam uma folha do caderno e escolham dois objetos que rimam para desenhar e escrever, propondo a troca, assim como foi visto no livro.

A terceira aula também tem o tema “Conhecendo algumas obras de Eva Furnari”.

Obra utilizada: “Cocô de passarinho”.



Pode-se explorar a capa perguntando as crianças sobre o que eles supõem que seria aquela história.

Pode-se reforçar o humor presente nas obras de Eva Furnari, como característica da autora. Apresentar a história, lendo ou contando. Ao final da história a professora pode desenhar um círculo na folha do caderno dos alunos e propor a seguinte atividade: que cada criança complete o círculo desenhando e transformado em um dos habitantes da pequena cidade da história, usando chapéu, de acordo com o livro.

A quarta aula pode iniciar mostrando a capa de 4 livros de Eva Furnari. Seguem os títulos:



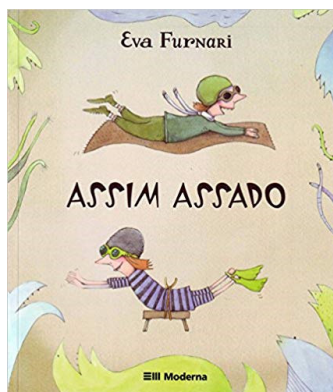
Pedir que aos alunos observem as capas e depois falem o que há em comum entre os livros.

Exibir o vídeo com a história: Trudi e Kiki (<https://www.youtube.com/watch?v=7It1jzqjuZ4>).

Após a exibição, perguntar o que observaram na história. Destacar que é uma história muda, reforçando o conceito.

Apresentar o livro da bruxinha Zuzu e mostrar a ausência de texto. Pode propor uma atividade de “inferência” no caderno, onde as crianças devem completar o traço ^, formando um desenho relacionado à história.

Para a quinta aula pode-se iniciar conversando e apresentando aos alunos o livro escolhido para aquele momento. Explicar que a mesma história será contada de três maneiras distintas, para que as crianças acompanhem as diferentes formas de leitura de uma história. O livro adotado para essa atividade tem o título de “Assim assado”.



O primeiro vídeo é a leitura da história (livro lido). O vídeo mostra as páginas do livro enquanto uma criança faz a leitura. Em seguida apresenta-se o segundo vídeo, contado por Fafá (uma adulta contadora de histórias) e, por fim, mostrar o último vídeo, onde a história é “cantada”, através de uma música feita com a história, enquanto apresenta as páginas do livro.

Explicar que existem várias formas de contar histórias, nesse caso são três. Pode-se perguntar se eles conhecem outras formas e questionar sobre a semelhança desta obra com outras histórias da autora.

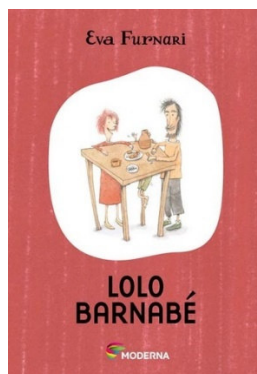
Pedir que façam uma ilustração de alguma parte que contém humor na história, alguma coisa que eles gostaram. Ao final dessa atividade os alunos apresentam suas produções justificando a escolha das ilustrações.

Links para atividade:

- Livro lido: <https://youtu.be/NOw08JAcC-E>
- Livro contado: https://youtu.be/htAp_GNDj-8
- História cantada: https://youtu.be/6O_cgX_IXPs

A sexta aula pode-se utilizar o canal chamado “Varal de histórias”, para contar mais uma história de Eva Furnari.

Obra utilizada nessa aula:



Colocar a história (<https://www.youtube.com/watch?v=A7M1z0snvgw&t=2s>). Ao finalizar, perguntar se acham que Lolo Barnabé foi realmente o inventor de tudo o que apareceu na história.

Questionar se essa era uma história real ou imaginária. Pedir que expliquem a diferença. Propor que desenhem no caderno duas ou três das invenções que cada um achar mais importante para a atualidade. Pode-se também perguntar o porquê das escolhas.

Para a sétima aula será adotado o livro “Não confunda”, finalizando o projeto “Conhecendo Eva Furnari”. Mostrar a capa e perguntar se já conhecem as personagens ilustradas, resgatando o livro “Você troca”.



Contar a história mostrando as páginas do livro. Recontar pausando para identificar as palavras que rimam.

Ao terminar, pode-se questionar aos alunos o que podemos dizer sobre ela.

Pedir para fazerem uma ilustração de alguma parte da história.

Sequência dos livros utilizadas nas aulas:

1ª aula – Mini biografia de Eva Furnari

EVA Furnari: biografia de Eva Furnari, autora e ilustradora de diversos livros da literatura infantil brasileira (5 min). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=02n9qY5gk5M>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

2ª aula – livro “Você troca?”

LIVRO você troca Eva Furnari (4 min). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=CggoyphesNk&t=25s>>. Acesso em: 10 set. 2019.

FURNARI, Eva. **Você troca?** 3. ed. São Paulo: Moderna, 2011. 32 p.

3ª aula – livro “Cocô de passarinho”

FURNARI, Eva. **Cocô de passarinho** 2. ed. São Paulo: Moderna, 2013. 32 p.

4ª aula – livro “Trudi e Kiki”

TRUDI e Kiki (6 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7It1jzqjuZ4>>. Acesso em: 11 set. 2019.

FURNARI, Eva. **Trudi e Kiki**. São Paulo: Moderna, 2010. 32 p.

FURNARI, Eva. **A bruxa Zelda e os 80 docinhos**. 9. ed. São Paulo: Ática, 2005. 40 p.

FURNARI, Eva. **A bruxinha e o Godofredo**. 8. ed. São Paulo: Gaia, 2005. 32 p.

FURNARI, Eva. **A bruxinha Zuzu**. São Paulo: Moderna, 2010. 32 p.

5ª aula – livro “Assim assado”

AUDIOLIVRO: Lia lê pra gente o livro “assim assado” de Eva Furnari (3 min). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NOw08JAcC-E>>. Acesso em: 10 set. 2019.

ASSIM assado, de Eva Furnari, por Fafá conta: contação de histórias (2 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=htAp_GNDj-8>. Acesso em: 10 set. 2019.

PALAVRA cantada: assim assado (4 min). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=6O_cgX_IXPs>. Acesso em: 10 set. 2019.

FURNARI, Eva. **Assim assado**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2004. 32 p.

6ª aula – livro “Lolo Barnabé”

LOLO Barnabé: varal de histórias (10 min). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=A7M1z0snvgw>>. Acesso em: 10 set. 2019.

FURNARI, Eva. **Lolo Barnabé**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2010. 32 p.

7ª aula – livro “Não confunda”

NÃO confunda, de Eva Furnari (2 min). Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=o2aXHJ0B5vo>>. Acesso em: 10 set. 2019.

FURNARI, Eva. **Não confunda**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2011. 31 p.

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO APROVADO PELO CEP-UFLA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE LAVRAS	
-----------------------------------	---

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES

Pesquisador: Ilza do Carmo Vieira Goulart

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 15316119.1.0000.5148

Instituição Proponente: Universidade Federal de Lavras

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.425.033

Apresentação do Projeto:

A BIBLIOTECA ESCOLAR COMO ESPAÇO DE AÇÕES PEDAGÓGICAS PARA FORMAÇÃO DE LEITORES

Considerando a biblioteca escolar como um espaço de recurso pedagógico, este projeto de pesquisa traz como questionamento: Há interação entre

o professor ou profissional que atua na biblioteca e as atividades desenvolvidas pelo professor, com finalidade de contribuição para letramento

literário? Diante disso, esse trabalho justifica-se pelo reconhecimento da biblioteca escolar como importante instrumento no processo educacional e

pela necessidade das atividades aí desenvolvidas estarem integradas aos processos pedagógicos, participando efetivamente da construção do

ensino e da aprendizagem das crianças e jovens nas escolas, de forma a oferecer subsídios de informação aos professores e alunos, e estimulando

os discentes à prática da leitura. Para isso, a pesquisa tem como objetivo identificar as ações desempenhadas pelo profissional que atua nas

bibliotecas escolares da rede municipal de ensino da área urbana de uma cidade do sul de Minas Gerais, com a finalidade de compreender qual a

função da biblioteca escolar no processo de formação de leitores. A proposta é realizar uma pesquisa com abordagem qualitativa, de caráter

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037	CEP: 37.200-000
Bairro: PRSVCCEP	
UF: MG	Município: LAVRAS
Telefone: (35)3829-5152	E-mail: ccep@mintec.ufla.br

Continuação do Projeto 3.425.003

revisão de literatura, para reunir, classificar e ordenar textos acadêmicos que versam sobre a função da biblioteca escolar e seu papel como instrumento de apoio aos docentes. Buscaremos informações, assumindo como procedimento metodológico de coleta de dados um instrumento semiestruturado, de entrevistas, com profissionais que atuam nas bibliotecas das escolas urbanas da rede municipal de ensino de uma cidade do sul de Minas Gerais, e, assim, conheceremos quem é esse profissional que atua na biblioteca, qual sua formação, se teve alguma instrução para desenvolver seus trabalhos nesse espaço, o que o levou a atuar na biblioteca, ouvir relatos de experiências sobre os trabalhos desenvolvidos na biblioteca, se há interação com os professores para o desenvolvimento das atividades de ensino-aprendizagem, quais projetos são desenvolvidos, sobretudo, projetos que promovam o uso da biblioteca e o desenvolvimento da leitura.

Objetivo da Pesquisa:**Objetivo Primário:**

Identificar as ações desempenhadas pelo profissional que atua nas bibliotecas escolares da rede municipal de ensino da área urbana de uma cidade do sul de Minas Gerais, com a finalidade de compreender qual a função da biblioteca no processo de formação de leitores.

Objetivo Secundário:

Identificar quem são os profissionais que atuam nas bibliotecas das escolas municipais urbanas, qual sua formação e o motivo de estarem atuando na biblioteca, por meio de entrevistas; Inventariar as atividades desenvolvidas em cada biblioteca e sua contribuição para a formação de leitores, no processo educacional; Analisar as políticas educacionais em relação a projetos de leitura desenvolvidos nas bibliotecas escolares; Identificar qual a percepção dos profissionais que atuam nas bibliotecas sobre a importância desse espaço no processo de ensino-aprendizagem; Descrever a percepção responsáveis pela biblioteca sobre a integração pedagógica da biblioteca na escola. Verificar qual o percurso de formação literária possuem os profissionais que atuam nesses espaços, para assim propor parcerias de cursos de formação.

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037
Bairro: PIRACICÓPIA CEP: 37.200-000
UF: MG Município: LAVRAS
Telefone: (35)3825-5182 E-mail: coep@nintec.ufes.br

Continuação do Parecer: 3.425.003

Avaliação dos Riscos e Benefícios:**V - RISCOS ESPERADOS**

A entrevista como instrumento metodológico de pesquisa oferece ações de riscos, como: Invasão da privacidade do sujeito da pesquisa; causar aborrecimento ao responder a questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade; causar irritabilidade, perder o autocontrole e a integridade ao revelar pensamentos e sentimentos nunca revelados; discriminar o sujeito a partir do conteúdo revelado; divulgar de dados confidenciais (registrados no TCLE); causar aborrecimento por tomar o tempo do sujeito ao responder às questões da entrevista; divulgar de forma indevida a imagem fotográfica do sujeito sem o consentimento.

Cita-se como desconforto a utilização de filmagens e aparelhos de gravação de áudio, como recurso tecnológico na realização da entrevista. Agendamento de entrevista em local que não transmita segurança ou comprometa a integridade física do sujeito, que cause stress ou irritabilidade, como excesso de barulho, movimentação e circulação de pessoas. Outro desconforto pode-se citar o uso inadequado de palavras ou de expressões do entrevistado ao fazer a elaboração do relatório final de pesquisa, como recortes indevidos dos enunciados, uso de expressões descontextualizadas, arranjos ou distorções de frases, diferenciando-se dos registros originais de transcrição, para atender a interesses pessoais de pesquisa. Outro risco e desconforto refere-se à identificação do candidato ou da instituição escolar, sem o consentimento dos entrevistados, fazendo menção em publicações científicas dos nomes dos candidatos ou das escolas que participaram da entrevista, quebrando o sigilo e compromisso ético assumidos com o TCLE.

VI – BENEFÍCIOS

Os resultados da pesquisa trarão como benefícios uma reflexão sobre ações que contribuam para a formação do leitor, de modo que o conhecimento das ações desenvolvidas nas bibliotecas

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037
 Bairro: PIRACICABA CEP: 37.200-000
 UF: MG Município: LAVRAS
 Telefone: (35)3825-5182 E-mail: coop@nintec.ufa.br

Continuação do Parecer: 3.425.003

escolares, permitirão o (re)pensar sobre as práticas de leitura na formação de leitores, (re)ver ações que promovem o gosto e o hábito da leitura nas escolas, incentivar a relação da família com a escola e valorizar o processo de formação de professores leitores.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante, tem dois pontos de suma importância os quais justificam seu mérito para ser desenvolvida. 1º Valorizar o professor responsável pela espaço da biblioteca, o qual nem sempre tem sua importância evidenciada. 2º Da mesma forma valoriza o espaço de leitura, e fomenta reflexões sobre sua contribuição no processo de letramento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados como preconiza este Comitê

Recomendações:

Não há recomendações

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Ao Final do experimento o pesquisador deverá enviar relatório final, indicando ocorrências e efeitos adversos quando houver.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DO_PROJETO_1371904.pdf	04/06/2019 17:15:55		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.pdf	04/06/2019 17:03:15	Isa do Carmo Vieira Goulart	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Comentarios_eticos_sobre_o_projeto_d_e_pesquisa.pdf	04/06/2019 17:03:05	Isa do Carmo Vieira Goulart	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	04/06/2019 17:02:50	Isa do Carmo Vieira Goulart	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Autorizacao.pdf	04/06/2019 17:02:40	Isa do Carmo Vieira Goulart	Aceito
Brochura Pesquisa	Projeto.pdf	04/06/2019 17:00:35	Isa do Carmo Vieira Goulart	Aceito

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037
Bairro: PRVCOEP CEP: 37.200-000
UF: MG Município: LAVRAS
Telefone: (35)3829-5152 E-mail: coep@intec.ufes.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
LAVRAS



Continuação do Parecer: 3.425.003

Folha de Rosto	Folha_de_Rosto.pdf	04/06/2019 16:59:40	Isa do Carmo Vieira Goulart	Aceito
----------------	--------------------	------------------------	--------------------------------	--------

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

LAVRAS, 28 de Junho de 2019

Assinado por:
Glauária Aparecida Botelho Santos
(Coordenador(a))

Endereço: Campus Universitário Cx Postal 3037
Bairro: PIRYCOEP CEP: 37.200-000
UF: MG Município: LAVRAS
Telefone: (35)3629-5162 E-mail: conep@nintec.ufa.br